

RaPa
DURa

<i>À guisa de um editorial</i>	4
 <i>Inéditos</i>	
Vida ilustrada	11
Mudanças na imprensa costumam indicar mudanças na sociedade	14
A besta sanguinária do Iluminismo	20
 <i>Loucura</i>	
Loucuras, transgressões, abandonos, iluminações, caminhadas	32
A viga de ferro	36
O Coringa de Alan Moore: o modelo para o caos	38
“Afeto” e outros poemas	52
Vila-Matas e Walser: o desaparecimento e a loucura	55
Corpo & Neve	61
O Passeio filosófico de Robert Walser	74

Modos de usar sua **RapaDura**

Inspiração

Sobre musas e vísceras	81
O samba, “na realidade” e o samba, na atualidade	83
Quando faltam as palavras	89
Cartas sobre Cezanne	92
A inspiração vem de onde?	96
Visita Noturna	98
Três xícaras de inspiração	99
_ensaio fotográfico	106

Fronteiras

Saudade na fronteira ou a fronteira da saudade	115
Assinatura anônima	122
A imaginação e as fronteiras	126
O capítulo além-mar da minha vida	135

.....

Olá, bem vindos à primeira versão impressa da revista RapaDura. É com enorme prazer que dizemos: conseguimos! Desde a ideia da revista on-line às conjecturas desta edição física lá se vai quase um ano de muitas e muitas reuniões regadas a café e... *rapadura*. Criar e manter uma revista são tarefas complexas, ainda que as facilidades atuais de produção, divulgação e, até mesmo, de publicação apontem o contrário. Nos mantivemos firmes a esse objetivo e sequiosos nesse sentido. Sim, estamos orgulhosos do que apresentamos a vocês, e há de se destacar que as revistas e

os periódicos de arte fazem parte de nossa formação identitária e sempre desempenharam aspecto importante na própria cultura brasileira. Foi assim o ideário da *Nitheroy* – Revista Brasiliense, fundada por Gonçalves Magalhães, Araújo Porto Alegre e Francisco Torres Homem e considerada uma das precursoras do movimento romântico brasileiro. A publicação em revistas e jornais, ainda no século XIX, foi o espaço que abarcou as primeiras letras de escritores como José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo. Machado de Assis foi outro para o qual as revistas literárias tiveram papel importante. Afinal, foi na revis-

.....

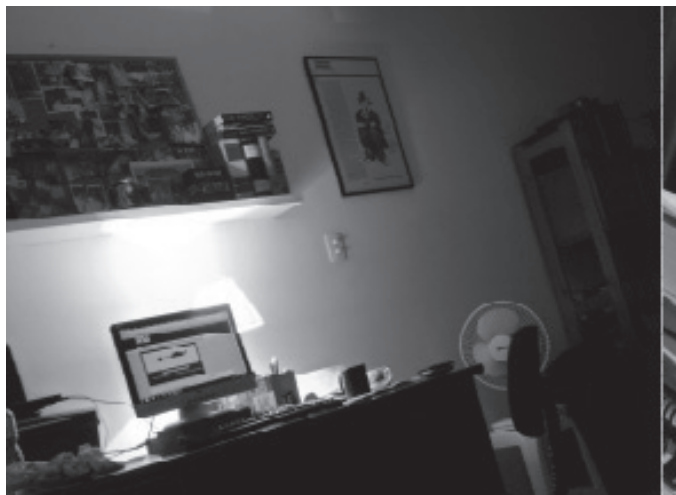
À guisa de um editorial

ta *Marmota Fluminense* que o bruxo do Cosme Velho, então com dezesseis anos, publicou suas primeiras obras literárias: os poemas “Ela” e “A palmeira”. As revistas possuíam destaque e importância, fomentavam discussões, polêmicas, realizavam concursos – Olavo Bilac foi eleito Príncipe dos Poetas pela *Fon-Fon* em 1907. No século XX, com as ideias vanguardistas e modernas, surgiram periódicos importantes para nossa cultura, como a *Klaxon* (primeira iniciativa de divulgação do movimento modernista) e a *Revista de Antropofagia*, que contaram com a colaboração de Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda,

Tarsila do Amaral, Graça Aranha, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Anita Malfatti, Plínio Salgado, Murilo Mendes, Augusto Meyer, Pedro Nava e muitos outros. Nas suas páginas foram publicados pela primeira vez trechos de *Macunaíma* e do poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade. Durante os anos 60, em meio ao regime militar, a revista *Civilização Brasileira*, idealizada e criada pelo importante editor Ênio Silveira, destacou-se como um dos canais de resistência cultural ao regime, reunindo formadores de opinião, artistas, sociólogos e filósofos que contribuíram publicando artigos

e debatendo o momento vivido pelos brasileiros da época – sem dúvida, um dos grandes marcos editoriais do país; a RCB (como também era conhecida) foi a revista cultural que mais vendeu entre 1965 e 1968, ano em que encerrou suas atividades em virtude da promulgação do AI-5. Nos anos setenta, o Pasquim foi uma publicação que utilizou de bom humor para conseguir driblar a repressão da ditadura e ao mesmo tempo criticar a situação vivida por todos do país.

~6~ Somente em meados dos anos noventa que (re)vimos com mais vigor revistas voltadas a públicos e temáticas específicas, marcadamente influenciadas pelas décadas anteriores: a marginalidade dos anos 70 com seus mimeógrafos e o *do it yourself punk* dos fanzines xerocados. Com a entrada dos anos 2000 e o advento da internet, uma série de sites, blogs, redes sociais e sites vem mudando o perfil e a forma como se produz, divulga e distribui (ou espalha-se) informação, arte e cultura. Adequando-se, esses mesmos canais tornam-se portais e se destacam, como o Digestivo Cultural, Overmundo e Cinética. Pensar em uma publicação exclusivamente impressa nos dias atuais soa anacrônico e financeiramente inviável e revistas com esse viés tem migrado cada vez mais para a internet. Atualmente,



revistas como *Bravo*, *Serrote*, *Cult* e *Piauí* são alguns exemplos de um trabalho em prol da divulgação da arte e da cultura no Brasil.

Cada uma com seu perfil, essas revistas foram (e são) importantes no desenvolvimento cultural do país.

Criada sem pretensões financeiras a RapaDura surgiu com esta ideia: ocupar um espaço de discussão e produção na rede, de forma colaborativa, acerca de temas escolhidos. Um espaço em que as diversas formas de arte e cultura possam convergir em torno de um “objeto” através da cooperação de artistas, acadêmicos, jornalistas, fotógrafos e leitores, entre outros.

Esta edição inaugural compila os principais textos da nossa versão online nos temas propostos e focalizam



o trabalho do artista no que tange a sua produção íntima (inspiração), a sua relação política com o espaço (fronteiras) e a sua relação patológica com a produção artística (loucura). São textos que nos dão um panorama a respeito de algumas dessas implicações a que estamos sujeitos — artistas ou não.

Além disso, não podíamos passar sem novidades e o poeta Chacal, o professor Álvaro Marins e o cineasta Rodrigo Guéron nos presenteiam com textos inéditos que abrem essa edição, sobre suas relações com as revistas culturais e a novas formas de mídia. Ressaltamos que a edição física não põe de lado a edição virtual — e vice versa. Pelo contrário, o que não coube aqui permanece lá: resenhas, capítu-

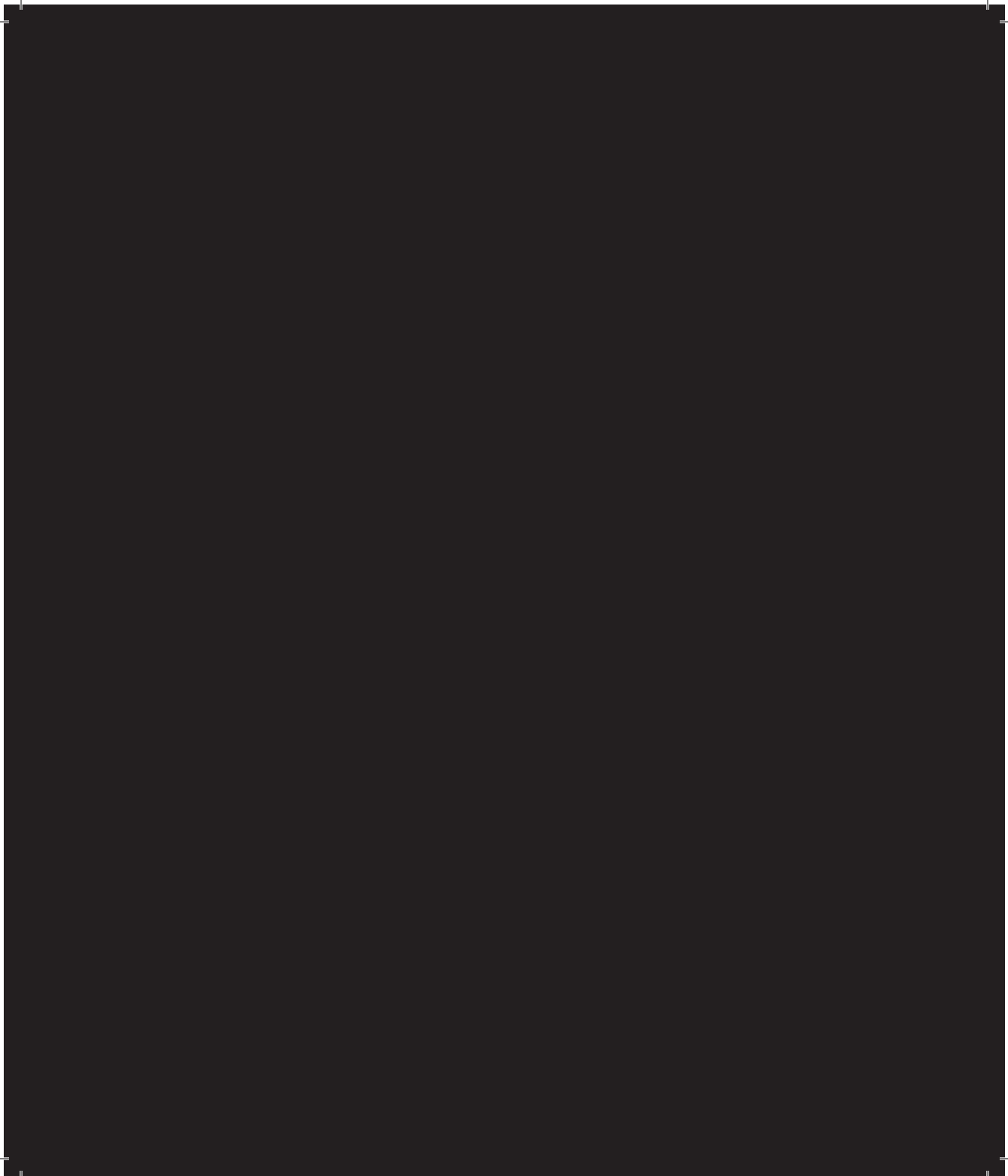
los de livros, poesias e ensaios fotográficos — a distância de um www.revistarapadura.com.

Como agradecimento a um ano tão fecundo, brindamos nossos leitores, com a primeira edição impressa da Rapa Dura, frisamos que feita durante esse período através da cooperação de amigos, colegas de trabalho, entusiastas, leitores e admiradores que conseguimos agregar. Uma vitória, sem dúvida, ao passo que muitas publicações fazem o caminho inverso e a escolha pelo modelo “com lombada” é para que o leitor possa guardar suas RapaDuras na estante, ao lado de seus livros, quadrinhos, vinis, CDs, filmes e outras anacronias, as quais jamais deixaremos de ter em nossas casas, mas que hoje vemos divididas entre as estantes e discos rígidos e que podem e devem conviver de maneira harmoniosa.

~7~

Os Editores

Christian Fischgold
Emilio Domingos
Mauro Siqueira



~ inéditos ~

Dois poemas de Chacal1 — Prato Suculento
— ACOMPANHAMENTO —

Prato queijo palito
requeijão
roquefort
camember
tipo suíço ou nacional
prato
de Minas
cavalo

— escolha um ou misture, corte em pequenos cubos, espete o palito no primeiro pedaço que lhe chamar a atenção e mastigue, saboreando.

— obs: tome conta de que o acompanhamento não se exceda ou se apague em relação ao colo — saiba dosar.

Relembrando o Catupiri
de Arembepi a Guarapari
rolou redondo
rolou risonho
como um queijo Catupiri
nas aldeias
pescando siri
sorriu cheiroso
sorriu cremoso
como um queijo Catupiri.

2 — Solo

Não era dia. Um bebê me acordou chorando. Em torno do choro, o cheiro estragado, cigarros, pedintes. Voltei a dormir. O dia não era. E sonhei pessoas novas em sonhos.

Som de guitarra, pivetes dançando. Zazueira. Stop-in.

Já era dia. O corpo murrinhava contrariado. Mudei a camisa vagorosamente. E andei como quem sai. Sai. Pelas ruas amanhecidas, Se chamava Feira de Santana. A feira botava as mangas de fora. Distraí o cansaço cigarro entre barracas.

Laranjas, melancias farejavam o ar. Cheirava bem o dia agora.

O sol frio tilintava o lixo da pele. O sol vai esquentar me aquecer e derreter o excesso sujo. Se quiser.

.....
Onibus Feira—Salvador 29. sábado, 6:00 de janeiro deste ano enquanto a Bahia se aproxima e as frutas rescendem.

CHACAL

3.ª feira — 29/2/72

Vida ilustrada

— por *Chacal*

Chacal, pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte, nasceu no Rio de Janeiro em 24 de maio de 1951, é poeta e letrista brasileiro.

Já na adolescência, uma revista que eu devorava era a *Seleções Digest Readers*. Tinha pequenos contos policiais, histórias de terror, piadas. Era um maná de variedades literárias. Teve uma época que me pai chegava em casa com uma revista chamada *Senhor*. Era classuda, de diagramação moderna.

~11~

No início dos anos 70, choveu revista. Era *Bondinho*, *Etc*, todos ligados ao submundo do crazy-pop-rock, da vida da política do corpo e da alma. Em seguida vieram as revistas de arte. Participei da mais radical delas: a suprema *Navilouca*. Eu, um dia, estando a tomar psicotrópicos no Porto da Barra em Salvador, esgueirando-se entre as sombras, aparece Torquato Neto. Com um sorriso entre os dentes, ele me faz dois convites. O primeiro para escrever um texto para sua antológica coluna “Geléia Geral”, no *Última Hora*. Às vezes ele fazia isso. E Waly Salomão, Luiz Otávio Pimentel, Luiz Melodia, Décio Pignatari, William Blake, preenchiam o espaço da coluna diária. Mandeí dois poemas escritos na Bahia no verão de 72.

O outro convite do vidente foi para participar da *Navilouca*, um superprojeto dele e de Waly, impresso a muitas cores, em tamanho generoso. Participava a galera toda tropical-concreta. Eu tinha 21 anos e já estava incluído no Olimpo experimental. Fiz uma tentativa que não deu certo e foi vetada. Depois fiz dois encartes. Um de foto-poemas chamava-se: “Almanaque do Pensamento Fotografado” e outro, o “àpalavrapelasuapoesiaecadeia”, uma espécie de meta-poema linguístico com fotos do solo lunar. Eram para saírem encartados na revista. Não saíram. Erros de impressão. A revista pensada e realizada em 72, só saiu em 74. Vida que segue.

~12~
Em 75, a lendária *Nuvem Cigana*, grupo protopunk de produções várias que ia de publicação de livrinhos de poesia até um bloco carnavalesco, o “Charme da Simpatia”. Esse coletivo de nefelibatas da pândega resolveu fazer uma revista que falasse sobretudo sobre o nada que era a vida cultural debaixo da ditadura. E fez. Chamava-se *Almanaque Biotônico Vitalidade*. Convidamos um farto naípe de escroques ilustres como Márcio Borges, o fotógrafo – depois músico – Léo Gandelman e a grande turma da Nuvem: Ronaldo Bastos, Cafi, Dionísio de Oliveira, Pedro Cascardo, Ronaldo Santos, Bernardo Vilhena, Charles Peixoto, Paulinho Menor, Cláudio Lobato e muitos outros. Eu fazia parte do conselho editorial e as reuniões era pólvora pura. A revista falava, em prosa e verso, foto e desenho, de como era viver naquele tenebrião militar. Como muita picardia.

No seu lançamento no MAM em 76, foi feita a primeira *Artimanha*, um sarau maluco, que depois virou modo entre os poetas marginais.

»

Tempo vai, tempo vem. Em 95, Raul Mourão, Marcos Chaves, Sônia Barreto, Marcelo Pereira e eu, criamos *O Carioca*, uma revista de arte e cultura. Com um tamanho super, papel encorpado, a revista era um sonho. Circulou entre 96 e 98. Cada página, um artista, um fotógrafo, um poeta, uma firula. Em cada número, uma entrevista – Luiz Melodia, Fernanda Abreu, Julio Bressane, Dado Villa-Lobos e uma coluna chamada “Memórias Contemporâneas”. Saíram cinco edições. A partir da segunda, entraram Waly Salomão e Bernardo Vilhena. A revista tinha o apoio da Rioarte, órgão da secretaria de cultura do município do Rio e do *Jornal do Brasil*. Capa uma cor, miolo em P&B. Foi uma aventura deliciosa. Cinco números incríveis. Mas a distribuição muito árdua. A revista era pesada. Estourava a coluna e a mochila. Mas grandes poetas e artistas do país, ali publicados. Pena que acabou.

Ainda editei dois jornais: o *Expresso Voador*, jornal-programa do Circo Voador original, no Arpoador, no verão de 82 e o *Jornal do MAM*, na época do Galpão das Artes, oficinas reunidas, em 1990.

Dá prazer inventar uma publicação. Você convida seus artistas prediletos. Depois que a revista sai, você fica uma semana lendo e relendo. É o melhor momento. Depois você olha aquela penca de exemplares e pensa: tenho que fazer isso circular. E vem um certo desespero. Você tem algumas livrarias, poucas bancas, uns lançamentos e foi. Se a revista é pesada então, prepara a coluna. Mas é como reformar a casa. De tempos em tempos, é inevitável. Quem é do ramo, me entende. Vida dura, rapa longa. *Allez up !*

Mudanças na imprensa costumam indicar mudanças na sociedade

~14~

— *Álvaro Marins*

Álvaro Marins é coordenador de pesquisa e inovação museal do IBRAM, autor de *Machado de Assis e Lima Barreto: da ironia à sátira* (Utópos, 2004), e acompanha com atenção os movimentos da imprensa brasileira.

Não é novidade para ninguém que vivemos nos últimos tempos várias mudanças na sociedade brasileira. A prova disso é que nossa realidade atual seria inimaginável há menos de duas décadas. Quem diria, por exemplo, há quinze anos – em plena era da hegemonia neoliberal no mundo e no Brasil – que elegeríamos poucos anos depois um operário metalúrgico e, na sequência, uma ex-guerrilheira que participou da luta armada contra a ditadura? Quem diria, naquela mesma época, que o Brasil em 2008 se mostraria resistente a uma gravíssima crise mundial, que teria seu epicentro nos EUA, e que, em seguida, se desdobraria de forma dramática por toda a zona do euro?

Também, ninguém, tempos atrás, imaginaria que os impérios midiáticos construídos ao longo do século

XX sofreriam tamanhos abalos de credibilidade, a ponto de não conseguir mais decidir pleitos eleitorais a seu favor em diversos cantos do planeta com a mesma facilidade de outrora. A mídia era, então, frequentemente chamada de “o quarto poder”, hoje uma expressão completamente inadequada. Principalmente depois do episódio envolvendo o desmascaramento do império Murdoch; os impérios midiáticos hoje estão mais para “poder paralelo”, o que os aproximam mais de uma semântica da esfera do crime organizado do que dos poderes constituídos.

Quanto a esse segundo tema, não há dúvida de que um fator determinante foi o surgimento e a expansão da internet. Lembro-me de uma amiga que, perguntada sobre quem ganharia as eleições presidenciais de 2002, não hesitou antes de responder: “ganhará quem a Globo quiser que ganhe”. Eu tinha minhas dúvidas, pois as pesquisas indicavam uma intenção de votos expressiva no candidato Lula, do Partido dos Trabalhadores. Mas a sua convicção tinha razão de ser; a Globo tinha sido decisiva nos pleitos anteriores de 1989, 1994 e 1998. A hegemonia midiática naquele início de século XXI parecia uma fortaleza inexpugnável.

~15~

Entretanto, naquele mesmo ano, a internet começava a se expandir e surgia a primeira experiência contra-hegemônica na rede, a *Agência Carta maior*. Para os progressistas de então era um verdadeiro alívio contar com aquele oásis de informações *diferentes* na rede. Durante a campanha de 2002, anexava-se links de artigos do site em emails, que eram enviados para as listas de amigos, criando correntes de contra-informação ao que a mídia “noticiava”. Naquela quadra, estava-se apenas começando a descobrir uma ferramenta que, com o passar do tempo, foi mostrando-se cada vez mais eficaz nos embates políticos. Começava-se a perceber que era possível travar o embate ideológico com a nova ferramenta tecnológica. A militância começou a teclar.

A impressão que eu tenho é de que aqueles emails enviados para amigos tiveram um papel importante no resultado das eleições daquele ano. Mas naquela época não se falou muito sobre esse fator. Creio que a euforia com a vitória de Lula e o início tenso do novo governo ocuparam todas as reflexões no período. Além disso, a internet ainda não tinha alcançado a dimensão dos dias que vivemos. Era um ambiente ainda pouco acessível, longe da atual realidade de blogs, redes sociais e *lan-houses* que já está internalizada no dia

a dia de milhões de pessoas de todas as idades e classes sociais.

O fenómeno hoje é amplamente comentado; desde as eleições de Zapatero na Espanha, e a de Obama nos EUA, até a denominada “Primavera Árabe”, parece haver um consenso de que a internet influenciou o desenvolvimento destes eventos. Acredita-se que em todos eles o papel da internet e seus derivados foi decisivo.

Três dias antes da eleição de Zapatero ocorreu, para quem não se lembra, um atentado a bomba em uma estação de metrô de Madri. Aznar, primeiro ministro da Espanha na época, articula com os jornais e mídia em geral para que o atentado fosse atribuído ao ETA, o que prejudicaria o Partido Socialista Espanhol. Só que a trama vazou e as redes sociais por meio de postagens, blogs emails, mensagens de texto por celulares, e através dos próprios celulares desmascararam o golpe midiático, dando a vitória a Zapatero.

Também em relação à eleição de Obama, é lugar comum atribuir à habilidade de sua campanha na internet um papel central. Aqui no Brasil também se tornaram memoráveis as batalhas entre os conglo-

merados de mídia tradicional e a chamada blogosfera em torno do episódio do suposto mensalão e das eleições de 2006 e 2010.

Sinal de que os tempos são outros confirmam a enorme popularidade do ex-presidente Lula em final de seu mandato, beirando os 80% de aprovação, apesar do massacre midiático cotidiano durante oito anos em todos os grandes veículos de comunicação pertencentes aos grupos abril, Folha, Estado e Globo.

Além disso, a contra-hegemonia midiática hoje está um pouco mais fortalecida e conta atualmente com pelo menos duas redes de TV (Record e TV Brasil, que não participam das campanhas midiáticas contra os governos eleitos pelo PT), uma revista mensal (*Caros Amigos*, que já existe há cerca de quatorze anos) e uma revista semanal (*Carta Capital*, também com mais de uma década), sem contar o site *Carta maior*, que continua ativo, e os sites de partidos como o do próprio PT e o do PCdoB (*O Vermelho*).



Mas a grande novidade são os blogs, alguns dirigidos por experientes jornalistas, caso, por exemplo, de *Conversa Afiada* (Paulo Henrique Amorim), *Luis Nassif Online* (Luis Nassif), *Vi o mundo* (Luiz Carlos Azenha), *Balaio do Kotcho* (Ricardo Kotcho) e *Escrevinhador* (Rodrigo Vianna), para citar apenas alguns; e outros mais alternativos, como o do representante comercial Eduardo Guimarães.

O que é possível observar é que, a partir da eleição de Lula em 2002, o mundo jornalístico se dividiu. Inúmeros jornalistas foram saindo – ou “foram saídos” – das grandes redações e editorias de televisão e foram, pouco a pouco, criando seus blogs e sendo

absorvidos pelas novas redes de televisão, ou ainda, foram convidados a trabalhar no governo Federal.

Franklin Martins, por exemplo, foi demitido da Rede Globo, fundou um blog, mas pouco depois foi ocupar a Secretaria de Comunicação do segundo governo Lula. Paulo Henrique Amorim deixa a TV Cultura, funda um blog, e, posteriormente, foi contratado pela TV Record. O mesmo ocorreu em diferentes momentos, e em sequência, com Nassif (deixa a *Folha de São Paulo* e a TV Cultura, funda um blog e depois é contratado pela TV Brasil), Azenha (deixa a TV Globo, funda um blog e vai para a Record), e Rodrigo Vianna, cuja trajetória é semelhante aos dois primeiros. As jornalistas Teresa Cruvinel e Helena Chagas também deixaram as Organizações Globo, mas foram direto para a EBC, empresa de comunicação do governo Federal.

Essas movimentações, somadas às já citadas *Carta Capital*, *Carta maior*

~17~

e *Caros Amigos*, experiências bastante consolidadas no panorama jornalístico atual, acabaram por modificar a correlação de forças no meio jornalístico e diminuir um pouco o desequilíbrio na produção e difusão da informação para a sociedade. Setores mais à esquerda do país passaram a ter suas vozes representadas, o que não acontecia há cerca de duas décadas, com o fim da chamada imprensa alternativa da décadas de 1970 e início de 1980.

Para quem não lembra, ou não viveu este período, torna-se leitura obrigatória dois lançamentos de 2011 sobre o tema: *As capas desta história* (Instituto Vladimir Herzog), uma edição coordenada pelo jornalista Ricardo Carvalho, e *Jornal Movimento – uma reportagem* (Editora Manifesto), do jornalista Carlos Azevedo.

~18~ O primeiro trata justamente da imprensa alternativa e sua participação na luta contra a Ditadura Militar que derrubou o governo constitucional do presidente João Goulart. A partir da década de 1970 foram surgindo *O Pasquim*, *Opinião*, *Versus* e *Movimento*, tabloides que desempenharam o fundamental papel de aglutinar as forças progressistas da intelectualidade brasileira na luta contra os generais de plantão. Essas publicações, semanais ou mensais, eram lidas com a mesma avidez que os “blogs sujos” contemporâneos, e, da mesma forma que hoje, rompiam o cerco ideológico imposto pela censura oficial do regime.

O segundo lançamento é uma obra de valor inestimável para a memória de nossa imprensa, pois trata especificamente do jornal *Movimento*, e traz como encarte um DVD com as 334 edições digitalizadas do valente tabloide. Com essa edição, seus responsáveis prestam um relevante serviço aos pesquisadores e demais interessados na história de nossa imprensa.

A leitura destes dois lançamentos evidencia que tanto a revista *Caros Amigos*, quanto o site *Carta maior* representam uma continuidade da tradição do jornalismo militante, que teve esse momento de grande visibilidade nos chamados “anos de chumbo”.

Outra edição recente, esta aparecida no final de 2010, também colabora com um já inadiável debate sobre a nossa mídia e sua interação com a sociedade brasileira. *O moderno em revistas* (Garamond Universitária), como o próprio subtítulo informa – *represen-*

tações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930 – apresenta três minuciosos estudos sobre as revistas do referido período.

No primeiro ensaio do livro, “Em revistas, o simbolismo e a virada do século”, a professora de Literatura Vera Lins aborda as revistas simbolistas que, de alguma forma, reagiam ao projeto iluminista, racionalista e cientificista do final do século XIX. Publicações como *Atheneida*, *Rio-Revista*, *Revista Contemporânea* e *Rosa-Cruz* defendiam o onírico, o imaginativo e a busca pela interioridade em oposição ao positivismo pragmático que vigorava na imprensa da época.

Muito interessante também é o capítulo “As distintas retóricas do moderno”, da historiadora Monica Pimenta Velloso, cuja pesquisa debruça-se sobre o relacionamento dos modernistas paulistas, sobretudo Mário de Andrade, com os jovens editores das revistas *Estética* e *Revista do Brasil*, a saber, Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto. As duas publicações foram fundamentais para estimular o debate teórico em torno do Modernismo, o que muito contribuiu para a consolidação do movimento. O texto demonstra que a ideia do Modernismo como movimento paulista precisa ser melhor compreendida e até mesmo relativizada. Chama a atenção o fato de que tais discussões, antes restritas a um grupo seleto de artistas e intelectuais, tornaram-se públicas por conta da publicação das mencionadas revistas.

Completa a obra o capítulo “A iconografia do moderno: a representação da vida urbana”, de outra historiadora, Cláudia de Oliveira, que faz um levantamento minucioso da iconografia das revistas *Fon-Fon*, *Selecta* e *Para Todos* e demonstra que, quando se trata de imprensa, texto e imagem, nunca aparecem de forma gratuita.

Em seu conjunto, *O moderno revistas* apresenta o estreito relacionamento entre as mudanças na sociedade e na imprensa.

É gratificante saber que, apesar da atual resistência da grande mídia em debater e refletir sobre o próprio ofício, inúmeros jornalistas e acadêmicos não se furtam à discutir essa atividade que tanto reflete as transformações vitais pelas quais o país tem passado nos dois últimos séculos, desde a liberação das atividades jornalísticas em 1808.

~19~

A besta sanguinária do Iluminismo

e o mito da democracia contra a
democracia

— *Rodrigo Guéron*

~20~

Rodrigo Guéron é professor adjunto do Instituto de Arte da UERJ. Doutor em Filosofia (Estética e Filosofia da Arte) Autor do livro: *Da Imagem ao Clichê, do Clichê à Imagem -- Deleuze Cinema e Pensamento*. Mestre e bacharel em Filosofia pela UFRJ, Cineasta e roteirista de cinema e vídeo.

As primeiras linhas anotações deste artigo datam do início de 2011, quando as revoltas árabes estavam nas ruas (e ainda estão...), Ben Ali havia sido derrubado na Tunísia, Osni Mubarak no Egito, multidões sacudiam, como ainda sacodem, as cidades do Magreb e do Oriente Médio. Talvez por algum impulso masoquista, sintonizei na Globo News e me deparei com um daqueles programas de entrevistas do Willian Waack (“Globo News Painei”) onde, em geral, todos os convidados têm a mesma opinião, que é igual a do apresentador que, por sua vez, é igual a do chefe-ideólogo do jornalismo das organizações Globo. Desta vez, como convidados, havia um “especialista” em geografia política da USP, um “especialista” em relações internacionais na FGV-SP, e um simpático professor egípcio, exilado no Brasil, o pró-reitor da Unicamp, Mohammed Habib.

Este último destoava um pouco do tom de “unanimidade serena e pedante” que domina este tipo de programa: era um entusiasta da revolução então em marcha no seu país. Na verdade eu já o tinha visto comentando as revoltas num telejornal da mesma TV por assinatura, e estranhava agora ele ter sido convidado mais uma vez. Explico porque: exatamente pelo entusiasmo com seu povo rebelde, o professor Habib, no calor dos acontecimentos, havia dado alguma profundidade e perspectiva às análises de uma maneira um tanto incomum àquele “veículo de comunicação”. Mas logo entendi o motivo do novo convite, o simpático professor iria se converter, no final do programa, numa espécie de esparring para o linchamento ideológico, a demonstração de arrogância e poder que viriam dos outros convidados e do próprio apresentador. Não necessariamente na ordem que vamos contar, o professor egípcio, e nós espectadores, fomos obrigados a assistir uma espécie de lição de moral misturada a uma aula de superioridade da cultura ocidental.

~21~

Entre outras pérolas, ouvimos o “especialista” da FGV-SP afirmar que só poderíamos ter esperança de democracia do Egito se os militares se mantivessem como tutores e lhes fossem garantidos o direito constitucional de intervir (dar um “golpe constitucional” segundo suas palavras) toda vez que um partido islâmico chegasse ao poder. Willian Waak, por sua vez, disse que conhecia muito bem os árabes, que gostaria de ter a esperança do professor egípcio, mas que sabia que aqueles povos eram capazes das piores atrocidades. Não perdeu inclusive a oportunidade de atacar a África do Sul e dizer que temia que a democracia dos países árabes virasse “aquilo no qual se transformara” o país africano. E, finalmente, com semiótica empáfia, o “especialista” em relações internacionais retomou a palavra para coroar com chave de ouro o seu raciocínio etno-eurocêntrico: solenemente declarou que a democracia era uma coisa inventada por Kant (pobre Kant, pobre democracia...), que era típica da cultura Ocidental, e que consequentemente ela não fazia parte da cultura dos árabes.

O leitor poderia se perguntar então se não estamos dando importância excessiva ao programa da Globo News. Pode ser...Mas é que ele nos pare-

ceu absolutamente sintomático deste fenômeno sobre o qual estamos querendo falar há muito: as origens da violência na civilização Ocidental como estando naquilo mesmo que a faz tomar-se como a mais racional e civilizada; a menos “bárbara” e selvagem, a mais perto da “cultura” e a mais distante das “natureza”, de todas as civilizações que já andaram sobre a terra.

~22~

No caso da escandalosa vulgarização, ou talvez – que me perdoe o leitor – da imbecilização do pensamento de Kant feita pelo douto midiático supracitado, é um exemplo claro de como o mito da democracia foi usado contra a democracia ou, em outros termos, de como a democracia é, paradoxalmente, utilizada como uma espécie de distintivo de superioridade de uns homens sobre outros. Em geral isso aparece numa equação recorrente que, com variações possíveis, se traduz assim: democracia = racionalidade = civilização superior.

Mas o fato é que é se fizermos uma genealogia da violência do Ocidente moderno e contemporâneo chegaremos exatamente ao iluminismo: seu maior orgulho, seu distintivo de superioridade e um de seus mitos fundadores. E quando falamos de Ocidente, estamos falando da Europa e do país que é, num certo sentido, o

»

grande herdeiro da modernidade europeia: os Estados Unidos da América com um continente inteiro para realizar o projeto revolucionário europeu e inventar o “homem livre”, a igualdade de direitos, bem longe das aristocracias e dos palácios do velho continente.

Mas como alguém poderia afirmar que a violência do Ocidente nasce do iluminismo? Não aprendemos que foram as revoluções iluministas que propagaram a liberdade e a igualdade, que afirmaram direitos universais para os homens, que se levantaram contra a vergonhosa servidão aos senhores de terra e a violência respaldada no “direito divino” do rei-déspota-Estado contra seus súditos? Não seriam as revoluções iluministas sinônimo de uma corajosa, potente e exemplar luta pela liberdade que entusiasma qualquer um que partilha destes sentimentos ainda hoje? E não seria o ataque ao iluminismo sintoma de alguma destas sinistras nostalgias restauradoras, desses neoarcaísmos ultra conservadores que proliferam por aí?

~23~

Estas perguntas são importantes para que possamos compreender que o que está em causa não é o que as revoluções foram, mas o que os poderes constituídos que elas estabeleceram se tornaram. Antes é preciso que compreendamos que as revoluções são revoluções antes de serem “iluministas”. As revoluções são revoluções antes de qualquer “ismo” que se constituam a partir delas: elas são expressão de um desejo, de um impulso vital; são uma ruptura antes de qualquer ordem de causalidades que tente explicá-las. Por outro lado, não é que o iluminismo tenha sido “deturpado”, mas ele sofre desde sempre uma ambiguidade que o ameaça de dentro. Esta ambiguidade está, em primeiro lugar, no próprio sentido da “Razão” por ele exaltada.

A potência revolucionária da Razão no iluminismo está na afirmação de algo que todos os homens partilhariam, uma essência que faria de todos nós iguais contra qualquer suposto direito divino, qualquer ligação ou herança de Deus, qualquer transcendência que determinaria linhagens especiais, legitimando, por exemplo, a propriedade da terra e o controle do Estado. Num afã revolucionário, os sentidos das palavras faladas, escritas ou cantadas, está menos nos significados de superfície destas, e mais no que expressa o desejo revolucionário de quem as emprega. Afirmar a Razão contra toda a ordem estabelecida era afirmar a liberdade, a vida, que é o que, afinal, move uma revolução; ou seja, a busca de mais vida diante de uma situação de “menos”, de uma evidência de vida podada, de uma sujeição a todos o tipo

de manifestação do poder com suas violências que nos impedem de tentar ser o que gostaríamos de ser.

O problema é que o pensamento iluminista se traduz pela afirmação da “Razão” como algo que constituiria uma essência dos homens que os distinguiria de todos os outros animais. Nós seríamos então uma espécie superior, e esta superioridade, caracterizada pela racionalidade, se expressaria numa cisão com a natureza e na constituição de uma “cultura”: cultura em oposição à natureza. Afirmar então que “o homem é um animal racional” significa afirmar que o homem é um animal superior, o único capaz de dominar e sujeitar a natureza. Por isso que existe uma relação estreita entre o racionalismo do iluminismo e o humanismo.

~24~

No seu texto-manifesto “O que é o esclarecimento”, por exemplo, Kant propalava a passagem do homem para a uma suposta “maioridade”, ou seja, supunha que haveria um processo de amadurecimento histórico que levaria o homem, pouco a pouco, a descobrir a sua suposta essência racional. Este pensamento já traz em si uma noção de uma “teleologia histórica”, isto é, a ideia de um progresso contínuo em direção ao “Bem” – a razão como o “grande fim” – que mais adiante irá triunfar com Hegel. Crer que o homem marcha progressivamente em direção a razão é compreender a nossa espécie como predestinada a encontrar uma espécie de “luz”: a razão como um dom. É interessante porque no mesmo texto Kant dá como exemplo do que mantinha os homens preguiçosamente presos a um estado de “minoridade” por não fazer uso pleno de seu entendimento, a religião e a maneira como as pessoas acreditavam cegamente nos pastores e padres. No entanto, toda esta teleologia que há neste suposto processo de amadurecimento dos homens parece reeditar a crença bíblica de que os homens tinham uma especial relação com Deus. Assim, no coração do que deveria ser o pensamento racional, o que nós assistimos é a constituição de um mito onde a própria Razão passa a ser a divindade cultuada.

De fato, o iluminismo não se constitui apenas de revoluções, ele é parte também de um processo onde está se constituindo um novo sistema produtivo – o capitalismo –, e uma nova forma de organização do Estado, estruturadora deste sistema. De alguma maneira isso explica as ambiguidades que existem – e que não são exclusivas deste período – nas relações entre pensamento e revolução.

É verdade que o pensamento é uma parte decisiva da força revolucionária. Criar conceitos, sentidos, possibilidades, perspectivas sociais e políticas, são parte fundamental de uma revolução. Mas a constituição de um saber está sempre no limite entre a constituição de uma potência e de um poder. Há um fio da navalha, uma fronteira difícil de delimitar, onde o saber desloca-se de uma força constituinte para um poder constituído: o seu processo deixa de ser desbravador de horizontes para a vida e passa a ser controlador da vida. É exatamente porque o processo histórico do iluminismo é o da constituição de novas estruturas de poder, que se constitui nele impressionantes e inéditas estruturas de saber: saber-poder.

Assim, a teleologia histórica do iluminismo ajuda o Ocidente a forjar uma genealogia falaciosa de si mesmo, onde não só ele se apresenta como o povo destinado, ou o povo que encontrou a plena racionalidade dos homens – que aparece quase que como uma terra prometida – como também constrói uma noção de que todas estas transformações aconteceram graças apenas aos homens e as instituições de conhecimento. Neste caso temos uma outra fórmula: homens de conhecimento = homens da Razão = homens do Estado. Fica parecendo então que as revoluções ou teriam acontecido graças ao

»

que os homens de saber antes haviam idealizado, ou então estes agiriam para recolocar “ordem” com suas “ideias” na desordem das revoltas.

Nesta lógica a revolução deixa completamente de ser tomada como uma força inventiva e criadora de uma nova realidade social. O pensamento revolucionário vai se esvaziando e se tornando pensamento do Estado: o Estado entendido como o próprio efetivador da Razão, como descreveu Hegel. Se o indivíduo burguês, filho do iluminismo, não para de se auto exaltar como “livre” posto que “racional”, amarrando a subjetividade à racionalidade, é o Estado que legitima esta sua auto afirmação de senhor da Razão. Na prática, a Razão tomada como instância superior do homem é o próprio pensamento na forma-Estado, mesmo que sustentada por um discurso liberal que não para de esbravejar contra Estado em pró do “indivíduo racional”. É este “novo Estado” – o “Estado-Razão” reestruturado pelo Capital – que não só sedimenta a hierarquização entre trabalho intelectual e trabalho braçal, decisiva para ao funcionamento do capitalismo industrial, como também o individualismo burguês como paradigma de uma superioridade moral que só seria aferida na medida em que este indivíduo faz o uso pleno desta suposta transcendência superior e fundante: a Razão-Estado.

Assim, racionalismo e humanismo como o fim de todas as transcendências, fim da sujeição às religiões, às mistificações e aos dogmas, deram lugar ao homem e a Razão fundados como uma transcendência. É como se o homem tivesse se tornado uma espécie de religião de si mesmo, e a crença na Razão, por sua vez, uma força que tenha se voltado contra o pensamento exatamente por tomar o pensamento como outra coisa do que ele é, ou seja, por tomar o pensamento como algo apartado da vida: como uma instância superior que poderia, inclusive, julgar a vida. Neste sentido a Razão iluminista acabou virando uma legítima herdeira do Deus Moral judaico-cristão.

O homem do ocidente então passou a viver com se tivesse conquistado um especial senso de justiça, podendo julgar todo o resto dos povos do alto deste seu privilegiado patamar histórico-racional. Neste momento, a própria Razão desliza para uma concepção de “técnica absoluta”: o fim das diferenças, o fim da história, que chegaria como uma redenção no dia que os homens compreendessem que a boa organização do mundo que nos levaria à felicidade era apenas uma questão de “conhecer a verdade”. Daí a profusão de técnicos e especialistas (da qual o nosso especialista midiático é uma caricatura) pregadores incansáveis

do caminho único e, sobretudo, a ideia de que a democracia se limitaria à escolha de um melhor técnico, o mais competente “gestor” que cumpriria este caminho único.

Surge assim a besta branca ocidental que saiu pelo planeta para civilizar os bárbaros, curar selvagens, sujeitar a natureza, levando esta espécie de “nova boa-nova”: a racionalidade, o mundo dos justos, da liberdade e da técnica. Toda a violência destrutiva do animal irracional, que o homem branco Ocidental tanto se orgulhava, e se orgulha, de ter superado, volta então com tudo, trazendo consigo todas as formas de saber-poder que viram tecnologias de controle e destruição. Por isso que, por mais paradoxal que possa parecer, são iluministas as origens do mais sofisticadamente sanguinário período histórico do planeta: fascismo, neo colonialismo, imperialismo, são desdobramentos do racionalismo. A violência, ao contrário do que o Ocidente não para de afirmar, estava menos no outro, no “menor” não-branco, primitivo, selvagem, tribal... e sim na Razão que se bestializara. É a Razão enlouquecida que sujeita com todo o tipo de violência toda a forma de vida que não lhe parece ser a sua imagem e semelhança. Nasce a besta sanguinária do iluminismo.

Mas só uma coisa pode contê-la: mais uma vez a resistência da vida, a revolução. Aí sim, finalmente, podemos reencontrar a nossa identificação com as chamadas revoluções iluministas: as impressionantes jornadas de luta das multidões europeias do campo e da cidade, a corajosa guerra de independência norte americana, e todas as lutas sócio

~27~



políticas que se seguiram a estas, já século XIX a dentro, quando a revolta e a resistência dos cidadãos pobres e dos trabalhadores se voltaram contra as violências do capitalismo. As revoluções se identificam na potência vital que as detona, no desejo de se expandir na vida, de superar ou destruir qualquer força que, de fora para dentro, nos limita num estado de “menos ser”. A revolução – o “devenir revolucionário” como gostava de dizer Deleuze – deve ser entendida então com uma expressão ontológica da vida que, neste sentido, não está cindida da natureza. E “natureza”, neste caso, não deve ser compreendida nem como uma ordem de causalidades pré estabelecida onde cada um dos seres teriam seus atributos essenciais cientificamente definidos, nem como uma instância cindida da subjetividade pronta para ser conhecida – “sujeitada” – por esta. Estamos falando da natureza como uma força onde a própria vida sempre se reinventa: a racionalidade, o conhecimento, a cultura dos homens são expressões possíveis, entre tantas, desta força.

~28~

A violência que se desdobra de todas as formas de poder que o iluminismo ajudou a fundar nos mostra, na verdade, que toda e qualquer estruturação racional se dá num mesmo movimento em que se estruturam formas de irracionalidade. Por caminhos às vezes distintos, às vezes próximos, diferentes pensadores como Marx, Nietzsche e Freud perceberam muito bem isso: a Razão não é um bem estático que espera por ser descoberta no fim da história, ela é parte da força constituinte da vida que precisa se refazer cada vez. Há uma irracionalidade bestial na origem da Razão, não por ser antagônica a ela, mas porque a racionalidade nasce da luta do animal homem pela vida. É verdade que a racionalidade se constitui na medida que controla nossos instintos mais selvagens, mas o faz exatamente nesta luta instintiva pela vida.

Voltamos então a nosso doméstico programa de TV, imaginando que o leitor já o tenha esquecido (e se esqueceu, fez bem). Como vimos, nele o tema era as revoluções nos países árabes, em especial a do Egito. De fato, pela performance dos participantes, a revolução era ali a violenta irracionalidade, e eles estavam, num comovente esforço civilizador, querendo achar uma lógica e colocar uma ordem nela. A democracia, neste sentido, seria estranha à revolução, ou seja, seria parte da ordem racional que o Ocidente deveria ensinar aos egípcios e que os egípcios não pareciam muito aptos a construir porque não eram da iluminista tradição ocidental: não pertenciam a mesma linhagem de Kant do qual os nossos civilizadíssimos especialistas se sentiam os legítimos herdeiros.

O paradoxo no qual aquela unanimidade ocidental estava presa era exatamente a de afirmar que uma democracia se caracterizaria por uma estrutura a priori, por uma ordem dada, segundo a organização do Estado e a suposta divisão dos poderes do iluminismo. Daí a ridícula –e violenta– proposição do douto da FGV-SP que repetia que a democracia só seria possível se os militares fossem os tutores desta. Talvez esta fosse a parte até menos europeia deste empolado cidadão: antes, seria uma típica ideia de um filho pródigo de alguma moribunda oligarquia latino americana. “Militares como tutores”, sabemos bem o que é isso...Não por acaso as revoltas que se reorganizam hoje na Praça Tahrir vem exatamente contra a insistência dos militares em se manterem no controle do processo.

Mas antes a democracia é a própria revolução e, portanto, se quisermos algum tipo de “herdeiro” das revoluções europeias e norte americanas, não são as suas frias e pálidas bestas racionais que se apresentam como guardiões de uma civilização superior, mas a revolução nela mesma: o desejo que se expressa na praça como uma força constituinte, a comunidade que se reinventa neste encontro interpotencializador de vidas distintas. A democracia não é as estruturas a priori de Estado do Ocidente, mas as novas estruturas que podem surgir da falência destas, da crise de representação evidente, da falência da forma-partido, dos sistemas legislativos e judiciários, das formas de governança e assim por diante. O Ocidente ajuda a matar a democracia quando a toma como expressão de uma Razão transcendente e a transforma num mito fundador, num distintivo de superioridade e pureza de uma civilização. A democracia só pode ter passado quando consegue existir: quando vira ato. Por isso, de fato, no cotidiano de maioria das sociedades ocidentais, mesmo com as perigosas restaurações que temos assistido, vivemos a experiência de que existe mais democracia que em outras partes: ela resiste na medida que é praticada numa micropolítica cotidiana, nas práticas que resistem contra as cada vez mais constantes micro e macro formas de fascismo.

Mas é exatamente porque a democracia é, em primeiro lugar, uma força imanente contra qualquer transcendência que, neste momento, a democracia está muito mais na Praça Tahrir que em qualquer outra parte; mesmo que consideremos o que pode vir a acontecer no Egito, cheio de fatores ameaçadores e preocupantes, alguns deles inclusive graças a ação política do Ocidente em defesa de seus “ideais de civilização”.

~29~



~loucura~

Loucuras, transgressões, abandonos, iluminações, caminhadas

— *por Ian Schuler*

~32~

Ian Schuler é mestrando em comunicação, escreve e faz bicos.

Este texto não pretende apreender uma definição estrita para o que sejam as manifestações da loucura no cinema, mas apenas traçar algumas leituras pontuais feitas a partir de filmes que tratam direta ou indiretamente deste tema. Os poucos exemplos apresentados aqui pretendem descrever um âmbito dos possíveis significados para o conceito de loucura, nesse caso aproximada a uma idéia de “desajuste” pessoal em conflito com convenções sociais.

A obrigação da escrita

Segundo Peter Buchka, no livro *Olhos não se compram*, sobre os filmes de Wim Wenders, os personagens desse diretor recorrem constantemente à atividade de escrever como meio de se manterem à parte e rompidos com um certo contexto social. A imaginação e a transgressão que se pode

atingir através desta atividade é, de certa forma, um requisito para superar certas convenções que só rebaixam e agridem as chances de se encontrar novos caminhos para viver. Quando a loucura é meramente contraposta à normalidade, fica a impressão de que essa normalidade é um status inflexível, absolutamente válido. A loucura é derrotada, abandonada e rechaçada, enquanto a normalidade é correta e única. No entanto, em diversas acepções, a loucura é associada a uma energia crítica e potente, ininterrupta e plural, capaz de se alimentar dos paradoxos, dessa forma nunca se deixando cessar por qualquer âmbito de restrição. Num exemplo de outro campo, extraído do livro *Jung e o Tarô*, de Sallie Nichols, o Louco do tarô de Marselha, a única carta sem número de identificação, pode irromper no jogo aonde quiser, à parte de qualquer desenvolvimento definido. Também aos andarilhos e aos nômades é dado o direito de movimentar-se permanentemente, de fugir à regra para, às vezes, encontrar-se na exceção.

~33~

No filme *Farrapo Humano* (1945), de Billy Wilder, é apresentado Don Birnam, um alcoólatra totalmente incapaz de desobedecer àquele que parece ser seu único destino, tornar-se um bêbado. No entanto, o maior anseio desse protagonista é o de conseguir retornar para a vida social urbana, do homem médio. Isso ele só conseguirá através da escrita, pois é através dela que quer erigir a própria vida, e então, sendo um escritor de sucesso, estará reabilitado para essa vida comum que desfila a sua frente, balançando pastas e cartolas, pelas ruas de Nova Iorque. Sua namorada e seu irmão fazem o que podem para restabelecê-lo, e ela, num dos vários bons momentos do filme, chega a comparar o vício de seu namorado com o amor que sente por ele. Um dos problemas é que, quando não alcoolizado, o protagonista só consegue ser ranzinza e estúpido. O álcool dá graça à sua vida, e parece mesmo que, apenas quando está alcoolizado, ele alcança seus melhores momentos como contador de histórias. Entretanto, a bebida, para ele, é destruidora e não funciona à parte, precisando consumir toda a sua existência. Sua força de andarilho desnorteado, ao invés de ser um dos motores que impulsionariam a criação de seus textos, é voltada apenas para aplacar sua condição de viciado.

Comparando esse andarilho amaldiçoado pela vida social com outros clássicos de sua mesma casta, como o protagonista de *Taxi Driver* (1976), vemos uma fundamental diferença de contexto: em *Farrapo Humano* a vida social

era recheada de atrativos idealizados pela cultura americana de sessenta anos atrás, um “lar doce lar”, família perfeita, emprego com status e algumas maravilhas do consumo. Em *Taxi Driver* tudo isso já está desfeito: a mulher perfeita para se casar é mera ilusão carregada de maquiagem e mesquinhas (como fica claro na cena final, onde seu rosto brilha no retrovisor, mas é preciso dispersá-lo, pois não há mais encanto ou atração possível), as ruas estão poluídas e irrecuperáveis e os bens de consumo praticamente viraram covas do espírito. Atingido pela falta de perspectivas e pela confusão que a “imundície” ao redor trouxe, o protagonista decide tentar um enorme salto moral e se reinventa como um radical político decidido a assassinar um político popular, ou seja, alguém que foi consagrado, que chegou ao ápice exatamente pela escolha de uma sociedade que ele considera arruinada.

~34~

As perturbações desse protagonista se desenvolvem em recortes de palavras e impressões que acabam constituindo sua ferocidade ao final. Como motorista de táxi, sua função é exatamente a de um andarilho. Fora as implicações em maioria mecânicas que um motorista precisa conhecer para dirigir um carro, o protagonista passa a maior parte de seu tempo observando as ruas, recolhendo cacos de imagens que processa do jeito que quiser. Ele passeia sem direção, mas não consegue manter-se imune. Por fim, a antipatia e a amargura acabam por dominar sua sensibilidade. A energia física que lhe sobressai à partir daí é como uma sentença sombria contra tudo aquilo que supostamente destruiu seu prazer em viver. Sua própria loucura parece um resultado da hipotética loucura social.

Terror e resignificação

A força desenfreada que caracteriza o protagonista de *Taxi Driver* é usada como um ingrediente elementar em muitos filmes de terror. Assassinos e forças sobrenaturais não podem ser vencidos por mecanismos comuns de punição. Colocá-los num tribunal ou expor seus rostos para a acusação pública em jornais é improvável, uma vez que eles existem subterraneamente, fora da visibilidade mundana. Neste gênero de filmes, a única coisa que se sabe é que os psicopatas, monstros, fantasmas ou etcéteras seguem em frente, impelidos por mistérios muitas vezes sem explicação. Manifestam-se como forças de natureza nômade que por desventura resolvem se aplicar à destruição. Este

funcionamento desnordeado dos, em geral, antagonistas, pode levar os outros personagens a perderem a consciência, tornando-se eles também violentos e inconsequentes, embora nem sempre essas perdas de consciência sejam um problema.

Lydia, a personagem da mãe em *Os Pássaros* (1963) de Alfred Hitchcock, só consegue superar seus recalques em relação às namoradas do filho após ter passado por uma experiência traumática. Chegando em casa ainda em estado de choque por ter visto uma das vítimas dos pássaros, ela relata, alucinada e aos berros, todas as suas perturbações para Melanie, a namorada atual do filho. Passando por isso, Lydia consegue romper a frieza calculada que antes usava para manter Melanie à distância.

Também em *Os Pássaros*, é notável a posição que Hitchcock assume em relação aos vilões da história: é de dentro da própria cidade, já evacuada pelas pessoas e tomada pelos pássaros, que ele faz sua última tomada, envolto pelas criaturas cujo único destino (dramático) era desencadear a fúria sentimental, à beira da insanidade, nos habitantes daquele lugar, pela qual as pessoas poderiam ver e serem vistas sem seus subterfúgios pessoais, suas classes e juízos. Assim, a senhora que tenta desmentir com argumentação científica e bom-senso altivo aos primeiros indícios de que a cidade está sendo atacada, é, em sua última cena, mostrada tremendo e de costas, absolutamente impotente em relação às suas crenças anteriores.

Apesar do engrandecimento pessoal que Hitchcock provê a alguns de seus personagens, no que concerne aos protagonistas, os mocinhos, a tragédia serve principalmente para destacar as qualidades de suas personalidades “positivas”. O herói é heróico durante todo o tempo, sabe por intuição como deve lidar com a situação e nunca desliza. A heroína também consegue se sair bem durante boa parte do filme, mas como faltava um ataque à sua personalidade de burguesa caprichosa, acaba ferida em sua ingenuidade, por resolver, quase espontaneamente, entrar no aposento onde descansavam os pássaros.

Além de exibir algumas de suas características de homem bom, o protagonista de *Os Pássaros* fornece uma lição valiosa sobre filmes de terror: assombrações e psicopatas funcionam sob regras próprias e é nelas que se deve incidir para se ter alguma chance de vitória. Logicamente, vencer nem sempre é possível, uma vez que o que em boa parte impulsiona os filmes de terror é o mero

~35~

exercício de assustar, como também são meras, em muitos filmes de ação, as chacinas “legalizadas” que os heróis cometem para conquistar algum objetivo.

Alguma novidade

Perder a consciência como meio de conquistar uma nova percepção sobre as coisas é uma operação comum em filmes que abordam a loucura. Em muitos casos, a loucura se apresenta como um caminho para uma mudança necessária, e não um aspecto que deva ser repellido ou moralizado. Em *Barton Fink* (1991), dos irmãos Coen, Barton, o protagonista, só consegue superar suas visões restritivas sobre o “homem comum” do dia a dia – o pobre proletário subjugado pela má-formação, incapaz de se sobressair criativamente, ou seja, de ser como o próprio Barton, e por isso mesmo tão atraente para ele, porque vive uma vida sincera, não “contaminada” pelas falsidades estereis dos artistas pretensiosos – quando seu vizinho se revela um potentíssimo selvagem, entranhado em uma energia criadora (e destruidora) que o próprio Barton talvez nunca consiga obter com sua própria obra.

Nem sempre há tempo para mudar de perspectiva. Gustav, o maestro de *Morte em Veneza* (1971), de Luchino Visconti, está demasiadamente apegado aos seus princípios de criação, de modo que aos poucos degenera, incapaz de se sustentar perante o vigor desordenado que parece dirigir o mundo exterior. Esse personagem, que constantemente entra em conflito com outros que tentam derrubá-lo de suas convicções (seu amigo, também músico, o louco cantor da festa), parece ter, como maior problema, a incapacidade de enxergar as próprias fragilidades, os próprios transtornos e inadequações, ou seja, de conviver com suas loucuras. Mas Gustav só alcança o apogeu de sua música na cena do concerto onde é vaiado pelo público mas celebrado por seu amigo, exatamente por ter ultrapassado suas habilidades técnicas. E ainda assim ele não consegue aceitar sua auto-superação. A legitimidade que ele almeja só é possível na figura de Tadzio, o menino andrógino, com sua beleza explícita e inalcançável. O horizonte de Gustav não cabe nas contradições brutais ou vulgares da realidade, que à todo tempo permitem e estancam o movimento e a comunicação. Quando, ao final, Tadzio enfim se converte num monumento para o sonho irrealizável de Gustav, a redenção antes da morte é a única coisa que ainda pode lhe ser oferecida.

~36~

Esboços finais

“A vida real está em outro lugar”, diz o Pierrot le Fou, de Godard e, como para provar que não quer continuar seguindo as regras reais de uma vida falsa, dirige seu carrão roubado para dentro do mar”, escreve Peter Buchka sobre Godard em *Olhos não se Compram*. Segundo Buchka, alguns dos personagens de Wim Wenders renovam a resolução do Pierrot le Fou (*O Demônio das Onze Horas*) de Godard: “Ao introduzir a corrida suicida de Robert, Wenders está fazendo uma alusão a esta cena.”, comenta ele, logo em seguida, referindo-se ao filme *No decurso do Tempo* (1976, Wim Wenders). Nesse *No Decurso do Tempo* e em *Movimento em Falso* (1975), são apresentados alguns personagens que decidem, ou são quase obrigados, a se ausentar dessa “vida falsa”. Seja por reivindicação pessoal ou má vontade com tudo que os cerca, a importância de se atirar em experiências aparentemente sem sentido, à parte da vida habitual nas cidades, os conduzem aos limites dos critérios que ordenam essa mesma vida. Por outro lado, nem o passado nem o presente deixam de atingi-los. Na verdade é apenas ao redor desses temas que ocorrem seus diálogos. Eles falam sobre solidão, divórcio, política, trabalho, cinema, roupas, sonhos... falam sobre tudo e, no entanto, de uma perspectiva diferente, distante de suas origens, fora de lugar. Não há mais aquela proximidade, física e emocional, que obrigava os personagens de alguns dos filmes anteriormente citados a conflituarem diretamente e diariamente com seus dramas. Para esses personagens de Wenders, ausentes do combate cotidiano, todos os temas passaram a vaguear por espaços indefinidos. Suas respectivas importâncias agora se assemelham a de qualquer paisagem, gesto ou som. Até mesmo a distinção entre vida e morte parece não ter mais sentido. Eles se aproximam de um ponto em que tudo poderia ser reavaliado, em que toda a ordem sensível poderia ser reconstruída, ou seja, em que a normalidade “aceita” estaria próxima de ruir, e não seria mais facilmente distinguível da loucura, ou da derrota, do erro, do isolamento.

“Se o louco persistisse em sua loucura, tornar-se-ia sábio”, diz a fórmula de William Blake, que talvez tenha um custo alto demais se levada a cabo. Mas, pelo menos a exemplo de um certo cinema, ainda que muito restrito aos poucos filmes descritos aqui, parece ainda importante manter-se alerta para o caráter absurdo que cada coisa pode manifestar.

~37~

A viga de ferro

~38~

— *por Henrique Biscardi*

Henrique Biscardi é jornalista e mestre em Ciências Sociais. Bloga em “Contos e Crônicas” e “Pena Nervosa”, além de outros blogs e sites

Passava os dias ali, agachada, postada ao chão. Olhava fixamente para a viga de ferro espreitada na divisa do muro. Entre a mulher e o metal, havia João. Pés descalços, peito aberto, mão pesada. A areia, apertada, escorria pelas mãos... Aquele homem negro lhe jogava de encontro ao fogão e lhe violentava. Não havia gritos ou soluços. As crianças dormiam, o vestido ajeitava e a vida seguia.

E os dias passavam, ali agachada, postada ao chão. Olhava fixamente para a viga de ferro espreitada na divisa do muro. Entre elas, havia João. Pés descalços, peito aberto, mão pesada. A areia, apertada, escorria pelas mãos, enquanto aquele homem negro lhe jogava de encontro ao fogão e lhe violentava. Não havia gritos ou soluços. Crianças dormiam, o vestido ajeitava e a vida seguia.

Manuela, ou simplesmente a Malú, queria trabalhar. Ele, alguém que cuidasse da roupa, da comida e da casa. A moça venceu e batalhou por algum tempo numa tecelagem. O destino lhe deu Bebel. E depois Matheus, Victor, Melissa. Quando a quinta criança nasceu, o lar já não existia. Malú já não existia. Apesar do descaso, Juliana vingou, amparada pelo córrego intermitente, que ainda sobrevivia, no peito de sua mãe.

O tempo foi passando e João substituía as chaves de boca e o macacão surrado de graxa pelo taco de sinuca. Da cerveja para a cachaça e dessa para o inferno. Os dias passavam, a noite chegava e ele seguia conhecendo um barraco novo a cada dia. No meio do mês, quando um

~39~

tostão já não lhe restava, seu dia era só bebida e o corpo de Malú, jovem e macio, para ele bater e se encostar.

Antes de sua mulher, seu chefe se encheu. Renato recebeu apenas um cheque nominal e lhe pediram as chaves da garagem de volta. No boteco, levou uma surra e beijou o asfalto. Queriam a sua morte, mas seu credor gostou da ideia e aceitou Malú. Arrastado por toda a viela, foi jogado à porta de casa e chamou por sua mulher. Nua, de braços no sofá, Malú não pôde compreender aquilo, e enquanto o algoz se vestia, ela decidiu que nada mais existia.

Ao fim do terceiro ano, disseram que a moça enlouqueceu. João sonhou que estava na “hidro” com uma de suas vagabundas. Só teve tempo de arregalar os olhos, antes que seu cérebro derretesse. Ele gritou. Gritou bastante. Encharcado em água e sangue ferventes. Chegou sem vida ao hospital. E Malú apenas sorriu.

Tiraram-lhe os filhos. E ela sorriu. Passaram-lhe as algemas, depois as correntes. Ela sorriu. No tribunal, também sorriu. No confessionário, diante do padre, do juiz e das pobres almas. Só

quando voltou a ver os filhos, chorou. Mas abraçados a eles, novamente sorriu. Deu um beijo em cada e se despediu: “Vocês estão livres”.

Aquelas foram suas últimas palavras, seu último choro, seu último sorriso. Malú morreu. Abraçada a um velho urso de pelúcia, ela morreu. Não contava os dias, nem olhava as horas. Comia, bebia, dormia, acordava e apenas a ferrugem daquela viga de ferro na fresta do muro lhe acompanhava.

Os dias de chuva eram bem piores. Presos na cela ou amontoados no pátio, todos assistiam aquele farrapo humano, descendo até o chão, respirando a terra, procurando o horizonte ou o mar, sem desprender o olhar da viga de ferro. Resistiu a uma, duas, três doenças com alguma gravidade, disseram. Contudo, seu corpo, que resistira a tanta coisa, não concordava com a ideia de morte e a sorte lhe trouxe Felipe. A compaixão transformou-se em amor e Manuela respirou.

~40~

O jovem médico conseguiu a remoção da moça para uma clínica particular: terapia, medicamentos e respeito. A moça já não enxergava mais a viga, embora, às vezes, ainda a procurasse. Felipe encontrou os filhos. Um a um. Reuniu a todos em uma grande casa na cidade de Pendotiba, aonde meses depois puderam receber de volta a mãe.

Custou cerca de cinco anos para que Manuela pudesse entrar definitivamente na vida de Felipe. Foram necessários recursos, atenuantes e pareceres médicos até que a condicional lhe fosse ofertada. Pela primeira vez, a moça teve o que sempre sonhou quando se apaixonou por João.

O médico mostrou-se reticente por mais um ano e, ao final do verão de 1987, resolveram viajar. Passaram 20 dias longe de tudo e de todos. Felipe voltou convencido de que a mulher estava totalmente recuperada. Em uma noite, entrou no chuveiro, tomou um banho. Colocou champagne no gelo e perfumes no pescoço de sua mulher. Felipe era delicado em cada toque, enquanto Malú gemia com o olhar perdido. No canto do teto existia a viga de ferro, enquanto a chaleira chiava à beira do fogão.

O Coringa de Alan Moore: o modelo para o caos

— por Thomaz Amorim Neto

Thomaz Amorim Neto, é doutor em Literatura Comparada, tendo sua tese abordado as implicações das histórias em quadrinhos de super-heróis como constitutivas de uma nova espécie de mitologia. Atua como docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (como Magneto), em alguns blogs sobre quadrinhos (como um certo doutor) e comenta em fóruns sobre o tema (tendo Kal-El, leia-se John Constantine, como inspiração).

Alan Moore é considerado por muitos fãs de quadrinhos como um dos deuses maiores do panteão de criadores dessa forma de narrativa. Outros tantos, em sua maioria editores do mainstream americano de quadrinhos, considera o autor uma pessoa extremamente difícil de se trabalhar — quase excêntrico —, mas que produz lucro certo. Os empresários do cinema o odeiam pelo simples fato de ele abdicar qualquer citação de suas obras de HQ em qualquer filme, basta vermos a última declaração dele acerca de Watchmen — o Filme, dirigido pelo visionário (leia-se adorador de extrema câmera lenta e piadinhas musicais com o Co-ruja) Zack Snyder.

Não é por acaso que Alan Moore é considerado um dos melhores: a ideia de A noite mais Densa, série que está

para terminar sua publicação no Brasil tem seu plot original de uma pequena história assinada por ele e publicada em *Tales of the Green Lantern Corps Annual #2*, de dezembro de 1986. Entretanto, não estamos aqui para falar de Abin Sur, Hal Jordan, Guy Gardner ou qualquer outro membro da corporação esmeralda. Na verdade, este pequeno texto trabalhará com uma das relações mais importantes da mitologia dos super-heróis: Batman e Coringa.

~42~ Talvez a his-
fina o Palhaço
A piada mortal.
foi escrita por
desenhada por
em 1986 e ain-
das referências
tratar do uni-
de Batman. Mas
segundo Brian
história do Co-
seja a versão
modelo atual
gem, seu po-
po. Obviamente
pensarmos na
modelo ficcio-
te, mas até os
o Coringa re-
vilão que uti-
os modos de
para perpe-
contrário desse
faz uma histó-
com Batman

mível personagem no Asilo Arkham (p. 258)[1]. Essa visita é uma tentativa do Cavaleiro das Trevas de evitar a necessidade de um embate final entre os dois. Ao entrar na sela do vilão, nota-se que ele está a brincar com algum solitário jogo de baralho e a carta do Coringa encontra-se isolada, fora do jogo. Batman



tória que de-
do Crime seja
Essa história
Alan Moore e
Brian Bolland
da hoje é uma
básicas ao se
verso ficcional
a piada mortal,
Bolland é uma
ringa e, talvez,
que define o
do persona-
tencial arquétí-
é muito difícil
criação de um
nal permanen-
anos de 1980,
sumia-se a um
lizava todos
um palhaço
trar crimes. Ao
modelo, Moore
ria que inicia
visitando o te-

faz um enorme discurso sobre o tema, mas não é o Coringa que está a sua frente, o que confirma o fato de o coringa (carta) estar fora do baralho (p. 262). Mais do que somente fora do baralho, o coringa em vários jogos define-se por algo impreciso no próprio jogo, refere-se à componente caótica que pode desestabilizar o jogo para aquele que a detém em suas mãos.[2]

O Palhaço do Crime escapou do Asilo Arkham e, naquele instante, está a comprar um parque de diversões/circo, o que não fugiria de seu antigo modelo de criminoso temático. Entretanto, somos levados a um flashback que mostra a personagem antes de se tornar o vilão e com um sério problema – sem dinheiro, sem emprego, devendo aluguel e com sua esposa grávida. Até então, nunca vimos nada anterior à origem da personagem e seu acidente como o Capuz Vermelho. Mesmo assim, a identidade civil do arqui-inimigo de Batman, continua um mistério. Seu nome não é citado na lembrança, apenas sabemos que ele era um tipo de comediante stand up fracassado. Sabemos, também, que sua companheira – Jeannie – está grávida e ambos moram num pequeno apartamento alugado pertencente à senhora Burkiss que lhe é condescendente com o pagamento de aluguel.

~43~

Acabado o flashback, Coringa volta a sua negociação pela compra do parque de diversões.

Naturalmente, não terei que lhe pagar nada. Meus colegas já convenceram seu sócio a assinar os documentos necessários uma hora atrás. A propriedade já é minha. Não se sente feliz com isso?

Ah, posso ver que sim e eu também estou. Quando souber as melhorias que planejei pra este lugar, você ficará de queixo caído. Garanto que nem vai conseguir falar...Bem, tenho de ir. Preciso alugar equipamentos e contratar homens pra começar as reformas e... é claro, ainda falta cuidar da minha atração principal. Pode ficar aqui.

Grandes Clássicos DC #9, p. 266.

O monólogo da personagem – já que, ao cumprimentar o homem, inoculou o “veneno do coringa”, tornando o homem estático em uma pose de riso – apresenta a formulação básica para a qual Alan Moore empreende a ele. Como o Coringa é o símbolo do caos, envenenar o homem é somente mais um ingrediente para sua derrocada. Obviamente, pela roupa e pelas falas anteriores desse homem, é notável que se trata de alguém falido, mas a maior falência, na visão do Palhaço do Crime, se dá pela constante presença desse homem

sentado num de seus brinquedos aparentando felicidade, mas, na realidade, caminhando lentamente para a morte.

Nessa história, Batman simboliza a ordenação de Gotham, de seu próprio universo ficcional. Para tanto, ele antecipa, organiza e age de forma à prevenir ou combater a criminalidade. Entretanto, contra o Coringa isso é “quase impossível”, pois caos e ordem aparentemente não conseguem antecipar um ao outro. Ao mesmo tempo, seu simbolismo referenda-se na sensação de ódio compartilhado, ou seja, a ordem odeia o caos e o oposto é verdadeiro. Batman, então, retorna à base para tentar antecipar as ações do vilão:

A cena é cortada para a casa do Comissário Gordon. Este organiza o mundo de Batman a partir de recortes de jornais, enquanto sua filha adotiva – Bárbara Gordon, a Batgirl – mantém diálogo com ele. Ambos conversam sobre o Coringa e Bárbara admite ter medo do criminoso. Lembremos que a personagem é uma bibliotecária, cuja principal função é organizar em um pequeno espaço toda a produção caótica de publicações em dada língua. Alguém bate a porta e Bárbara foi abri-la:

Não há anúncios, não há planos mirabolantes. Há simplesmente o atentado, existe um plano em andamento, é claro, mas o que chama a atenção do leitor é a completa gratuidade da cena. Bárbara é alvejada na frente de seu pai, que se abala profundamente. A primeira reação do Comissário é correr até sua filha. Ao mesmo tempo em que o Coringa afirma: “Por favor, não precisa se preocupar. O senhor sabe como as bibliotecárias são silenciosas. Elas odeiam barulho.” (p. 271). Mais uma vez, o Coringa reafirma o caos – de fato, as bibliotecárias organizam um microcosmo que se entende pela ordenação de publicações e preocupação com o ambiente para a leitura, o que envolve, obviamente, silêncio. A cena seguinte é tensa – enquanto o Palhaço do Crime despe sua filha, Gordon é espancado e levado de seu apartamento. O Coringa volta-se para outro flashback.

Somos transportados para uma mesa de bar em que o futuro Coringa explica que tem responsabilidades como “marido e pai” (p. 272), ou seja, nesse estágio a personagem ainda se esforça para ordenar seu mundo. Relembrando, ele é um comediante fracassado com dívidas de aluguel e uma esposa grávida. Entretanto, um novo serviço é oferecido a ele: travestir-se de vilão para auxiliar uma invasão a uma fábrica de baralhos com o intuito de roubar o cofre que nele se encontra. O vilão escolhido é o Capuz Vermelho que, como sabemos,

faz parte da origem clássica da personagem.

O ritmo da narrativa se acentua nesse momento, o balanço entre flashback e a ação principal não confunde o leitor – o passado é mostrado em tom de sépia enquanto o presente é mostrado com a paleta comum de cores –, mas o diálogo entre caos e ordem começa a se confundir. A partir desse ponto, Batman entra em cena e inicia sua busca e resgate do Gordon. Ao ra no hospício encontra-se, com sua pupila dilatada, a jovem diz agora está difíceis – ele atacará pai de maneira gratuita, com crueldade nuns comics do As palavras esclarecedoras comportamento – “E-ele iria... pr-provar que o papai ia O q-que ele vai O que ele está meu pai?” (p. não tem uma sabe, pela fala infantilizada de Bárbara, que a situação é grave com relação ao homem rapto.

Gordon está no parque recém-adquirido pelo vilão da história. Ele é levado até a presença do palhaço e é obrigado a se ajoelhar, em clara referência à



em cena e iniciado pelo Coringa Comissário visitar Bárbara, Batman na realidade, ela. Aterroriza que o Coringa rente, pois ele dos os limites a jovem e seu completamente requintes de ca antes visto mainstream. de Bárbara são sobre o novo to da personalidade que que- uma coisa... pagar a conta... fazer, Bruce? fazendo com o 275). Batman resposta, mas

~45~

magnitude da personagem com relação ao caos.

Ora, ora... Você está fazendo o que qualquer homem são, na sua situação faria... Está ficando louco!

(...) Lembra? Oh, eu não faria isso! Lembrar é perigoso... Eu vejo o passado como um lugar cheio de ansiedade. O “pré-terito imperfeito” como você chamaria. Ah, ah, ah, ah! As lembranças são traiçoeiras! Num instante você está perdido num carnaval de prazeres, com o aroma da infância, os neons da puberdade... No outro, elas te levam a lugares aonde você não quer ir... onde a escuridão e o frio trazem à tona coisas que você gostaria de esquecer! As lembranças podem ser vis, repulsivas, brutais... como crianças. Ah, ah, ah!

~46~

(...) Mas podemos viver sem elas? A razão se sustenta nelas. Não encarar as lembranças é o mesmo que negar a razão! Mas é daí? Quem os obriga a ser racionais? Não há cláusula de sanidade!

Assim, quando você estiver dentro de um desagradável trem de recordações, seguindo pra lugares do seu passado onde o risco é insuportável... Lembre-se da loucura. Loucura é a saída de emergência! Você só precisa dar um passo para trás e fechar a porta com todas aquelas coisas horríveis que aconteceram... presas lá dentro... pra sempre. Grandes Clássicos DC#9, p. 278.

Nesse ponto, o Coringa dá a sua primeira lição ao Comissário Gordon e trata-se de uma matéria em que se percebe a extremada lógica com a qual a personagem discursa. Levando-se em consideração o significado da palavra insuportável ao seu sentido estrito, trata-se de “que não é possível suportar (moral e fisicamente)”[3], um homem não veria outra solução a não ser colocar de lado a razão para entregar-se à sustentabilidade (e a liberdade) da loucura. A surpreendente lógica da defesa do Coringa revela que loucura e razão são diametralmente opostos, mas o discurso lógico não necessariamente afasta o homem da insanidade.

Novo flashback e descobrimos que, no dia do assalto, o futuro Palhaço do Crime é notificado pela polícia de que sua

mulher e futuro filho morreram num trágico acidente. Sem mais impeditivos, os comparsas pressionam o comediante a por em prática, naquela mesma noite, seu plano. Não há mais tempo para remorsos ou desistência, o comediante está preso no último ato de sua vida como um simples civil. E ele sofre. Da mesma forma, o Comissário Gordon sofre em um trem fantasma em que, nas telas, vendo o Coringa reafirmando a sua teoria da loucura, agora num caráter mais geral. Podemos resumir essa parte da teoria na seguinte sentença – “Troque sua vida de agonia por uma cama e injeções duas vezes ao dia! Ah, e não se esqueça. Você deve ir sozinho e sem medo! Quando o homem começar a se aniquilar, e as bombas caírem sem parar... E, de seu filho, o rosto pálido você vir, a melhor coisa a fazer é sorriiiiiiiiiir!” (p. 281). Ou seja, troque a vida no mundo de homens, reconhecida pelas guerras e destruição em massa, pela loucura, pois a loucura é uma viagem solitária em que tudo o que você pode aprender é a relaxar quimicamente.

~47~

Enquanto Gordon toma suas lições pelo Palhaço do Crime, Batman continua sua investigação. Obviamente, por onde passa, ninguém tem notícias sobre o criminoso. Ao voltar para a delegacia, por conta do sinal luminoso sob a forma de morcego, Batman recebe seu convite para o parque de diversões – o local onde o Coringa estava o tempo todo. O herói, é claro, vai à armadilha, pois, para a manutenção da ordem, o herói deve confrontar o vilão.

Ao mesmo tempo, o Coringa vê os estragos que fez à mente de James Gordon. Surpreso por não obter nenhuma resposta do Comissário, o Palhaço manda, então, que prendam o velho policial em uma jaula e perde-se em novas lembranças. Agora, o leitor é transportado para o cenário em que o comediante viúvo, sem filhos e completamente fracassado se veste como o Capuz Vermelho. Ele e os dois criminosos invadem a Ace Chemical Processing INC. rumo à Fábrica de Baralhos Monarca, mas a vigilância está em ronda e encontra o trio, os dois capangas são mortos e Batman aparece, interrompendo

o tiroteio. Para escapar, o comediante se joga nos esgotos da fábrica química. Os dejetos químicos, somados ao profundo abalo de sua vida, faz com que o comediante passe por uma transformação: sai de cena o fracassado e entra em cena o psicótico Coringa.

Retornando para o presente, o Coringa apresenta a maior aberração do mundo – o homem comum.

Batman finalmente encontra seu arqui-inimigo. A luta desenrola-se com a primeira fala do Morcego aparecendo nas legendas, o leitor pode supor, nesse ponto, de que se trata da última batalha entre caos e ordem, da última luta entre os dois principais personagens de Gotham. A superioridade física de Batman logo se revela como um fator positivo para a ordem e Coringa não vê outra opção que não fugir. É a brecha que Wayne precisa para resgatar o Comissário que não está louco e pede para que o vigilante prenda o criminoso para que eles possam “mostrar que do nosso jeito funciona!” (p. 295). A grande questão aqui é a seguinte: temos nessa cena somente três personagens, dois deles (Batman e Coringa) foram transformados por eventos traumáticos e seguiram caminhos opostos (ordem e caos), enquanto o outro (Gordon) encontra-se no meio termo – não se traveste, mas sente a opressão do caos que é a cidade de Gotham e todas as suas atrocidades. Gordon, porém, não se fantasia, não enlouquece, ele apenas decide viver a sua vida ao lado do plano da ordenação como um combatente imediato do caos, ou seja, um policial. Moore coloca em cena, dessa maneira, não apenas a dicotomia entre os dois pólos representativos do esquema mítico inerente aos super-heróis. Ao inserir o propriamente humano, ou seja, aquele que se recusa a ceder a um dos pólos, permanecendo no meio das decisões entre caos e ordem, Gordon coloca-se como o único personagem com sua sanidade inabalada na história.

A participação de Gordon, portanto, se encerra nessa cena, mas amplia-se como um eco até a última página da história, pois o Coringa tem a convicção de que transformou Gordon num lunático:

Sabe, estou pouco ligando se você me levar de volta para o Asilo... Gordon enlouqueceu mesmo... Minha teoria está provada. Demonstrei que não há diferença entre mim e outro qualquer! Só é preciso um dia ruim pra reduzir o mais são dos homens a um lunático. É essa a distância que me separa do mundo. Apenas um dia ruim.

Você teve um dia ruim uma vez, não é? Eu sei como é. A gente tem um dia



ruim e tudo muda. Senão, por que você se vestiria como um rato voador?

Seu dia ruim o deixou tão louco quanto qualquer um. Só que você não admite... Prefere continuar fingindo que a vida faz sentido... que vale a pena todo esse esforço! *Grandes Clássicos DC, #9, p. 295*

A aparente ironia do vilão revela uma incrível sobriedade que se mostra de maneira contraditória com relação à cena. A cena mostra Batman atravessando as armadilhas colocadas pelo Palhaço enquanto ouve suas palavras. Apesar da contradição, o vilão demonstra uma extrema lucidez ao diagnosticar uma gama enorme de personagens do Multiverso DC. Em suas

origens, tanto heróis quanto vilões tiveram apenas um dia ruim que modificou suas vidas e os fizeram travestir-se para ora combater o crime, ora promover o crime.

A diferença é tão somente uma escolha – os heróis segundo a personagem escolhem “fingir que a vida faz sentido”. Mais uma vez, Moore, pela voz do Coringa, retoma a temática básica dos super-heróis dos quadrinhos – eles representam uma virtude, ou uma atitude moral considerada positiva pela maioria da sociedade –, mas, ao mesmo tempo, ele interpreta esse posicionamento como mais um dado da loucura dessas mesmas personagens. Eles são, na visão de Moore, em *A piada mortal*, um reflexo distorcido de problemas psicológicos mais graves, ou seja, trata-se do mito atingindo a modernidade e seu reposicionamento conforme realizado por Sigmund Freud (mito de Édipo tornando-se o complexo de Édipo; mito de Elektra, tornando-se o complexo de Elektra, entre outros).

A escolha do Coringa é aceitar o caos em todas as suas formas. Por isso, ele se considera louco, pois, na realidade, a fundação do mundo é que libera essa mesma loucura. Segundo o pensamento do Palhaço do Crime, a loucura é aceitar a incoerência do mundo como uma grande piada com relação à humanidade



~49~

Thomaz Amorim

Loucura



~50~

rindo?”

Os dois personagens lutam novamente, enquanto o Cavaleiro das Trevas afirma que Gordon estava equilibrado quando o encontrou e, por isso, sua tese estava equivocada, ele enlouquecera porque era fraco. Entretanto, Batman não contradiz as afirmações contra ele mesmo e contra, por tabela, toda a comunidade heroica. No meio da luta, o Coringa é jogado para fora da sala de comando e consegue sacar uma arma:

Após derrotar o vilão, Batman retorna ao discurso que falara no Asilo Arkham. Sua preocupação está relacionada ao fato de que as duas personagens estão num duelo que poderá levá-los à morte. Batman propõe ordenar a mente e o mundo do Coringa para que seja possível trabalhar contra o crime de Gotham, mas o Palhaço

(p. 296) — o homem destrói o homem para o progresso do homem. Ele apenas decidiu achar graça do processo e pergunta ao Batman “Por que não está

não o ouve, em sua caótica mente, ele se lembra de uma piada:

A piada contada pelo Coringa é uma alegoria da própria relação entre as duas personagens. Alan Moore propõe, dessa maneira, um curioso paralelo com o que fora dito anteriormente por Batman. Wayne pretende auxiliar o Coringa em sua suposta reabilitação, mas a piada revela que o Palhaço não confia no homem e, portanto, a piada para ele torna a situação do auxílio um alívio cômico. Porém, para Batman, trata-se da ordenação caótica da mente do Coringa, como um reflexo daquilo que ocorrera com Gotham com o passar dos anos. Em escala menor, a piada contada pelo Coringa reflete um dado — tanto Batman quanto o Coringa permanecem em lados opostos no imaginário de Gotham, a aproximação entre eles é praticamente impossível, pois,

enquanto um representa o caos, o outro encarna a ordem. Caos e ordem, todavia, dependem de um tênue equilíbrio que está representado na história



pelo Comissário Gordon, o homem que ainda pode escolher o seu caminho.

A piada ainda revela mais, pois trata-se de apenas dois loucos que querem fugir de um local de ordenamento mental. Temos, pois que a única coisa que os separa na parte final da anedota é um fecho de luz, uma espécie de limite tênue que pode desaparecer pela simples vontade daquele que empunha o fecho luminoso. Ou seja, o que separa caos e ordem é apenas um limite abstrato (luz/moral) que pode mudar conforme o passar dos tempos. Dessa forma, a oposição entre ambos desfaz-se para dar lugar a última parte da alegoria. Um fecho de luz aparece separando-os, enquanto os dois reagem à anedota gargalhando. O fecho desaparece e ambos se encontram no mesmo local de maneira plena, mas isso não pode ser mostrado ao leitor, pois a simples indicação de que o limite sumira supera a própria representação das duas personagens. Assim, Alan Moore estabelece que Batman e Coringa, afinal, encontram-se em lados opostos somente no sistema simbólico-moral da sociedade em que estão inseridos, mas, num contexto mais amplo ambos fazem parte da mesma representação – a loucura.

~51~

“Afeto” e outros poemas

— *por Dênis Rubra*

~52~

Dênis Rubra estuda língua grega, é poeta, letrista e produtor editorial. Publicou em 2010 o livro *Poetizando a vida* pela editora Multifoco, formentou saraus pelo Rio de Janeiro e, em 2012, vai publicar o livro de *Antemargem*, também de poemas.

afeto

a liberdade
afeta o homem
preso em sua infinda
gama de possibilidades

a liberdade
constrói aquele
livre em sua finita
pouca habilidade

liberta, dj
que eu bem sei:

não saber
— não querer saber —,
ou tentar

é quase como se prender
ou quase como se vestir
a força,
sem camisa.

afeto.

título

eu sou tão
mas tão louco
que rasguei por querer
este poema.

pele macia,
quase negra
pequena como
os detalhes
de uma xilogravura
fios lisos
quando
soltos realçam
o sorriso
o busto
é quase todo
sentimento
com
um braço
abraço a cintura
entre
as pernas
o que pede
amor
e faz
bem

manequim

morena
um metro
e sessenta
e dois
de altura
cabelos lisos
grandes
busto:
nove(enta)
(centi)metros
cintura fina
as virilhas distantes
boa
fle
xi
bi
li
da
de

(de onde parte o olhar se define o
que vê)

~53~



Robert Walser

Vila-Matas e Walser: o desaparecimento e a loucura

— por *Christian Fischgold*

Christina Fischgold, é carioca. Roteirista, formado em cinema e mestrando em letras. Trabalhou como produtor e assistente de direção em curtas e longas metragens, escreveu e dirigiu o curta *Notícia*. Coordenou cursos de cinema e literatura no Rio de Janeiro. É editor da revista RapaDura.

“Não estou aqui para escrever, mas para enlouquecer.”

— Robert Walser

~55~

O mito do desaparecimento do sujeito, segundo Vila-Matas, data do século XII, com os quadros de Pieter Saenredam e suas representações de interiores de igrejas protestantes (que excluía ou minimizava a presença humana, focando a sua atenção e a do espectador no edifício representado) e não de meados do século XX quando, com o privilégio da linguagem, minimizou-se o papel do sujeito e surgiram expressões como “morte do autor” e “desaparecimento do homem”. A obra do autor catalão é particularmente focada nessa questão. O livro *Doutor Pasavento*, escrito em 2005 e lançado no Brasil em 2010, destaca-se pelo retorno ao tema, já explorado em *O Mal de Montano e Bartleby e companhia*; pelo excesso de

citações – não meramente ilustrativas, mas constitutivas dessa narrativa, com importante significação – e pela explicitação de sua obsessão pelo escritor suíço Robert Walser. Podemos creditar boa parte do interesse recente sobre a obra de Walser à Vila-Matas e, em menor proporção, a Gonçalo Tavares.

Em dezembro de 1956, a polícia da cidade de Herisau, na Suíça Oriental, foi chamada por crianças que tinham tropeçado no corpo de um homem congelado até a morte na neve. Naquele natal de 56, aos 78 anos, Walser fazia mais uma de suas solitárias caminhadas quando sofreu um violento ataque cardíaco. Era o fim para um autor que viveu e sofreu por mais de um quarto de século em clínicas psiquiátricas. Embora já fosse conhecido, só anos após sua morte, quando seus escritos secretos foram descobertos, ficou clara a dimensão e a importância de sua obra para a literatura alemã do século XX. Para Susan Sontag, “Um grande escritor, por seus quatro romances (*Os Irmãos Tanner*, *O Ajudante*, *Jakob von Gunten* e *O Ladrão*) que sobreviveram e por sua prosa curta, em que a musicalidade e a livre deriva da sua escrita são menos tolhidas pela trama”.

A epígrafe acima é a síntese da sua jornada por clínicas psiquiátricas. Estada opcional, pois surpreendentemente em seus últimos anos de vida, Walser – mesmo sem apresentar os sintomas da esquizofrenia e com a doença bastante reduzida – recusou-se a deixar a clínica psiquiátrica, optando assim pela solidão, pelo anonimato e pelo exílio da insanidade. Laura Erber, em seu ensaio *As Vidas Minúsculas de Robert Walser* (Revista Escrita) revela que Walser ficava realmente contrariado quando os enfermeiros de Herisau lhe traziam matérias de jornal em que ele ou seu irmão Karl apareciam. Nada pior para alguém que queria sumir, desaparecer, do que ficarem lembrando a todo momento quem ele era.

Nas pouco mais de 400 páginas do livro de Vila-Matas, Walser é a citação mais frequente (o que não é pouco dentro do universo de citações) e também, o herói moral de *Pasavento*, aquele que melhor alcançou o desaparecimento pleno. Optou por escrever e por desaparecer.

Assim como Walser, o Pasavento de Vila-Matas anseia por desaparecer e vislumbra a Patagônia argentina como destino ideal pra isso. O fato de ter “uma pessoa por quilometro quadrado” faz com que o personagem idealize o local como perfeito para sua proposta. “Aquele que não se prepara para entrar no mundo, mas sim, para sair dele sem ser percebido”, diz Pasavento.

As citações não se resumem a autores literários. Os pequenos e grandes fatos do dia a dia, descritos nos jornais locais também são alçados a condição de “citação”: Zidane, soldados mortos no Iraque, Lobo Antunes no saguão do hotel e o coro de Nápoles, tornam-se citações do mundo real e toda sua prolixa prosa cotidiana. “É nesse jogo entre acontecimentos reais e ficcionais que o autor catalão procura deslocar as notas de rodapé (citações) para o centro da página, possibilitando metaforicamente que se perceba mais concretamente o texto”, observa Gabriela Semsinato em *Enrique Vila-Matas e a estética das margens*.

Conduzida por essa narrativa meta-ficcional, em que a obra literária se discute dentro do próprio espaço da ficção, a solidão, a loucura, o silêncio e a liberdade tornam-se os temas centrais da obra, e as noções de realidade e de literatura precisamente reforçam, inspiram e afetam-se mutuamente. Nesse labiríntico “jogo” afetivo, a vida de um personagem como o professor Morante, internado em um manicômio – o qual estamos constantemente em dúvida sobre seu real estado mental – escrevendo micro-contos está intimamente ligada a vida de Robert Walser. No prolongamento dessa concepção, a escrita em si torna-se o tema do personagem.

Que este romance admita ser quase um ensaio, diria Roland Barthes.

Em sua busca pelo desaparecimento completo, o escritor Andres Pasavento cede lugar ao psiquiatra dr. Pasavento, depois para o escritor Thomas Pynchon, mais tarde o dr. Ingravalo e assim por diante, numa sucessão de personagens inventados (ou recriados) em que não apenas o nome, mas também as memórias, a história e a biografia sentimental de cada um deles é projetada uma sobre a outra. “Ser grande é saber ceder lugar a outro” e os personagens cedem. Nessa apropriação de memórias e personalidades, Vila-Matas produz um jogo de espelhos paradoxal onde o leitor encontra os personagens esforçando-se para fechar a equação “eu sou eu”. Em outras palavras: para ir fundo em seu trabalho de escritor é preciso primeiro desaparecer como autor, não importando o quão arriscado isso seja. Em determinado momento, esse jogo de espelhos, criado pelo autor, acaba por excluir todas as memórias inventadas e esse personagem que anseia com tal propriedade ser “outro”, acaba ‘castigado’, sendo-o. Em uma belíssima reflexão acerca desse tema, Clarice Lispector diz:

Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros: e o outro dos outros era eu.

~57~

Tanto em Clarice quanto em Vila-Matas, devemos frisar que isso não acontece sem conflitos. Gabriela Semsinato aponta que “pensar no dr. Pasavento como se não fosse ele mesmo indica que há uma espécie de conflito de identidades, que já atua nesta parte do enredo. Mais adiante ocorrerá também uma confluência entre recordações, misturando-se dados de uma e de outra”. Esse jogo de espelhos, cujo objetivo primeiro é “deixar de ser”, encontra ecos também na criação teatral contemporânea. O ator americano Spalding Gray narrou, em entrevista a pesquisadora Ana Berenstein um exercício praticado no Performance Group e que foi responsável por lhe ensinar um método de trabalho bastante similar ao conceito de desaparecimento de Vila-Matas. Ele diz:

Eu me tornava você e tentava incorporar a sua postura e quando eu conseguisse conhecer você, podia também começar a falar do jeito que você falaria... Todos nós nos conhecíamos bem porque estávamos juntos no grupo há cinco anos. Uma pessoa estaria na sua cadeira e eu na minha. E ele [Richard Schecner] diria mudo. E nós trocávamos e íamos para a cadeira dessa próxima pessoa e começávamos a habitar essa pessoa. Nós começávamos com gestos, tentando pensar e falar como ela e isso continuava por um tempo, até você começar a entrar nela. Então ele dizia: mudo para a próxima pessoa. E a próxima. Quando você retornava para a sua cadeira, uma hora mais tarde, você estava representando você mesmo, porque você tinha se distanciado o suficiente de si mesmo através da incorporação do outro (...)

Nesse processo há um perigo iminente para o ator e para o autor/personagem: e se Pasavento deixasse de ser ele, mas não chegasse a ser outro, tornando-se algo pela metade, incompleto? O receio de tornar-se uma ruína de si, isto é, algo decadente material e moralmente, é também uma das obsessões de Borges no conto Ruínas Circulares, do livro Ficcões. Na obra de Borges há uma aldeia onde a imediata obrigação é, através do “sonho”, criar um outro homem com integridade minuciosa e impô-lo a realidade. A criatura de Borges, porém, —assim como Pasavento, Ingravalo, Pinchon— perde suas recordações anteriores e amanhece sem memória de sua criação. E assim, o homem segue criando sua criatura, começando pelo coração, chegando ao esqueleto, as pálpebras, os cabelos. Tudo é meticulosamente criado. Até que, “no sonho do homem que sonhava, o sonhado despertou”. Borges faz o caminho inverso (dentro para fora) colocando o coração metafórico como indicador de início da vida, enquanto Pasavento cria suas personagens de “fora para dentro” (primei-

ro o nome, depois as recordações).

Mas, Borges também cria seu jogo de espelhos e, em sua “ruína”, o criador compreende “com alívio, com humilhação e com terror” que ele também era uma aparência, que outro o estava sonhando.

No *Pasavento* de Vila-Matas há uma angústia, um terror gerado pelo sucesso midiático e pelos convites para que escritores se exibam em conferências, mesas redondas ou festas literárias sempre acompanhadas das constrangedoras “felicitações superficiais, dos tapas nas costas e dos pedidos de autógrafos” que envaidecem, mas em nada melhoram a vida do escritor. Autor e obra se distinguem aí e seguem vidas paralelas e, mesmo o meio literário “cria” suas celebridades e seus famosos. Nesse contexto, a ironia maior do dr. Pasavento é propor o desaparecimento pleno em tempos de excesso (e anseio) de informação e visibilidade. O mesmo desaparecimento proposto por Walser.

~59~



Amanda França é formada em Comunicação, pós-graduada em Fotografia e Mídia pelo Centro de Comunicação e Artes do Senac-SP e cursou jornalismo de moda na Eca-USP. Atuou como produtora nas emissoras Bandeirantes e TV Cultura em São Paulo. Editora de fotografia e fotógrafa do site Moda Almanaque do UOL (projeto iniciado no jornal Folha de São Paulo) é uma das editoras da revista cultural online Nego Dito, atualmente é pesquisadora na Folhapress e fotógrafa freelancer.

Corpo & Neve

— por Mauro Siqueira

Mauro Siqueira é flamenguista e escorpiano; fomentador de redes sociais, ficcionista, leitor voraz, autor do livro de contos *De vermes e outros animais rastejantes* (Multifoco, 2008). Participa de vários projetos online, quase todos sobre literatura e arredores; tem contos aqui e ali pela rede.

Herisau, Suíça, 1956

Estávamos entediados – fazia frio naquela manhã de Natal. Andávamos por apenas andar, sem nada o que fazer, a esmo por uma cidade gelada e coberta de uma neve branquíssima. Dos nossos presentes abertos ainda na madrugada, nenhum era exatamente aqueles que queríamos. E talvez por isso eu tenha logo passado bem cedo pela casa de Peter, perguntando se ele queria dar um volta; ele deu de ombros como quem diz “tanto faz” e assim saímos.

Herisau estava muda, poucos carros, poucas pessoas, pouca vida, um tédio para nós, crianças. Andamos um tempo em silêncio, meio perdidos e sem direção; Peter catou uma vara larga pela rua para se ocupar enquanto flanávamos; vergastando a vara no vazio, cortava o ar com assovios agu-

dos... De súbito se disse pirata com ela e eu o acompanhei na fantasia e fiz minha espada de um exemplar caído e úmido do Herisau Zeitung, o jornal da cidade. Logo, eu era um contra-almirante da marinha real britânica, mas fui derrotado rápido e feito prisioneiro – sentenciado ao exílio! Eu deveria ser levado para uma ilha misteriosa e de lá cumprir minha pena... Embrenhamos os dois pelos bosques próximos, armei a minha fuga da cadeia gelada lá, como um verdadeiro herói que era! – enfim tínhamos algo para nos ocuparmos naquela quinta-feira de feriado. A neve que recomeçara a cair deixava tudo melhor, rapidamente, dos sete mares passamos para as trincheiras da I Guerra – eu sempre em fuga. E depois fui perseguido pelos ares pelo “Barão Von” Peter no seu bombardeiro negro e eu num avião cuspidor de fumaça, tentando fugir das investidas de bolas de neve – finalmente o Natal fazia sentido!

~62~ Avistei um descampado e corri para lá, nele eu seria um alvo fácil, mas Peter tinha uma mira péssima! Não tínhamos nos dado conta de que estávamos tão longe de casa. “Por que não?” – pensei. A minha chance era mesmo a cerca – uma bola de neve zuniu ao lado da minha cabeça – passei por um desvão no arame farpado e corri na direção das árvores mais longas, a neve do lado dela parecia outra, quase intocada e meus pés nela afundavam – flosch-flosch –, mas corri; ao longe ouvia a voz de Peter a me chamar. (Se soubesse com que nos depararíamos, preferiria mil bolas de neve na cara a ultrapassar aquela cerca). A cerca margeava uma enorme construção cinza, fria, com torre e uma chaminé silenciosa – porém viva –, o local era o assim chamado “Hospital” de Herisau; a cerca seguia sinuosa, subindo o vale já às margens dos limites das cidades. Estaquei mais uma vez diante dela, senti a presença de Peter ao meu lado – a nossa diversão acabava ali. A neve que caíra mais cedo deveria ter coberto os rastros mais evidentes da passagem do homem, mas não foi assim que aconteceu. As pegadas pareciam ter resistido o tempo necessário até que alguém encontrasse o que nela repousava. Nossa respiração desapareceu e só se ouviam as árvores do lindo vale... e a neve.

Durante a primavera e o verão aquelas paragens são um agradável bosque de vegetação rasteira e algumas dezenas de pinheiros, carvalhos e ciprestes centenários plantados ali, há muito tempo pelos administradores do Hospital – é um lugar muito procurado para piqueniques – e não raro esquilos e lebres aparecerem, surpreendendo os frequentadores. Há de se deixar claro que tudo isto é feito do lado de cá da cerca, que separa a rotina do Hospital do mundo aqui

fora. As pessoas de Herisau não gostam do seu hospício. Evitam falar dele. Evitam falar das pessoas que lá estão. E o inverno não altera essa impressão, pelo contrário, o frio muda tudo. A tristeza das árvores sem folhas, expondo a verdade nos seus galhos retorcidos, a grama queimada, tomada pela neve, que parece mais densa pelos lados de lá evidenciam o humor daquelas colinas num silêncio derradeiro e de abandono, o qual somente é quebrado pela rotina do local reservado aos doentes. Há muitas histórias sobre o lugar, pouco se sabe onde reside a verdade – como separar os fatos das lendas dos temores pessoais de cada um? Pouco importa para mim e Peter, pouco importou... vivemos a nossa própria história com aquele lugar e um de seus habitantes.

Eu percebi algo de estranho antes de Peter e por isso parei... das pequenas colinas que levavam ao centro psiquiátrico Krombach vi algo que destoava de tudo ali. As pegadas sobreviventes à neve eram fundas, a distância entre uma e outra era pouca, tortas e vacilantes; sinais claros de que seu dono cambaleava ao deixá-las. Segui-las foi inevitável. A cada passo, meu coração se elevava dentro no peito, o frio já não era sentido, de Peter eu ouvia a respiração ofegante e no vasto daquele cenário branco, víamos a trilha completa que as pegadas faziam: seguiam rente à cerca do Hospício. Uma mancha escura borrava o branco, no fundo do vale. Corremos. Um homem emborcado na neve. Congelamos. Não sei quanto tempo ficamos em silêncio: o chapéu caído, não víamos o rosto do homem emborcado na neve, um grosso casaco de feltro, elegância que não combinava com o lugar. Quem agiu primeiro foi Peter, com a vara que não abandonava e que antes era uma espada de pirata, e agora servia para verificarmos com cautela quem era aquele homem-da-neve. Eu, há dois passos dele e com a mão no seu ombro, tremia. Com a ponta da vara, Peter cutucou a sola do sapato do homem... Nada. Outras tentativas... Nada. Notei que as mãos do homem estavam encobertas pelo peito; Peter, então tentou empurrando com mais força a vara nas costas do caído... Nada. Decidimos virá-lo...

O rosto estava vermelho pelo frio, transparecia uma calma, um silêncio como do mundo a nossa volta, os olhos vidrados bem abertos, mirando o vazio, negaceavam a verdade para nós, sacudimos com força o homem-da-neve quase gritando: “Senhor, levante-se... Senhor!...” Então, como despertados de um sonho, Peter e eu nos demos conta da realidade: o homem estava morto – e por um momento só a neve parecia viva ali, ao cair com mais força no vale, nós

~63~

tocávamos um cadáver gelado. Peter de gatinhas e de costas se afastou gritando e eu me levantei muito rápido, tropeçando nos próprios pés, embolávamos misturados a neve e ao horror, as pernas não agindo conforme as ordens do cérebro, queríamos correr para longe dali e corremos, pulamos a cerca, mas não fomos embora... o silêncio do morto nos chamava, decidíamos o que fazer. Peter pela primeira vez soltara a vara – perdera todo seu encanto ao tocar no morto. “Vamos chamar ajuda”, disse ele olhando para o hospício.

Decidimos nos dividir: Peter correu em direção à cidade, pra buscar ajuda e eu alguém no Hospício... Corria com dificuldade, ignorei o caminho de tijolos, sem neve, aberto a sal grosso pelos funcionários do hospital e atravessava a neve espessa – flosch, flosch – até a altura dos meus joelhos. Gosto da neve, mesmo quando vadeamos por nela muito tempo e mesmo de sapatos grossos os pés gelam e o frio sobe até as batatas da perna, mas dessa vez, pela primeira vez, eu sentia dor e não queria estar rasgando aquele terreno. As portas do Krombach, o hospício, fiquei indeciso e busquei consolo no que deixava para trás (sem ainda saber o quão atrás deixava); do alto do morro eu via o caminho marcado por Peter, tão sinuoso e cambaleante quanto o do homem-da-neve e ele como uma mancha, uma rocha, um elemento destoante daquela paisagem fria e branca do Natal de 56. Dali em diante a lembrança: o peso do contraste da imagem do homem e a leveza do brilho da neve ao redor dele, colados à memória.

Num primeiro momento, o branco de lá de dentro me foi mais violento do que o da neve de fora, ferindo meus olhos com o reflexo reluzente dos azulejos impolutos das paredes dos corredores, das portas, dos pacientes; para onde olhava, o branco preenchia qualquer tentativa de dispersão ou fuga. Corria em busca de alguém que pudesse me ajudar e de alguma forma consegui me fazer entender com a primeira pessoa que trombei – uma senhora forte de buço pronunciado – um enfermeiro se juntou a ela e sem agasalhos mesmo, voltamos ao bosque, dessa vez pela trilha de tijolos; ao longe Peter já tinha regressado ao corpo e junto a ele um policial, que lhe segurava a mão, outro guarda observava um terceiro homem, com máquina fotográfica, ajoelhado, que tirava fotos do cadáver. Ao nos ver, dirigiu-se para nós e o flash espocou no meu rosto e antes que percebesse, Peter estava ao meu lado e outra foto foi batida; de soslaio, observei a senhora e o enfermeiro agachados tentando formas de reanimar o homem: “É o senhor Walser, está morto, não podemos fazer mais

nada.”, disse ela virando-se para um dos guardas, o outro com o bloco na mão veio em nossa direção e nos fazendo perguntas que não ouvíamos e não respondíamos. Todo o resto é vago. Passamos um bom tempo daquele dia de Natal na delegacia, fomos perguntados de tudo e por todos – policiais, médicos, repórteres... Peter e eu estávamos acuados e receosos – nós nos sentíamos como criminosos – eu chorei. Peter chorou. E só a noite pudemos ir para casa, um senhor entrou pela delegacia e assim que o vi tirar o chapéu, quase gritei: vislumbrei o rosto do homem-da-neve e não o do meu amado pai. Agarrei-me a ele e chorei copiosamente como o cadáver à neve...

Os dias que se seguiram a minha descoberta e de Peter foram diametralmente opostos as aflições passadas por nós. Esclarecidas as circunstâncias em que encontramos o corpo morto na neve do escritor recluso Robert Walser – e que todas as crianças de Herisau conheciam pela excentricidade de seus passeios –, em nossas portas, dia a dia, vizinhos, amigos e parentes vinham nos visitar nos felicitando por nossa coragem e ação, mesmo que Peter e eu não compreendêssemos o nosso gesto. Repórteres do Herisau Zeitung (e de outros jornais, até da capital!) mais de uma vez tomaram nota do que falávamos; perdemos o número de fotos que tiramos, ganhávamos doces na padaria e nos deixavam entrar de graça nas matinês do cinema! Homens de moral duvidosa queriam nos contratar para aparecermos publicamente em troca de algumas barras de chocolate: éramos celebridades em Herisau! A todo instante havia dedos apontados para nós: “Olhem: são eles”... “Vejam, aquele não é o Peter?”... “Não são os nossos meninos, nossos pequenos heróis, que vão ali?”... E coisas do gênero. Eu adorava aquilo! Todas as manhãs punha o cabelo penteado de lado, furtava algumas gotas da água de colônia da mamãe... andava com empáfia pelas ruas, quase desfilando. Peter, que não se importava e ria das minhas atitudes. Com o tempo, ele cada vez mais parecia incomodado com as manifestações do povo em relação a nós. Começou a evitar certos lugares, em certos horários, em certos dias. O excesso de exposição não fez bem a nenhum de nós, na verdade. E certa vez meu amigo me confessou que seu desejo era sumir, desaparecer. Não me esqueço do dia em que passei por sua casa e o olhei vidrado à janela vendo a neve cair, parecia com medo – não quis sair aquele dia, mas me lembro bem dele dizendo: “Eu só feliz quando neva.”, naquela manhã de Natal – já não tinha essa certeza.

Além da introspecção, Peter tornava-se arredio. Passou a fugir das pessoas

~65~

quando notava que falavam dele, a se esconder, a não sair. O início das aulas só piorou as coisas: passou a enfrentar aqueles que insistiam sobre a morte de Walser, dizia-lhes que tudo aquilo era uma besteira, que nós não tínhamos feito nada de especial e que o homem continuava morto. Foi na escola também que percebi que não éramos mais os mesmos garotos. Durante a segunda semana de aulas em que a neve ensaiava derreter, mas insistia a cair, por toda Herisau que se deu nosso afastamento. Era recreio e talvez eu tenha mesmo exagerado uma coisa ou outra. Como de hábito, eu contava mais uma vez a história do homem-na-neve, estava de pé num banco, rodeado de outros alunos. Peter assistia a tudo do outro lado do pátio observando impassível e meio sombrio, segurando um sanduíche mordido em sua mão. A briga foi rápida: ele largou o lanche e correu na minha direção gritando, a atenção dos alunos desviada, parei minha narração. Ele pulou em cima de mim e caímos por sobre a neve, continuou a gritar enquanto me batia, eu estava imobilizado. E antes de tudo surpreso e chocado, algo dentro de mim desprezava as pancadas e queria saber o porquê do meu melhor amigo estar me espancando no pátio da escola, na frente de centenas de alunos. Peter me socava sem critério, alucinado, a intenção não era fazer doer – mas doía. Eu tentava me desvencilhar e ele batia mais; eu gritava e pedia que parasse... nada. (Respingos do meu sangue na neve). Eu achava que iria morrer e ninguém fazia nada. Sentia a visão embaçar e só conseguia ver o cinza do céu e os flocos de neve que voltavam a cair, a cada soco era como se fosse jogado, mergulhado para aquela manhã de Natal e voltava, sem fôlego para realidade, para o soco seguinte me afogar de novo; eu chorava e Peter também (e nenhum professor ou bedel apareciam para dar fim aquilo!), fechei as mãos sobre o chão gelado já aceitando o fato de que não me levantaria mais dali; sem saber como, minha mão encontrou um pedra, agarrei com força, primeiro buscando apoio, mas estava solta, meus dedos se fecharam sobre ela... foi um estalido seco que ouvi quando Peter desabou ao meu lado na neve.

A manhã estava completa com lágrimas e sangue na neve.

Genebra, Suíça, 20...

A carta e a encomenda me alcançaram a dois dias do meu retorno ao Rio de Janeiro. Recebi-as quando voltava ao hotel, já quase três da madrugada – hora de um velho como eu estar dormindo, dormindo... Passei pela porta giratória e no saguão a voz esganiçada da atendente da noite soou como mais um devaneio etílico, girei sobre os calcanhares e ela já estendia a mão com o embrulho dizendo: a senhora esperou o quanto pode e isso foi por volta da uma da manhã. Fiquei confuso. Tirei do bolso os óculos e sobre a luz pálida de uma arandela estilo art nouveau minha corrente sanguínea parou – eu teria de adiar minha volta para casa – Na minha surpresa, devo ter tido algo em português mesmo, pois a moça ficou ali – despachei-a com a mão e torto e vacilante segui para o meu quarto, já recuperava a sobriedade, a noite de excesso parecia agora um leve torpor por conta do que recebi... Era um torpor quase bom, eu sorria, olhei o pequeno pacote na minha mão mais uma vez..., minha vista embaçava, as minhas pernas balançavam, apertei com mais força a minha encomenda, sons guturais por dentro de mim, olhei para o lado – apenas eu ouvia aquele som – e eu não conseguia chegar até o elevador, suave... parei... sentia meus batimentos cardíacos por todo corpo. Com uma das mãos apoiei na parede e de repente, minha cabeça pendeu para frente, “fräulein, fräulein”, gritei pela mocinha do balcão, era tarde: vomitei sem saber o que vomitara, em seguida desabei... agarrado à carta e a encomenda.

Levantei sobressaltado. Dentro das possibilidades locomotoras de um velho desregrado como eu, até pareceu rápido. O luminoso do relógio mostrava que a noite daria lugar à manhã em breve; no céu suíço era difícil distinguir isto... No, Rio, a mesma hora, o céu se pintaria de pinceladas lilases e róseas, misturando aos restos quase negros da madrugada, com estrelas ainda visíveis por toda a parte. Aqui não. Tudo de súbito, guardado por detrás dos Alpes... eu precisava de um banho, ainda fedia a vômito e desconfia de mijo também – o pessoal do hotel não podiam ser tão solícitos assim. Eu só me recordo do teto, de como cheguei até o meu quarto e minha cama fofa de lençóis e edredons brancos, nem suposições tenho, mas isso também não importante; o importante estava ali, indecoroso, embrulhado num papel pardo e amarrado com barbante, no envelope, as iniciais bem fundas caligrafadas com a pressão do lápis: “W”. Eu precisava mesmo de um banho...

~67~

A água quente faz bem a esse velho, gosto dela bem quente, fumegante, abrindo os meus poros, deixando a minha pele enrugada esticada e avermelhada – meus banhos são quase castigos... por um momento ali, nem mais a água eu ouvi cair no meu corpo decadente, do banheiro eu não via, o pequeno pacote, com sua presença quase obscena, direcionava o meu olhar para fora e era como se tivesse sido transportado e assistia a mim mesmo e a Karl na neve, naquele Natal de 56...

...“Vamos chamar ajuda”, disse a Karl, eu não queria ir para o hospício. Ele foi. Tomei o caminho de volta para a cidade, a neve grudenta nos minhas botas colava – flosch, flosch – e dificultava a minha passagem. Assim com meu amigo, eu adorava a neve, mas depois daquele Natal jurei a mim mesmo que a evitaria ao máximo, que a deixaria para trás e talvez por isso tenha escolhido os trópicos para fazer a minha vida. Eu me esforçava pelo descampado, o vale branco, e mais uma vez a cerca. Olhei para trás e só vi os meus passos marcados nas elevações do terreno, ao longe o manicômio no alto do terreno, impassível ao que acontecia aqui fora, mas de onde Karl já deveria estar voltando com ajuda para o velho e eu com vontade de chorar diante de uma cerca! Passei pelo desvão e logo pisava nos paralelepípedos escorregadios de Herisau, corria com calcanhares nos glúteos e não via ninguém... acenei para alguns carros e me tomando por louco seguiram seu caminho. Segui e numa ruela que cortava a avenida, dois policiais quase dormiam em pé! Gritei, despertando-os da letargia de um trabalho natalino, vieram em minha direção e sem fôlego expliquei com ricos gestos o que tinha se passado. Um deles saiu correndo em direção ao descampado, o outro tirou o apito metálico e vez ecoar o silvo agudo, então a 100m um terceiro guarda surgiu de uma esquina e correu, também em nossa direção, algumas cabeças surgiram nas janelas, fui tomado pelo braço pelo guarda, repeti a minha história e não vi quando um jovem com bigodinho muito ralo, com talvez o dobro da minha idade, se juntou a nós e com sua câmera fotográfica pesada sobre o ombro, seguiu conosco correndo para a neve. Para minha surpresa, Karl ainda não regressara, o primeiro guarda virara o corpo, o jovem fotógrafo seguia batendo fotos de vários ângulos, o outro guarda ainda me detinha pelo braço, mas observando o trabalho dos outros – eu não queria olhar, virei para outra direção e então eu vi meu melhor amigo descendo as alamedas do Krombach também acompanhado – e um outro capítulo do nosso pesadelo começava: aquele neve era um inferno.

~68~

Ao sair do banho, ainda me sentia cansado e a ressaca batia nervosa à porta, sobre a cômoda o pacote. Sentei na beira da cama, observei-o com detalhe, era um embrulho feito às pressas, girei-o na minha mão, lá fora os sinais de claridade anunciavam que sim, eu teria de encarar aquele embrulho, mas tinha receios dele. Evocado pela carta que também não abrira, eu também reconhecia a letra, afinal como não reconhecer a letra da minha primeira professora? A curva acentuada da primeira perna do dáblio, o “ezinho” que surgia da curva interna do traço contínuo para terminar a inicial de seu nome, denunciavam Wanda, a irmã mais velha de Karl... eu precisava de uma dose de tequila com muito limão e sal! O meu desejo era amassar aquela merda e no gesto esquecer o pacote quando deixasse o hotel. Porém, outras vezes estive no meu país, em Herisau inclusive, e nenhuma forma de contato fora feita ou tentada, por que agora? Suspeitava as razões. A carta dizia:

"Olá, Peter.

Espero que os anos tenham sido mais justos e generosos com você do que foram com nosso amado Karl. O caminho por onde a vida de dois tão bons amigos os levaram pode ser turva e cruel, mas há sempre redenção. Espero que tenha encontrado a sua. Karl não poderá mais seguir em sua busca: morreu há alguns meses.

Karl o tinha como amigo, mesmo com tudo que se passou entre vocês, ele o tinha com o único amigo de fato da sua existência na Terra... meu irmão, amado irmão, sofreu muito com a separação de vocês, mas não preciso te dizer isso: você também sofreu. Eu apenas queria dizer que ainda nos últimos dias dele, falava de você com saudade e ternura. E amaldiçoava aquele dia na neve – você pode imaginar o que se tornou o Natal para nós? Quando eu ia vista-lo, descontrolava-se ao lembrar disso... os dias com neve tornaram-se os piores para ele.

Esse embrulho que acompanha esta carta foi encontrado junto do corpo dele, caído próximo a mesinha de cabeceira. Não sei ao certo porque faço isso, mas acho que esse caderno possa curar as coisas entre vocês e talvez dê um pouco de alento ao meu irmão querido.

W."

Li apenas uma vez a pequena carta... dei por mim que chorava. Após a nossa briga, Karl e eu fomos expulsos do colégio, eu fiquei dois dias

no hospital em observação, só me lembrava de bater muito nele e depois apagar sobre a neve. Depois fui saber que meu melhor amigo quase esmagara a minha têmpora com uma pedra... mas eu nunca o culpei por nada. Pelo contrário, tentei uma reaproximação, ia a sua casa, mas nunca podia me atender, ou “não estava” me dizia uma constrangida Wanda à porta. Uma vez o vi saindo do cinema e corri atrás dele: ele fugiu de mim. Desde então desisti e no dia em que meu pai disse que estávamos de mudança para Zurique eu tive a certeza de que nunca mais o veria e no dia de nossa ida, pela janela do trem o vi parado na plataforma (...acho), aquela foi a última vez que o vi e me admiro por ainda lembrar... e agora, isso, esse caderno embrulhado em papel barato. Evocando lembranças que não sei se quero recuperar... o barbante bem atado ao pacote chiou ao puxar do laço, o papel pardo bem dobrado revelando um desses cadernos de anotação preso por elástico na lateral. Era antigo e era gasto, folhas amareladas, amassadas, descolando, miolo estufado. Com as mãos tremendo, folhei. Nas primeiras páginas recortes de jornal daquela manhã de Natal, nossos nomes e caixa alta aqui e ali, repetidos em vários tamanhos e tipos, a foto de Walser na neve, adornando as páginas a caligrafia infantil de Karl subescrevendo as datas de entrada no caderno. Tíquetes de cinema e teatro, embalagens de chocolates, desenhos diversos, em especial flocos de neve. Anotações sobre o que Karl fazia: nossas brincadeiras, seus passeios, suas reclamações... pequenas transgressões como o primeiro cigarro e a primeira cerveja escondidos consumidos no porão. A descoberta do corpo das meninas. Eu continuei a investigar o caderno, as razões para recebê-lo ainda não claras – me parecia só mais um diário infantil. Então notei que os espaçamentos entre uma entrada e outra começaram a aumentar gradativamente, o número de desenhos superando a parte escrita, rasuras começaram a surgir, o nome de Walser e aquele Natal a se repetirem... bem como o meu nome. Eram anotações difusas e caóticas... de repente, entendi as razões de Wanda, aquele caderno feito diário era uma janela para a vida de meu amigo. Nele percebi que em determinado momento o que parecia escondido e curado pelo tempo se revelou e isso ficou claro numa imagem: eu e meu amigo, de pé na neve, no Natal de 1956. Era a foto do jovem fotógrafo, não era apenas uma foto, mas várias fotos iguais – nossos rostos rabiscados... Eu também tinha a minha foto e me lembro dos nossos semblantes: eu assustado, ele sorrindo. Decidi conversar com Wanda, afinal.

De trem, a caminho de Herisau, a excitação inicial deu lugar a reflexão: o que eu esperava encontrar lá? Redução, como Wanda sugeriria em sua carta? Solução para o insolúvel? Confesso que não sei ao certo, mas todos os caminhos passam por Walser e a manhã na neve. Encontrá-lo morto mudou nossas vidas. Karl e eu conhecíamos as histórias dos pacientes do hospício, uma deles era a de um velho que passeava a esmo pela cidade e que estava internado porque queria, mesmo já curado e sem sinais de loucura. Acreditávamos ser mais uma história de bicho-papão, afinal quem ficaria num hospício por vontade própria? O homem era Walser. Era uma de suas excentricidades. Depois que me mudei de Herisau e não tendo muitos amigos e sem muito que fazer em Zurique, em uma tarde, fazendo compras com minha mãe vi um livro... Era de Walser – exorcizei meu demônio lendo toda sua obra. E é uma obra fabulosa. Não gosto de associações entre a vida e a obra de um autor, mas no caso do meu conterrâneo, e por estar ligado ele, pude entender um pouco mais do seu espírito arredio. Walser, em determinado momento, queria simplesmente desaparecer, anular-se por completo e em seus livros seus personagens desejavam o mesmo: passar incógnito. Da janela, vendo a paisagem desfocada pela velocidade fiquei pensando na tentativa de isolamento de Walser... era irônico, pois de certa forma ele conseguiu em vida, mas dois garotos acharam seu corpo morto na neve e mudaram tudo – vida prosaica, morte excêntrica. “E, talvez, como um justicamento poético, Peter e eu, tenhamos nos tornado os herdeiros de Robert Walser – cada um a seu modo – ele desaparecendo de Herisau e eu em Herisau. Cada vez mais o convívio com as pessoas me desagradava e pela primeira vez compreendo Robert... Por que me dirigem olhares de soslaio? Por que seguem meus passos quando caminho? Por que falam de mim quando não percebo. Pessoas são terríveis.” Talvez seja a última passagem com algum sentido no diário de Karl, confesso que em parte concordo com ela...

Não foram choque nem surpresa, mas ao desembarcar em Herisau percebi que era outro lugar daquele que deixei – foi evidência. Uma cidade nova e desconhecida –, o que só facilitava o meu desejo de voltar para o Rio o mais rápido possível, mas tomei como missão aquela última visita. O meu trânsito pela cidade da minha infância não teve nostalgia, reminiscências, saudosismo barato, eu me sentia um turista estranho pelas ruas da minha cidade. O taxista me tratou assim quando me levou ao endereço de Wanda, a casa em que ela sempre viveu. Ao abrir da porta foi surpreendido, como ela estava

~71~

bem conservada! E Wanda tinha o dobro da minha idade! Ela me convidou a entrar com um sorriso e pela primeira vez me sentia confortável em Herisau, a casa pouco mudara em mais de ??? anos. A nossa conversa foi breve, regada a chá e a cada frase eu desejava mais e mais uma dose de cachaça... Wanda me contou sobre Karl e de como, pouco a pouco, tornou-se um misantropo e posteriormente diagnosticado como esquizofrênico. Em suas crises, queimava fotos suas ou de outrem – em especial, com crianças –, por mais de uma vez rasgou seus documentos e exigia ser chamado por outros nomes, por mais de dois anos adotou o nome de “doutor Vila-Matas” e só assim atendia, quando lhe falavam. Chegou-se a controlar o seu estado com remédios, mas, mais uma vez o Natal de 56 estava no seu caminho. A redescoberta da importância da obra walsleriana apontou os holofotes a tudo que circunscrevia o escritor – meu amigo recusou a visita de um escritor catalão que pesquisava para um livro, agrediu um jovem documentarista brasileiro e outras ocorrências do gênero. O desejo de sumir dirigiu-se a si mesmo e, após a viuvez, Wanda levou Karl para morar com ela – antes passara por várias instituições mentais –, como se assim dificultasse as recorrentes tentativas do “suicídio exemplar”, como escrevera no seu caderno. Um dia desapareceu. Crianças (sempre elas) o viram nas imediações do velho hospício, outros que o viram perto da estrada... Wanda empreendeu diversas buscas, disse ela. “Eu mostrava fotos para os habitantes da cidade, ninguém parecia se lembrar do meu irmão, o mesmo homem estranho e folclórico que todos conheciam, sim, em Herisau. Era como de uma hora para outra sua imagem lhes parecesse de alguém comum, um transeunte corriqueiro, sem traços especiais ou cicatriz, era como se a cada vez que tirava aquela foto da bolsa, meu irmão ficasse mais pálido, translúcido até desaparecer às vistas de quem olhasse.”

Subia mais uma vez aqueles campos, sem a neve era um lugar bonito, era outono e tudo era castanho. Não havia mais cercas, mas eu tinha a certeza exata da sua localização e o desvão por onde passamos... no alto o Krombach, o hospício, agora abandonado; lá o corpo de Karl, creio eu, descansou, depois de desapareceu por duas semanas. O zelador que visitava esporadicamente o lugar encontrou o meu amigo enforcado pelo próprio cinto, atado a uma das grades dos quartos-cela do lugar... não deveria ser uma cena bonita. Além do

corpo, o zelador só encontrou mais um coisa: o caderno de Karl e um bilhete para Wanda:

*"Entregue a ele.
Ele saberá o que fazer."*

Ele era eu; e eu era ele, naquele momento de pé no campo. Abri a minha carteira, de dentro dela tirei um papel dobrado em quatro: era a minha cópia daquela foto tirada ali mesmo. Desdobrei. Abri o caderno de Karl, folheei mais algumas vezes até encontrar as fotos rasuradas, pus a minha lá, numa das últimas páginas, dos trechos escritos pelo meu amigo, uma saltou os olhos:

"Não gosto de crer que tenha sido pela insatisfação pueril provocada pelos nossos presentes de Natal, que a minha vida e a de Peter tenham encontrado a morte de Walser. Prefiro acreditar que tenha sido mais um escárnio do destino com a patética condição humana. Só assim fará sentido a ilógica razão do meu gesto."

~73~

Herisau, Natal de 20...

Senti um vento frio no meu silêncio e das montanhas, era a anunciação do inverno. Fechei o caderno de Karl. De joelhos, revolvi com as mãos a terra úmida e enterrei tudo ali. Até hoje compreendo pouco o desenrolar dos fatos daquela manhã nas nossas vidas. E não desprezo sua influência avassaladora em mim ou o quanto vital em meu amigo. Sinto-me neutro às decisões de Karl; sobre lidar com as dele... não farei julgamentos aqui sobre sua morte a de Walser ou de qualquer um. E como a posição política de meu país, sou nulo, neutro e branco... Tal qual a neve.

*

* *

O Passeio Filosófico de Robert Walser

— por *Giorgio Agamben*

~74~

Giorgio Agamben é um filósofo italiano autor de extensa e variada obra, que percorrem temas que vão da estética à política. O texto que se segue foi publicado na revista *Mikrogramme* e traduzido originalmente para o espanhol por Gerardo Muñoz e vertido para o português por **Christian Fischgold**.

Por que Robert Walser foi e continua a ser tão importante para mim? Creio ver em sua obra algo parecido com uma experiência, uma experiência especial, isto é, não apenas uma experiência comum. Não só na ciência, mas também na literatura e na filosofia existem experimentos. Naturalmente, estas experiências têm pouco a ver com experiências científicas, no que diz respeito a viabilidade e a precisão do teste de uma hipótese, mas para questionar a condição humana.

A questão é a existência humana fazer uma transformação antropológica. E quem realizou essas experiências se aventurou, além da verdade de suas declarações, mas também na maneira de sua existência. Isso requer um tipo de mutação antropológica, na forma dos primatas ou na transformação de répteis, antes de se transformar em

aves. Que tipo de transformação ocorre em Walser?

Walser descreve da mesma maneira que Kafka dá lugar para aqueles que deixaram de ser humanos, mas continuaram a pertencer ao mundo divino ou animal. O experimento que exerce Walser é tão importante e inovador como o experimento que Heidegger leva a cabo em *Ser e Tempo*, tanto que o campo da psicossomática é substituído por um vácuo de ser insignificante. Isto não é diferente da tentativa de retratar a si mesmo como possível através do que é impossível. Assim, Walser, como Kafka, é um teólogo, se entendermos a teologia como um lugar onde os novos valores são postos a prova.

Em meu livro, *A Comunidade que Vem*, comparei as figuras de Walser com as criaturas que vivem no limbo. Segundo os teólogos, a punição de crianças não batizadas que perecem sem culpa alguma, não será o doloroso castigo do inferno, mas a privação da graça de Deus. Como estas criaturas não têm acesso ao conhecimento sobrenatural, nunca sabem terem sido privados de um bem supremo. O pior dos castigos, ou seja, a retração antes da graça de Deus, é a forma de mal que vive entre aqueles cuja felicidade é o estado natural do limbo.

A felicidade do limbo é o segredo das criaturas de Walser. Eles vivem fora da maldição e da salvação. Ignoram Deus e o homem, a lei e ao destino. Permanecem para sempre perdidos no abandono de Deus. Ainda quero apontar um outro exemplo: pensemos nos personagens de Walser em seu romance *O Assistente* (1907). Em Kafka, os assistentes são seres mediadores entre anjos e burocratas. A angeologia e a burocracia em Kafka são uma mesma coisa. Em Walser, no entanto, esses agentes cobram um papel messiânico.

O grande pensador Sufi Ibn al-Arab, recorre a figuras análogas que ele chama de agentes do Messias ou “Wazara” nome árabe, plural de Wazir. Os Wazara são agentes que habitam no tempo-agora, característica secular da era messiânica que forma a parte do dia que resta. Desta forma, são tradutores de linguagem divina para a língua dos humanos. Estranhas criaturas que passam despercebidos entre os árabes.

A ideia de que o Reino está presente no tempo profano, apenas em formas discretas, evidencia que o estado final se esconde no que agora só parece usual e risível. Este profundo tema messiânico é o que atravessa os ensinamentos teológicos de Walser.

Os burocratas de Walser parecem ser insuficientes: empregados que exe-

~75~

cutam um trabalho desnecessário. Dedicam-se ao estudo e fazem isso para aprender alguma coisa. E por que deveriam participar de um mundo sensato, se na realidade é na loucura onde encontram a verdade?

Melhor dar um passeio.

Nas obras de Spinoza só existe um lugar onde se faz uso de sefarditas.* Trata-se de uma passagem onde Spinoza explica a importância da causa imanente, isto é, de uma ação própria do mesmo agente, onde o ativo e o passivo coincide com a mesma pessoa. Para ilustrar este importante conceito, Spinoza é forçado a usar sua língua materna. Caminhando, na língua judaico-espanhola, andando a pé, assim está o ser indeterminado de Robert Walser no lugar entre ação e omissão, entre passividade e atividade, entre o ser e o nada. Este passeio é o paradigma messiânico que as criaturas de Walser legaram à humanidade.

~76~

* Termo utilizado para referir aos descendentes de judeus originários de Portugal, Espanha, etc.



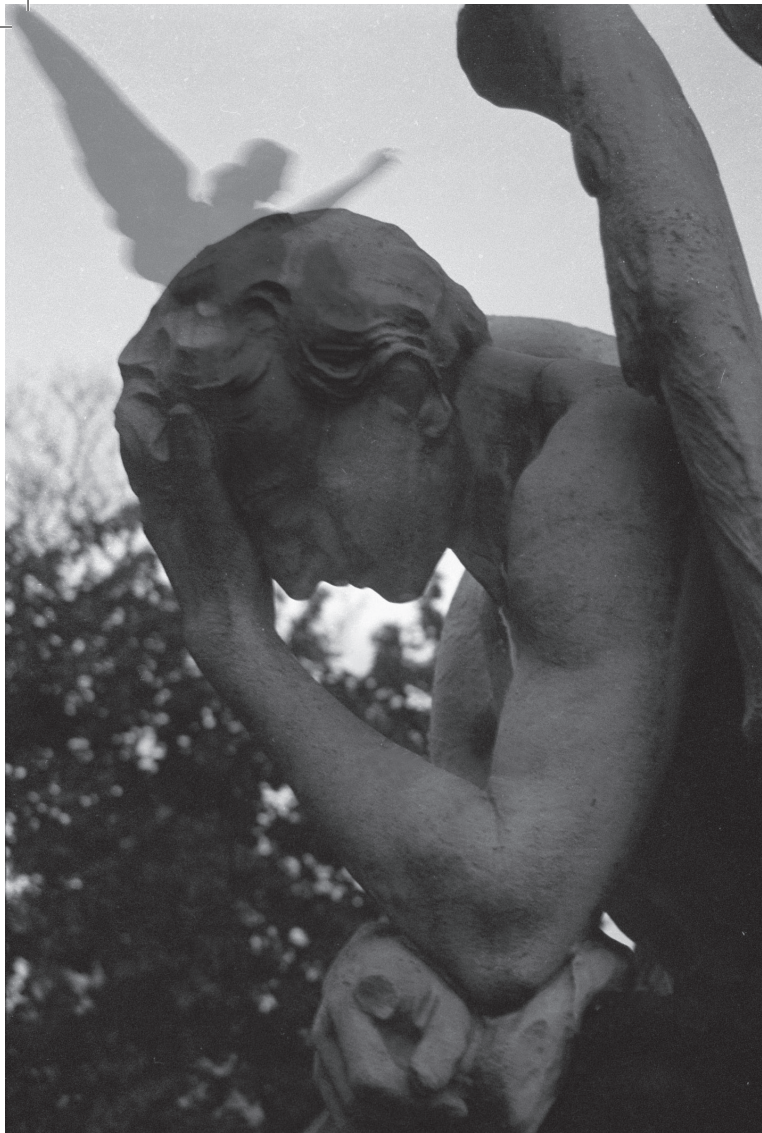
Juliana Gomes ~ a @juju_gomes no Twitter, tem 34 anos. Curitibana de alma paulista. Livreira que aprende a cada dia como um livro pode mudar o seu dia para bem ou para mal. Um ser que ama as artes mas não tem talento algum.

Christian Fischgold

Loucura



~inspiração~



Robert Walser

Sobre musas e vísceras

— *por Mauro Trindade*

Mauro Trindade é professor e jornalista. Trabalhou no Jornal do Brasil, O Globo, Tribuna da Imprensa e Revista Bravo, entre outros periódicos. É professor de História da Arte e curador das exposições Ponto em Movimento, aberta a partir de 6 de junho na Galeria Portinari, da UERJ, e Wolney Teixeira: O Sal da Terra, com vernissage dia 27 de junho, na Caixa Cultural do Rio de Janeiro.

Carlos Drummond de Andrade uma vez escreveu uma crônica na qual lembrava de Manuel Bandeira, que dizia ser preciso inspiração até para atravessar a rua. Não sei se os sinais de trânsito ajudaram, mas é raro um artista falar de inspiração na atualidade. No máximo, de um *insight*.

Lá atrás um poeta podia orar para Melpômene ou Erato, mas fica difícil imaginar algo assim aqui e agora. A idéia de inspiração parece ter se firmado em algum momento do romantismo. Inspiração livre do modelo de simetria, equilíbrio e clareza que rege o clássico. É essa vaga crença no gênio, em uma força criadora que transcende o meramente humano e aponta para o alto e além do mundo sublunar, que parece persistir.

A inspiração perdoa-nos de nossa natureza demasiadamente humana e, em um lampejo, tira-nos das sombras da caverna e nos oferece um pouco da luz divina. Pois essa vida feita de maldade e de ilusão nada mais é que a ausência de brilho celestial. Nossos guias? Poetas, crianças, selvagens. Não é à toa que o cinema adora essa conversa. Com uma condensação de idéias e uma densida-

de narrativa dessas, o folhetim usa e abusa do tema. E a inspiração continua aí, segurando-se nas beiradas deste tempo de hibridismo, transversalidade e quietais.

De volta à Rousseau, foi entre os bons selvagens que reencontramos a centelha divina. Mas, na falta de grandes navegações na atualidade – os robôs de Marte não encontraram nenhuma coisinha tão bonitinha do pai –, ficamos então com as crianças, ainda sem mácula da civilização. Ao menos, até ser inventada outra faixa de consumo, abaixo dos teens e tweens.

Resta o poeta, modelo do artista genial, com versos feitos no “capricho do momento”. E que se revolta contra o saber estabelecido, as regras de harmonia, a reflexão crítica do fazer artístico. E daí toda uma literatura de exaltação aos dândis, loucos, ascetas e criminosos, que vivem às margens do mundo controlado da sociedade.

~82~ Ainda existem poetas assim? Pode ser, mas seria constrangedor encontrar um ótimo escritor, como Carlito Azevedo, por exemplo, na Praia da Bica a escrever acrósticos com os olhinhos rútilos revirados para lua. A turma reza pela cartilha de João Cabral.

Um exemplo dessa derrocada da inspiração está na fotografia. Mais e mais os fotógrafos abandonam o instante decisivo de Bresson e cia., na verdade, uma herança direta desse flash do divino que ilumina o artista e pressiona o disparador. Hoje a regra é o processo – mesmo que temperado pelo aleatório. O flagrante, motor-drive do fotojornalismo em décadas de grandes imagens, deu lugar ao projeto, à elaboração conceitual. Basta olhar os belos ensaios de Gustavo Pellizon, na *Revista d'O Globo*, feitos sem a preocupação com o clique que sintetiza toda a informação da reportagem. Até porque muitas vezes não há fato algum a se registrar. Para se chegar à imagem, portanto, é preciso muito trabalho físico e intelectual.

Para resumir essa sensibilidade e concepção do trabalho criativo, vale lembrar uma piada antiga e contada pelo que vos escreve sem a menor inspiração. Dizem que Vinicius de Moraes carregou João Cabral para uma reuniãozinha com cantinho, violão etc. Tudo muito bom, com gente bonita, inteligente, uisquinho, violão, bim-bom. E então o Vinicius pergunta: – E aí, João? Tá gostando? E o poeta mais seco do mundo responde: – Tô gostando, tô gostando. Mas essas músicas de vocês sempre falam de coração, coração, compreende? Vocês não sabem falar de outra viscera não?

O tempo é de expiração.

O samba, “na realidade” e o samba, na atualidade

— *por Flavio Aniceto*

Flavio Aniceto é produtor cultural e cientista social. E-mail: flavioaniceto@gmail.com
Site: cpcaracydealmeida.blogspot.com

Para “falar” sobre o samba, precisei pedir benção a Noel Rosa, centenário “inventor” de uma ideia moderna de música popular brasileira, ele só não sabia disto em vida, pois os dois conceitos foram criados depois (o de Noel inventor e a sigla MPB). Mas, leitor/es não precisa/m parar a leitura aqui, sabemos que todo mundo já escreveu sobre Noel no último ano em função da efeméride do compositor de “Com que roupa?”, “Meu barracão”, “Cor de Cinza”, “O século do progresso” para citar uma pra lá de conhecida e três menos óbvias.

E se ninguém tivesse escrito por agora, bastaria uma lida apurada nos livros de Almirante – amigo e parceiro de Noel no “Bando dos Tangarás” – e no de João Máximo e Carlos Didier. Mas o Noel aparece aqui, pela importância clara deste e por termos esco-

lhido para pensar o samba três perfis artísticos, eventualmente “sombreados” por este, em um sentido positivo, mas também usual: Aracy de Almeida – uma de suas cantoras-assinatura, Martinho da Vila e Martin’ália.

E aqui não discorrerei sobre a biografia dos três, vamos combinar o seguinte: em casa vocês coloquem os CDs ou entrem em uma rádio virtual e selecionem músicas criadas por estes artistas... Noel “sombreira” um lado e os três “sombrearão” nosso textinho aqui.

José Miguel Wisnik, em sua coluna de *O Globo*, em 05/03/2011, observa que na era pré-digital, “as coisas eram decantadas pelo tempo. Porque o seu valor e seu preço simbólico eram ditados pela capacidade de sobreviver à morte. A cultura era em grande parte um culto aos mortos”. Hoje, na era da cultura digitalizada, aumentou “assustadoramente o número dos vivos”. Para ele, em síntese: a cultura dos mortos se fundamentava na escassez; a cultura dos vivos produz cada vez mais abundância – para o mal e para o bem.

E o samba nisto? O samba “na realidade” é fruto desta cultura da escassez? Ou donatário desta? Ou deixou-se enredar neste discurso, sendo beneficiário do apoio oficial – das instituições, da academia, dos pesquisadores – à sua “preservação”, por vincular-se a esta ideia de morte-tradição? Como o gênero foi pensado até aqui, e como o chamado “mundo do samba” se pensou e principalmente se vendeu, se posicionou? Ou se posiciona, na atualidade.

Se falarmos em Aracy de Almeida, guardiã de uma tradição, mas ao mesmo tempo fuçadora de novidades, gravando entre 1932 até 1980, toda a sua geração (Noel, Ary, Wilson, Geraldo, Custódio, Mario Lago, Haroldo Lobo e muitos outros) até os novos – pensando nos anos 1960 (Marcos Valle, Menescal, Billy Blanco, etc.) – e simbolicamente o Caetano de “A voz do morto”, canção cujos versos trazem a frase “eles querem salvar as glórias nacionais, coitados...” (Os Mutantes também a gravaram na época, e, depois disto, vez por outra ela reaparece, mas com Aracy era uma provocação? Uma auto-efeméride? Pedro Alexandre Sanches tratou bem desta hipótese em seu livro tropicalista).

Aracy em “seu tempo” (militando dos anos 30 até quase final dos 80) não aceitou esta ideia de cultura da escassez, de algo que tem que ser preservado. Sim, fez este discurso também em algum momento, mas ao mesmo tempo ironizava cantoras de sua geração, “de lá de 1500”, como as irmãs Linda e Dircinha Batista, enquanto que se colocava como uma artista daquele período (anos 30, 40, Era do Rádio, etc.) mas que não tinha parado neste, estava em seus

dizeres, sempre “na moda, griladona, gostava de umas transas modernas” era “pra frente”. Sua presença na TV – desde o início deste veículo no Brasil, nos anos 50 – pode ser pensada com uma dupla visão – a cultura da escassez gritando como cantora e jurada pela sua “não morte”, mas ao mesmo tempo uma compreensão de que a “onda agora era outra”. E que ela, Aracy, estava nesta.

As políticas culturais sempre pensaram o samba majoritariamente com esta visão de salvaguarda, preservação, etc. – seja nos projetos que tinham mesmo que ter este viés (registros históricos, série Depoimentos MIS, tombamentos de espaços físicos e depois no registro de patrimônio imaterial, etc.), mas também nos projetos de difusão como “Seis e Meia”, do Teatro João Caetano, “Projeto Pixinguinha”, da Funarte e derivados. O samba era sempre celebrado como um velho senhor que recebe as homenagens de uma geração mais nova e esta por sua vez está ali “aprendendo” para depois assumir o microfone, pois tal cultura está sempre no limiar do desaparecimento... Não falamos só simbolicamente, por vezes tratava-se de um quadro literal.

Poderíamos pensar se este cenário – presente nas políticas – e reiterado no discurso dos sambistas e agentes culturais é real. Como conciliá-lo, com, por exemplo, a tese de Hermano Vianna sobre a construção política de uma identidade nacional a partir deste gênero, na Era Vargas? Tese esta que condiz com a leitura daquele período histórico e cultural feita por outros autores.

Como este mesmo samba se enquadra observando as culturas pós-modernas, na visão apresentada por Teixeira Coelho no “Dicionário Crítico de Políticas Culturais”, no qual o autor aponta algumas vertentes classificadoras: a Cultura da identidade, pensando aqui, não a ideia de identidade unificadora dos anos 1960, mas, como uma “visão de mundo” e “modo de estar

no mundo que teria sido alegadamente reprimido ou sufocado”, ex. cultura gay/LGBT, afro-brasileiros, etc.; e coloca como par imediato desta primeira, a Cultura da lamentação, condição de vítima, visão de mundo que confunde a eventual discriminação cotidiana do indivíduo ou grupo a uma discriminação cultural ou estética que os oprimiria (alguém pensou no samba?); o autor ainda apresenta as Culturas da autenticidade e da reclamação que são parentes das outras, mas colocadas como culturas de afirmação, ativas (é o caso do hip-hop?) e diferem-se do consumismo e do narcisismo e finalizando com a Cultura da performance, de atitude ou de comportamento (como os novíssimos movimentos culturais que articulam mais de uma área e não aceitam uma regra clássica ou canônica); culminando ainda com Cultura do entretenimento, na qual o homem contemporâneo está buscando somente o lazer. O que não é pouco, e está bem explorado em um trabalho de Célio Turino.

~86~

Pensamos o samba como movimento e expressão muito próximos de todos estes classificadores – embora em determinados momentos, mais em torno da idéia de lamentação, mas também de autenticidade e de reclamação – de busca de um lugar, já com a consciência de sua importância no processo. O que aparentemente pode parecer contraditório, para nós não é, uma vez que percebemos o gênero como múltiplo. Este é que ainda não se percebeu assim. Pensamos na Aracy guardiã (identidade, lamentação) mas também prafrentex (autenticidade, reclamação, performance) e na TV (entretenimento). E aqui seria só um agendamento para continuarmos o debate em outro momento.

E aqui, agora o leitor já pode dar o enter ou o play em Martinho da Vila, que sem sombra de dúvidas é um “portador” da tradição, mas será ainda da escassez “wisnikiana”? Martinho tem uma carreira identificada com uma agremiação carnavalesca, além de uma intensa pesquisa nas culturas negras do interior do Rio de Janeiro (jongos, calangos, caxambus, vindos de sua memória cultural de Duas Barras/RJ) e na África (Angola, Moçambique, os ramos lusófono e banto, principalmente). É a cultura da identidade, mas também da lamentação, da autenticidade, ou o compositor de Vila Isabel, da Boca do Mato, do interior do RJ, não é um “enquadrável” à medida que sempre apontou para adiante? Mas é inegável que em todo o panteão de sambistas mais consagrados, no mercado e artisticamente, Martinho é uma referência política, na tradição, mesmo pelo fato de ter sido criado neste caldo de cultura (o preservacionismo). Par dele, em nossa perspectiva, só percebemos, talvez Nei

Lopes, com vasta produção artística e acadêmica.

Entre os muitos filhos de Martinho – quase todos vinculados ao universo cultural, a cantora Mart'nália é a que mais se projetou, e herda esta tradição, mas trabalha com a ideia da abundância, de referências, valores, parceiros e produtores do universo da MPB ou do Pop e até do Rock! Ao que parece, a cantora não trabalha com esta ideia fixa de prestar tributo às gerações tradicionais – como fazem os neo-sambistas da Lapa atual, – definição de Tárík de Souza – pois veio destas gerações (Martinho e sua mãe Anália – já falecida, também cantora/sambista, as reuniões em casa de Donga/Lygia Santos, o Clube do Samba, o contato com João Nogueira, Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro ...). Isto em Martin'ália, nos parece já resolvido, e daí atreve-se, e pode apontar a sua obra para onde quiser. Este “discurso” já estaria dado pela sua legitimidade, então a artista “pula esta parte”, pois não precisa pedir licença ao samba, ela é parte dele. O que não necessariamente vigora na Lapa carioca, onde de certa forma inventou-se ou recriou-se uma tradição, em outro tema para se pensar.

~87~

A cantora – voltando a Teixeira Coelho – vincula-se a Cultura da autenticidade, da performance, mas seria também a Cultura do entretenimento puro? E este seria uma liberdade – mesmo que liberal, mas também um sinal dos tempos? Vivemos no Brasil um processo de democracia consolidada, ascensão social nas chamadas classes C e D, mesmo que ainda tenhamos muito o que fazer. O próprio “mundo do samba” – “egresso” destas classes emergentes – encontra-se hoje muito favorecido pelo quadro social em questão, assim como é parte desta ascensão, pois esta não é só econômica, mas por outro lado, política, simbólica e cultural.

Hoje temos uma profusão de produção do samba: na sempre citada e contraditória Lapa/RJ; em SP – onde muitas vezes o “tradicional” carioca tem espaço de mercado (citamos dois exemplos bem distintos: a retomada de um aspecto do samba – as rodas acústicas – com o grupo Terreiro Grande e outros e a carreira artística e política da carioquíssima Licy Brandão); gravadoras especializadas ou com muita prioridade no gênero, além de um maior acesso à



produção para os novos, mas nem tanto à difusão (se a pensarmos com o olhar do mercado de outrora).

E por outro lado algumas (poucas) carreiras com muito sucesso comercial – e coerência artística – como as de Zeca Pagodinho, Alcione, Fundo de Quintal, os citados Martinho e Martin’ália, Paulinho da Viola, Beth Carvalho e Arlindo Cruz que impulsionam outras carreiras, seja de compositores da “velha-guarda” ou tradicionais, possibilitando que músicos de suas bandas lancem CDs ou participem de faixas em seus projetos). Temos ainda um namoro dos medalhões com o gênero – o que não é de hoje – basta passear pela discografia dos quatro baianos – Caetano, Gal, Gil e Bethania –, Chico Buarque, Nana Caymmi, Edu Lobo e seus iguais, assim como alguns artistas de um universo identificado como “pop”, que dialogam com o samba: Sandra de Sá, Luiz Melodia, Seu Jorge, Maria Rita, Zélia Duncan, Roberta Sá, Pedro Luís, Rita Ribeiro...

~88~

E afinal o que queremos com esta provocação em forma de texto? Para limpar o terreno, mesmo no fim deste, afirmamos que Noel não entrou lá em cima no prólogo e trouxemos Aracy – A Dama do Encantado e a “Família” da Vila, à toa. Apoiamos, reivindicamos e somos da “tradição” do samba, achamos, apenas que seria oportuna uma mudança de local e de discurso nesta mesma tradição. Percebemos hoje, um outro momento, descrito neste texto e observado em nossa prática. Mas afirmamos que ainda cabem ações – nem só as públicas, mas também do deus atual - o “mercado”- em torno de nichos tradicionais representados pelo que “resta de autêntico” nas velhas-guardas, na seara dos compositores, em movimentos “regionais” como, por exemplo, na Cidade da Bahia e no samba de roda do Recôncavo Baiano, e mesmo na “periferia” deste mesmo quadro tão promissor e vasto do mundo do samba. Um exemplo deste último caso: temos este ano, o centenário de um compositor importante de Portela, Chico Santana – e que pode passar oficialmente em branco, assim como carreiras inteiras o foram (como descrito em um samba que gostamos muito, “Resgate” de Mauro Duarte e Paulo Cesar Pinheiro).

PS: Aqui, enquanto escrevemos, ouvimos para além dos citados: Mariene de Castro, D. Edith do Prato e Vozes da Purificação, Margareth Menezes e Roque Ferreira – pelo “lado” baiano, e evidentemente: Áurea Martins e Cristina Buarque – essas são para tocar no rádio.

Quando faltam as palavras

— *por Christiane Angelotti*

Christiane Angelotti é escritora e editora do site educativo ABC KIDS. Colunista do site Sobrecapa, escreve para os Blogs: Ler pra Ser e Diário de uma Paulistana. Publica contos infanto-juvenis para livros didáticos de diversas editoras do Brasil e Portugal. Colaboradora na Fundação Padre Anchieta para material de apoio da Prefeitura de São Paulo.

Sentado em frente ao seu notebook de última geração, Fábio buscava palavras. Tinha dentro de si tantos sentimentos, lembranças, histórias, questionamentos... Mas naquele momento tudo o que sentia era um enorme vazio. Padezia de um mal que o atingia raramente, um enorme vácuo. Um vácuo de palavras. Esse parecia ser dos piores.

Após fumar seis cigarros em menos de duas horas, resolveu sair um pouco. Espairar, sair do seu mundo talvez fosse uma boa ideia. Afinal, aquela angústia o consumia há três dias.

Já havia lido alguns capítulos de livros, colunas e o caderno de esportes do jornal. Entrou na internet e até tentou interagir um pouco nas redes sociais, mas viu que interação era algo que não cabia nele, não naquele momento.

Três dias e nenhuma linha escrita. Três dias e a única coisa que havia conseguido escrever havia sido a resenha de um

livro. Aliás, o livro era tão ruim, que qualquer resenha, por pior que fosse, seria ainda generosa.

Mas a crônica para o jornal, os capítulos do seu livro, nada evoluía. Simplesmente, não conseguia escrever.

~90~ Desceu apressadamente de seu prédio pelas escadas, não queria cumprimentar os vizinhos. Afinal, fazia um pouco mais de três meses que ele havia terminado seu noivado e sabia que todos que o vissem perguntariam por ela.

A respeito dela... Ele não queria nem lembrar seu nome. Talvez fosse ela a causa da sua falta de inspiração. Mas que loucura era essa? Inspiração? Ele não acreditava em inspiração. Sempre acreditou em trabalho. Escrever é trabalhar as palavras, dizia com convicção. E como sempre leu muito, escreveu muito, nunca valorizou a tal da inspiração. Escrevia bem porque exercitava, era isso.

De qualquer forma, havia algo nele que não o deixava à vontade com suas ideias, uma enorme inquietação. E também uma tristeza profunda que fazia com que ele enxergasse o mundo todo cinza, sem graça. Nada o emocionava. Não havia nada que impulsionasse sua escrita. Naquele momento era como se pudesse entender os deprimidos, os tristes, os suicidas.

Sentir aquele vazio, viver aquela angústia 24 horas por dia era uma dor insuportável.

Após descer as escadas dos sete andares, caminhou até uma praça em frente ao prédio. Sentou num banco de cimento, e como a tarde estava fria, poucas pessoas estavam por lá. E foi ali, naquela tarde, que ele deixou que as lembranças escorressem pelos seus olhos. Não conseguia controlá-las. Dois anos de convivência, três meses de separação e tudo veio à tona. Era preciso aprender a conviver com mais essa ausência. Talvez a vida fosse uma coleção de ausências, pensou, com breves lampejos de felicidade.

Alguns minutos se passaram, mas para ele pareceram horas. Sentindo-se ridículo, abruptamente levantou-se do banco. Enxugou seus olhos, como se estivesse limpando o suor. Caminhou novamente até a portaria do prédio. Resolveu subir de elevador, por algum motivo não se lembrou dos vizinhos. Por sorte, não encontrou ninguém.

Lembrou-se de como ela sempre esteve presente. O dia inteiro mantinham-se em contato. Adorava receber emails e recados, nas horas em que menos esperava. Compartilharam sonhos, frustrações, desejos e medos.

Nas dificuldades, era dela que vinham a força, a compreensão, o carinho. Ela organizava seu mundo, sua vida. Era mais que um apoio. Era parceria.

Por que o que é bom também pode acabar? Perguntava-se.

Ao abrir a porta de seu apartamento, veio também a lembrança de um perfume floral inebriante, era como se ela estivesse ali, naquele exato momento. E veio em sua mente a recordação dos gestos, do olhar, do sorriso maroto e dos cabelos negros esvoaçantes e um nome, que até então, era o mais bonito de todos: Estela.

Assim, Fábio sentou-se novamente em frente ao seu notebook, acendeu o último cigarro do maço e começou a digitar. E de repente as palavras fluíam. Escrevia para tentar entender: Por que o amor acaba?

~91~

Cartas sobre Cezanne

~92~

— *por Francisca Rutgliano*

Francisca Rutgliano é professora de filosofia doutorada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

O livro *Cartas sobre Cézanne*, de Rainer Maria Rilke, inscreve-se entre os melhores da crítica de arte produzida no século XX. Mas o que torna esse livro precioso não é a sua contribuição enquanto crítica de arte nem em particular a sua orientação crítica para a contemplação das obras do pintor. A sua importância inestimável se confirma na reflexão experimentada pelo poeta sobre o sentido próprio da arte e do fazer artístico, em consequência de suas constantes visitas ao Salon de 1907.

O livro é a imagem do curso vivo de um rio ou de um sangue que forma e vislumbra às suas paisagens, suas sensações na medida mesma da insistência do seu fluxo. Rilke não erige teorias, esboça, numa luta intestina com a palavra, o aprendizado do que ele supõe ser o objetivo, mas que na verdade é antes o misterioso aprendi-

zado da realidade do real – aprendido disto que permite as coisas virem à luz no máximo de sua clareza, afirmando-se enquanto aquilo que elas são de mais próprio, aderindo-se a elas de fora e fazendo-nos crer que as refletem de dentro. Porque Rilke cria encontrar na realidade perquirida o mesmo teor do real a ser aclarado, supunha ser tal realidade apenas enquanto relações de forças e de valores (graus de grandezas) naturais, portanto inerentes ao real.

Por sorte o seu tácito saber de poeta não o deixou postar-se frente às criações de Cézanne com o olhar ávido de exatidão de um cientista, porque seria deste modo que ele as contemplaria se alcançasse realizar o que supunha ser a melhor postura, como o deixa entender quando revela o sentimento de impotência frente ao seu único recurso apreensivo – a simples palavra. Num certo momento ele afirma acerca da incerteza de sua possibilidade plena de compreensão do quadro *Mulher na poltrona vermelha*: “(...) mais do que nunca as palavras me parecem inadequadas. Ainda assim teria de existir a possibilidade de servir-se delas à força, se conseguíssemos apenas contemplar o quadro como natureza: então seria possível expressá-lo de algum modo como um ente”.

~93~

Se frente à obra de Cézanne, Rilke, orientado pelo seu próprio Ser poeta, escapa ao risco de uma contemplação metafísica, constatamos nesse seu esboço do aprendizado da arte do pintor que não raro o poeta tartamudeia quando fala acerca da existência pessoal deste. Deu-se que no tocante a existência, Rilke a tomou realmente como um ente natural. E o que poderia ser uma mostra da complexidade do existir do homem-pintor fica limitado a uma descrição ambígua de um ente subsistente (descrito na figura de um homem frágil, intollerante, por vezes passivo, mas sempre atormentado) em permanente e penosa controvérsia com um mundo social incompreensível e alheio.

O que Rilke não sabia é que a linguagem que o conduzia e lhe aclarava o “objeto” tinha as suas palavras embaçadas pela tradição e era já apenas apta à mera representação do existir humano e da arte, mas nunca propriamente à meditação acerca destes. Daí que também Cézanne mal consiga balbuciar ao tentar esclarecer sobre o seu aprendizado das cores e da relação “fervorosa” entretida entre elas. Também Cézanne, mesmo sem atribuir caráter essencial à natureza aparente, movimentava-se no âmbito da subjetividade e postula a natureza, pensada em termos de mundo, enquanto sujeito das idéias, pois afirma: “A natureza não está na superfície mais na profundidade. As cores são

a expressão dessa profundidade na superfície. Surgem das raízes do mundo. São sua vida, a vida das idéias”. – A estrutura sujeito X objeto era ainda o âmbito imposto ao pensamento, e até então ninguém havia podido pressentir que a possibilidade de manifestação do ente estava enraizada na estrutura ser-no-mundo (como enfim o compreendeu Heidegger); que não fazia diferença pensar a natureza a partir de sua aparição imediata ou de sua estrutura formal, sendo ela concedida e posta à disposição, inclusive para a arte, pelo pensamento físico-matemático, porque fosse de um ponto de partida ou de outro não se percorreria o caminho propriamente meditativo da essência do real. Por isso, tratando-se do existir humano, da cor e da relação entre as cores; tratando-se de matérias tão voláteis e relacionadas entre si de modo tão extraordinário, o desacerto entre a palavra e a coisa a ser pensada seria sempre inevitável e, no entanto, para ambos e, mais fundamentalmente para o poeta, que extraía o seu saber da matéria própria da linguagem – desconcertante. Mas, quem, naquela época, apesar do acontecimento Nietzsche, poderia desconfiar que o problema de tal desacerto não se enraizava na precariedade das palavras, mas antes num certo desdobramento histórico da linguagem, que vinha reduzindo-a ao papel único e exclusivo de mera representante da essência do real, esta pensada como mera possibilidade lógica?

Para tecer as considerações acerca da pessoa de Cézanne, Rilke acedeu partir das considerações do pintor Émile Bernard sobre a personalidade daquele, e a partir delas associou de modo bastante lógico todas as manifestações de descontentamento do pintor para corroborar com a imagem de um homem emocionalmente frágil e inconformado. Se o poeta tivesse tomado como ponto de partida a própria correspondência de Cézanne, a qual mostra ter tido acesso nas Cartas..., entenderia as obstinações, as recusas, as indignações deste muito antes como uma consequência muito coerente de sua própria concepção de mundo e de arte, que derivava diretamente da sua compreensão de Verdade. Teria compreendido mais radicalmente que Cézanne (exatamente como no paradoxo de Alice, exposto por Deleuze) se tornava “inepto” (para o funcionamento impessoal do mundo público) na mesma medida em que se tornava apto (para a permanência própria no mundo verdadeiro do trabalho) – daí a sua necessidade legítima de solidão. E diante desta evidência provavelmente perguntar-se-ia: quem era de fato fraco e intolerante, Cézanne ou os homens públicos à sua volta com seus compromissos, sua decadência, suas quizilas,

seus pareceres sempre levianos e mesquinhos acerca de tudo que escapa aos seus interesses e vantagens imediatos? E teria que concluí-lo: que homem fraco poderia suportar tanta insatisfação consigo mesmo por respeito aos seus motivos e sustentar-se lutando para corresponder a uma Excelência que via sempre distante demais do seu momento presente, sobretudo quando experimentando o gosto acre de uma velhice enferma?

Com efeito, Rilke constata e apresenta um Cézanne pintor forte, resoluto, e muito consciente de si mesmo frente à sua tarefa, mas o supõe apenas como o artista. Acontece que não há na essência distinção entre o artista e o homem, como não pode haver entre ser e pensar; o que há é uma distinção entre o homem de excelência e os homens sem excelência – daí que haja muitos artistas e ao mesmo tempo muito poucos artistas. Por outro lado, a fraqueza e a força não podem ser tomadas como medidas em si para avaliar a qualidade de uma personalidade; pois, se inseridas no mundo de sentido próprio em que se constitui um caráter humano a ser considerado, muitas vezes elas apresentarão um significado inverso àquele que lhes seria atribuído fora desse mundo. De certa forma o poeta faz esse aprendizado, ainda que sem compreendê-lo muito bem, quando percebe que aprendendo sobre os progressos de Cézanne começa a aprender sobre a sua própria arte e sobre a sua própria pessoa. Ele compreendeu que estava a se transformar no curso de suas repetidas idas ao Salon, porque na medida em que ia apreendendo o que Cézanne aspirava por respeito à sua pintura apreendia o que ele próprio tinha para aspirar por respeito à sua poesia: a superação de qualquer predileção, qualquer inclinação, qualquer capricho de escolha, em vista da possibilidade necessária de “consentir e aplaudir” as resoluções livres desdobradas pela vida e manifestas através da arte à revelia de qualquer pretenso sujeito de vontade no seio do real. Faltou-lhe apenas projetar a grandeza encontrada no artista sobre o homem Cézanne, isto não para favorecer a nossa compreensão da pessoa do pintor, que bem podemos obtê-la através de sua maravilhosa apresentação da concepção de arte do artista e de sua obra, mas para si mesmo que aprendeu algo de tal junção sem chegar a saber que ali o aprendeu.

~95~

A inspiração vem de onde?

~96~

— por *André Renaud*

André Renaud fez duas exposições individuais, sendo que a primeira, “Homens na Pista” em 2007, foi prêmio pelo mérito de melhor artista do Salão Novíssimos IBEU 2006. Estuda Pintura na Escola de Belas Artes da UFRJ.

Curiosa faculdade, a inspiração nos leva. Virá de trem ou de bonde? Talvez esteja sempre aí, esperando o momento oportuno em que a sintonia do exercício seja congruente a sua essência.

Sempre associada ao fazer artístico, a inspiração acomete a todos, e com mais frequência que percebemos. Somos todos criadores, realizadores de ações, seres ativos, gerando um fluxo onde a matéria-prima está no pensamento. Ao concretizar uma ação criadora algo até então inexistente vem fazer parte do universo das coisas que existem, premeditadamente projetadas, em uma lógica trajetória na direção de um objetivo, materializando pensamentos. Este fluxo serve de leito, neste rio que nasce da fonte dos pensamentos. E como funciona essa fonte? A matéria-prima desta fonte é selecionada por nós, pela simples escolha do objeto, dos materiais, foco de nossa atenção, para então

gerar uma informação em arquivo, bits, unidades de material filosófico.

Toda obra de arte sendo filha de seu tempo emerge de um magma de informações, geradoras perpétuas de idéias. Se nos erguemos todas as manhãs, nos lavamos, nos arrumamos e partimos para realizar ações é porque já as concebemos antes nas idéias. É nisto que insiste Marcel Duchamp, fazendo a arte ser não uma série de códigos preestabelecidos, mas estar no mundo, em todos os espaços, se utilizando de todas as técnicas, como queira o artista. Qualquer um pode ser este artista desde que use o pensamento associado à técnica que for.

A apropriação do real é a conquista que a arte contemporânea traz para a linguagem pós-moderna, inspirada pela nova natureza que surge com a vida automatizada, já confortavelmente instalada sobre as bases de uma nova sociedade industrializada, motorizada, eletrizada, informada, e agora informatizada. De onde viria então a inspiração de artistas que vivem nesta natureza inédita, cada vez mais surpreendente, assombrosa; a espetaculosa era das guerras criadas por interesses promíscuos, transmitidas por meios de comunicação que lançam no espaço bits na velocidade da luz.

~97~

Em processo de busca de uma expressão em formação, sinto-me impulsionado pela percepção de que algo precisa ser dito. Dentro de mim talvez exista essa exigência moral, que age como um ser caridoso, jamais ignorando a realidade que o cerca. Sem exagerar na analogia, há uma fração considerável na atitude artística que pertence a um apelo emocional. Há uma revolução sutil no ser artista, que funciona como um exercício de auto-conhecimento, tentativa de decifrar a energia propulsora deste dito fluxo interno que o move. É curiosamente espiritual o resultado, voltando a Duchamp, sendo uma razão entre o que foi intencional e não foi percebido, e o que não foi intencional e foi percebido, pois assim a engrenagem conceitual da obra pode funcionar, obtendo o passaporte para acessar a classe dos objetos da arte.

Em minha pesquisa volto a atenção à condição humana, a partir da realidade que o cerca, como parte desta nova natureza, como afirma o sociólogo Zygmunt Bauman, caracterizada pela precariedade, pela desordem e desequilíbrio. Digo o ser humano de forma geral, a massa, sem querer negar os avanços positivos da nossa sociedade, mas denunciando o contraste entre a fartura de recursos entre aqueles que dominam o poder do capital, os que governam, e seus governados, os que sofrem diretamente os impactos de medidas que são ameaças a permanência de nossa espécie, nosso grande dilema nas discussões sobre futuro.

André Renaud

Visita Noturna

— por *Homero Gomes*

~98~

(Ao som de *Frying*, de John Williams)

Já era o meu terceiro cigarro noturno. Tentava dormir, mas meus pensamentos não deixavam. A noite estava fresca e minha cabeça fervia.

Quando deitei novamente, comecei a ouvir o estalar do piso de madeira, das estantes e do armário. Parecia que alguém mexia em minhas coisas. Casa antiga de madeira tem dessas.

Dormi levemente em poucos minutos. Algo no ar havia mudado.

Foi uma noite branca, daquelas sem sonhos nem perturbações.

Antes de tomar meu café, fui acender o primeiro cigarro do dia.

Estava fumando quando percebi

que a quantidade de bitucas que havia deixado na noite anterior não batia com a quantidade que via agora. Ali estavam sete bitucas fumadas e amassadas.

Fui conferir na minha carteira pra ver se eram os meus. Não, o número de cigarros faltantes era quatro, contando com o que estava em minha mão.

Aqueles cigarros não eram meus, mas alguém os havia fumado na noite anterior.

Lembrei dos barulhos que tinha ouvido antes de dormir. Alguém ou alguma coisa esteve aqui.

Depois daquele dia, o fenômeno não se repetiu, mas ainda espero o retorno daquela alma perdida. Pois eu preciso voltar a dormir.

Homero Gomes é autor do trabalho ainda inédito *Sísifo Desatento* (contos) – finalista do Prêmio Sesc de Literatura de 2007. Foi colaborador de *Rascunho*, *Cronópios*, *Vaia*, *Cult*, *Germina Literatura*, *Palpitar*, *Ficções*, *Página Cultural e Triplo V* (Portugal). É editor de *Jamé Vu* e tuíta em @hgomesjamevu

Três xícaras de inspiração

— por *Alex Sens*

Alex Sens Fuziy é escritor, leitor, estudante, às vezes resenhista e às vezes revisor. Colabora eventualmente com revistas de literatura e de jornalismo cultural, mantém a coluna Autor sobre Autor no blog da Ateliê Editorial e escreve em <http://alexsensfuziy.com>. Twitter: @alexsens. Contato: sensalex@gmail.com.

Para Francine Ramos, que teve a ideia-raiz

~99~

Sylvia concorda com a cabeça e sorri. Seu silêncio forma uma cova onde se deita o grito do bule. O chá está pronto. A pequena cozinha amarela, quente e iluminada por uma poça solar entre a mesa e a porta dos fundos, não mais recende a limões e mel, embora o vapor do chá borrafe o ar com laços floridos e doces, uma mistura de pétalas e caules, folhas quebradas e alguma casca irreconhecível. Sylvia demora a levantar-se, procurando no olhar distante da outra a concha gelada e cavernosa de seu próximo pensamento. Virgínia balança para frente, sorri com timidez e indica o bule atrás da amiga. Algo acorda dentro dela, mais intenso e quente do que o apito da louça de ágata. O chá é derramado em três xí-

caras, a terceira sem pires parece oferecida a um fantasma. Virginia esfria o seu mexendo a colher na forma de um oito, um infinito que faz balançar o líquido cor de âmbar. Sylvia imediatamente franze o cenho, com medo, imaginando que teria sido melhor servir a bebida gelada num dos altos copos que nunca tirava do armário. O calor do dia, da primavera brotando das cores e dos cantos iluminados parecem aumentar o desconforto do chá. Mas ambas tomam um primeiro gole; olham desoladas para a terceira xícara, depois para o reflexo uma da outra nos olhos escuros que fazem delas mulheres observadoras do mundo e suas sombras.

– Até mesmo dessa tímida fumaça – continua Virginia – podemos extrair a ideia para um novo conto. A simplicidade das coisas, os pequenos detalhes, tudo isso me assombra de forma deliciosa. Estar nesta cozinha, olhando para aquelas toalhas brancas sob o sol, estendidas na janela, me inspira.

~100~

Sylvia olha para as suas antigas toalhas de linho. O contorno azul está gasto, quase acinzentando, com aviltantes furos pelos quais atravessa a luz, formando bolinhas amarelas na pia. Pensa no chá que poderia ser gelado, nas toalhas que poderia ter trocado. Essa situação, o súbito enjoo diante dos pequenos detalhes – errados – e o calor anogueirado dos olhos de Virginia de repente também se transformam em inspiração.

– O que mais inspira você? – pergunta Sylvia, deslizando o dedo indicador pela borda da xícara; sua nuca sua, seus olhos saltam da louça para os cabelos encanecidos da amiga. – Digo, de detalhes que a maioria das pessoas não vê.

Virginia esboça uma leve expressão de ironia, como se achasse a pergunta engraçada. Entretanto, não é engraçada, não é por isso que ela sorri de leve, mas porque pensa em conversar sobre inspiração com uma poeta que também mergulha na força dos detalhes, sabendo que eles podem significar mais como todo do que como parte.

– Antes me diga você – desafia Virginia, bebericando outro gole do chá. Ele desce quente como uma lambida ígnea do inferno, mas ela não se incomoda. A conversa deixa tudo melhor, embora deseje simplesmente um copo de água ao invés daquele pedaço de gengibre preso no fundo da xícara.

– Não sei o que mais me inspira, mas sou imediatamente assaltada pelo desejo de escrever sobre o contorno escurecido de uma lápide, a atmosfera encarnada de um crepúsculo, os olhos azougados da morte. Também me fascinam as

estações, as dores do platonismo, o amor que se rompe numa tarde ensolarada como esta, o ódio que se guarda diante de um espelho levemente desgastado, as tulipas e os olmos, a lua e o teixo...

Ela para e suspira, envergonhada e ao mesmo tempo envaidecida com sua quantidade de exemplos. Quer deixar Virginia sozinha, correr para sua máquina de escrever e espancar outro poema que será tantas vezes rabiscado e confundido com sua ideia inicial de bom poema. Provavelmente rasgará as folhas e pedirá que Virginia vá embora porque precisa fazer outro bolo enquanto o marido não chega.

– A inspiração... – Virginia se detém sobre a palavra que flutua entre as duas. Se alguém conseguir defini-la, seu caldo pingará nos chás e beberão da fonte. Mas a palavra pousa na mesa, ainda entre ambas, e abre um silêncio onde seu enigma se encerra.

Um pássaro bica o vidro da janela e as duas se olham entre o susto e a alegria da surpresa. Seu bico reflete o sol, que perfura o teto da cozinha como uma pepita de ouro.

– Se o bico dos pássaros fosse feito de prata – diz Virginia, empurrando a cadeira. Ela levanta como que para fugir do calor do chá, vê o ponteiro do relógio marcar quatro horas e um minuto e chega perto da pia para afastar a cortina, de modo que o pássaro apareça. Ele poderia entrar porque uma das folhas está aberta. Mas quando vê Virginia, bica o vidro uma segunda vez e desaparece num voo agitado.

– Se as penas dos pássaros fossem feitas de prata, ou de espelho – arrisca Sylvia num devaneio que começa a embriagá-la. – Estariam extintos. As mulheres enfunadas em suas peles com certeza usariam joias feitas com o metal e se orgulhariam cruelmente de usar o tesouro que um dia também cantou.

– Ou ainda mais simples: se o pássaro simplesmente entrasse – continua Virginia, voltando para sua cadeira e agora fazendo gestos com as mãos enquanto seu chá esfria, – se ele simplesmente pousasse sobre a mesa e bebesse da terceira xícara como o convidado que esperamos. A razão pela qual um pássaro vem tomar chá e discutir poesia com duas mulheres alucinadas não é explicada!

Sylvia ri, embora olhe com tristeza para aquela xícara. Talvez o pássaro não precisasse mesmo de um pires. Ou do chá. Talvez precisasse bicar um pedaço de bolo de laranja, não uma superfície de vidro.

~101~

– Mas você ainda não respondeu o que mais lhe inspira, Virginia.

– Boas conversas como esta; o dourado reluzente dos cabelos de crianças brincando ao sol; os círculos concêntricos de chuva numa poça que lembra um lago em miniatura; uma mancha na parede; o verde e o azul de um lustre de cristal; os tons caliginosos de uma onda que se curva para levar outro corpo ou outro barco até o coração do mar; o movimento do pé de quem cruza as pernas; a existência de uma senhora durante um dia; as botas de quem já morreu...

Virginia empurra sua xícara de chá ao mesmo tempo em que uma lágrima pinga na mesa. Sylvia vê a lágrima desabrochar uma flor úmida na toalha e também decide não continuar com o chá. Nem pensar nas ideias que a conversa trouxera. Uma mancha na parede, um bico no vidro, uma terceira xícara, uma mancha na toalha. Um coração em dúvida. Mãos e nucas molhadas de arte.

~102~

As duas se erguem e se despedem. À porta da cozinha, com uma mão no chapéu e outra na bengala, Virginia diz:

– Vou procurar novas ideias no rio. E você? Vai ficar bem?

Sylvia assente com a cabeça e abre a porta do forno:

– Vou fazer um bolo.



Inspiração Alex Sens



—ensaio fotográfico

a nossa edição virtual *inspiração* contou com o olhar e as lentes de oito fotógrafos. aqui (e espalhadas por outras páginas da revista) uma pequena amostra. quer ver todas? www.REVISTARAPADURA.com ou baixe o e-book em: <http://bit.ly/ensaiorapa>

~106~



Camila Fontenele ~ publicitária quase formada. *Mídia e produção* de uma agência de Sorocaba. Fotógrafa freelancer. Escritora por vontade e artista por consideração. Gosta de cantar no chuveiro e na sala de estar, coleciona alguns desapontamentos, é viciada em post-it, café e Bob Dylan.



~107~

Marianna Parreira ~ tem 12 anos, é
estudante e vive em São Paulo

Inspiração ensaio

~108~



Mariany Carvalho ~ designer em formação pela UFMA, apaixonada por Artes e também por Literatura. Faz do desenho, da música, da pintura, de viagens e da leitura seus hobbies que não quer abandonar tão cedo. Blogueira, baixinha assumida, prática e sucinta (sempre que pode).



~109~

Lais Teixeira ~ é acadêmica do curso de Comunicação Social – Jornalismo, na Universidade da Amazônia. Apaixonada por Fotodocumentário e Fotojornalismo. Fotografa desde 2007. Atualmente é estagiária de fotojornalismo no jornal O Liberal.



Débora Gauziski é jornalista, mestranda em Comunicação Social (UERJ), carioca e pisciana. Colecionadora de sons, imagens e palavras, também pode ser encontrada em sua casa na árvore: <http://minhacasanaarvore.wordpress.com>.



~111~

Fábio Duarte ~ formado em cinema pela Universidade Estácio de Sá, na cidade do Rio de Janeiro, dialoga também com a linguagem cinematográfica em seu trabalho de artista visual, fotógrafo e performer. Já foi agraciado com um prêmio menção honrosa na VIII Bienal do Recôncavo e participou de diversas exposições individuais e coletivas na cidade de Salvador, Bahia e Valência.



~fronteiras~



Saudade na fronteira ou a fronteira da saudade

— por *Daniele Ellery
Mourão*

Daniele Ellery Mourão é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (2006), com dissertação intitulada *África “na pasajen”*: identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas publicada em 2009 pela editora Arte Escrita sob o título *Identidades em Trânsito*. Realizou filme documentário inspirado na pesquisa homônima com duas gerações de estudantes que haviam cursado a graduação no Brasil e retornado aos seus países de origem.

~115~

Entre os anos 2001 e 2003 convivi e fiz pesquisas em Fortaleza (MOURÃO, 2004) com um grupo de estudantes guineenses e cabo-verdianos de graduação inscritos em diversos cursos da Universidade Federal do Ceará (UFC). Posteriormente, em 2004, realizei outra pesquisa (MOURÃO, 2009) em Cabo Verde e Guiné-Bissau com ex-estudantes que já haviam retornado graduados aos seus países. Eles vinham para o Brasil por meio do Programa de Estudante Convênio de Graduação (PEC-G), um acordo de cooperação firmado entre o Brasil e países do continente africano de língua oficial portuguesa (PALOP) e da América Latina.

Inabitado até a chegada dos portu-

gueses em 1460, Cabo Verde é um país formado por dez ilhas. É marcado por uma intensa mobilidade humana, seja pelos processos migratórios internos (entre as próprias ilhas) e externos (pela permanência de um enorme contingente de sua população emigrada no exterior – privilegiadamente em países europeus e nos Estados Unidos[1]), seja pelos deslocamentos transitórios de estudantes. A Partida é um horizonte sempre possível, e está fortemente presente na música e na poesia cabo-verdiana, assim como o sentimento da saudade por aqueles que partem. Em Guiné-Bissau a partida também se faz fortemente presente pela “diáspora negra”, durante o tráfico de escravos, pelos intensos fluxos e refluxos migratórios entre países vizinhos durante o período colonial, assim como também pelos deslocamentos estudantis.

~116~
As ilhas de Cabo Verde cumpriram um importante papel como entreposto comercial e escravagista, servindo de porta de entrada dos Portugueses em direção ao continente africano, com o triângulo Europa, África e Américas. Por serem países vizinhos, ambos situados na costa ocidental da África, houve um intenso fluxo de guineenses que foram levados pelos portugueses como escravos para as ilhas cabo-verdianas. Da grande mistura, especialmente entre guineenses e portugueses, nasce o povo cabo-verdiano que, segundo CORREA E SILVA (2004) e VALE DE ALMEIDA (2004a) transformou o “processo de criouliização” – escravos nascidos nas colônias, fruto de miscigenação entre nativos de diversos países e colonizadores – em “projeto de criouliidade”.

Cabo Verde foi porta de entrada da Europa em direção ao continente africano e às Américas. A Europa uma porta de saída para cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, angolanos para o mundo, especialmente no que se refere à formação acadêmica das elites. Pois, durante a colonização os estudantes guineenses e cabo-verdianos faziam, privilegiadamente, seus cursos superiores em Portugal, sendo somente depois da independência, respectivamente, a 24 de setembro de 1974 e a cinco de julho de 1975, que os países passariam a estabelecer convênios de graduação com diversos países como com a antiga União Soviética, Cuba, Estados Unidos, Brasil, entre outros.

Para os estudantes, estudar fora é vivido como um destino: “sair, formar e voltar” – para retribuir o aprendizado adquirido. Nos relatos, muitos estudantes disseram que desde a infância são socializados tendo em mente que um dia terão que sair, tendo a formação superior como um projeto de vida. Esse discurso, construído socialmente e naturalizado entre eles, incorpora os discursos

tos nacionalistas que, historicamente, projetaram na educação uma alternativa para o desenvolvimento da nação e conseqüentemente do indivíduo.

Dessa forma, o projeto de vida é um compromisso coletivo, uma vez que a principal exigência do convênio PEC-G é que regressem e retribuam o aprendizado. No entanto, isso vai depender também de escolhas e de decisões individuais, uma vez que é da responsabilidade dos estudantes e das famílias todo o sustento deles durante o período no Brasil. Muitas coisas estão em jogo: expectativas individuais, gostos particulares e aspirações familiares – o que os pais esperam dos seus filhos e da graduação no exterior, qual o país de destino que eles preferem e o que é mais valorizado socialmente no mercado de trabalho guineense e cabo-verdiano em termos de prestígio social e econômico. Com isso, concordo com Gusmão (2009), quando ela ressalta que esse processo nem sempre é consciente, uma vez que os ganhos e as perdas que terão ao permanecerem tanto tempo “fora de lugar”, é um desafio tanto para as famílias e para os estudantes quanto para os governantes em seus países. Porque embora, segundo Anderson (1989) o deslocamento possa promover uma maior ligação afetiva e de pertencimento com a nação, vai produzir também, na concepção de Hall (2003), um olhar diferenciado para a terra de origem como se esta tivesse se tornado irreconhecível, fazendo questionar uma visão de identidade essencial, pura, e um sentido fixo de tradição. As mudanças são inevitáveis e, muito embora o compromisso seja com o regresso, há sempre a possibilidade de não retornarem.

No Brasil, eles estão pela primeira vez sozinhos, sem a proteção familiar, num lugar que lhes é estranho, tendo que estabelecer novos vínculos sociais e afetivos em contato com diferentes códigos de interação. A saudade, sempre presente nos relatos, produz um espaço simbólico no trânsito entre “o aqui e o lá”. Lá está a casa, a família, os amigos, a língua “crioula”, as línguas étnicas. E para solucionar os problemas cotidianos vividos ao chegar e os riscos dessa intensa mobilidade, eles se unem, fazem festas regularmente, criam associações, comunidades e repúblicas de estudantes que integram os indivíduos, pelo princípio da reciprocidade, em redes de solidariedade para além da família, da casa, e da nação.

Entre os estudantes recém-chegados a Fortaleza a “saudade de casa” e a “solidão” foram os sentimentos mais fortemente ressaltados, aliado às dificuldades de adaptação, como fazer amigos, encontrar lugar para morar, conseguir

~117~

fiador, entender o “português do Brasil”, e por se sentirem, muitas vezes, discriminados por serem negros e estrangeiros. Talina, cabo-verdiana, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), entrevistada em Praia, disse que nunca havia se visto ou se pensado como estranha por ser negra, tampouco por ser estrangeira. Em Curitiba, isso foi dito a ela: “você não é daqui, você é negra”. Cadijatu, guineenses, formada em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC), também disse ter se sentido discriminada em Fortaleza. Disse que no início foi muito difícil fazer amigos na universidade e que no primeiro dia de aula um dos colegas de sala perguntou: “o que você veio fazer aqui? Aqui é a universidade”. Não é preciso dizer que o Brasil, um país com um passado igualmente de colonização portuguesa, mestiço e negro, que defende a democracia racial com a negativa de racismo, na verdade construiu sua identidade nacional assentada em grandes contradições (FERNANDES, 1978; DA MATTA, 1981; CHAUI, 2001), resultando num vasto debate sobre processos intensos de discriminação e racismo.

Vívidos e expressados de maneira específica, esses sentimentos de solidão, estranhamento, saudade, afirmam uma maneira singular de pertencer a um determinado lugar, uma determinada sociedade, com distintas maneiras de expressar e experimentar as emoções. E o fato de se sentirem sozinhos, sob condições bastante semelhantes, em contexto de transitoriedade, possibilita o desdobramento do sentimento da saudade no sentimento de solidariedade.

Matilde, cabo-verdiana, graduada em jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e entrevistada em Praia, ao falar sobre sua chegada ao Brasil, destacou a existência de uma grande solidariedade entre os estudantes cabo-verdianos, dizendo que: “se um cabo-verdiano chega em qualquer lugar ele não fica na rua, é só bater na porta: ‘a mi krioulo, a mi cabo-verdiano, jam bem’, cheguei”. Ela mesma, assim como muitos outros, passou pela experiência de morar com outros estudantes cabo-verdianos, e/ou com guineenses, que não se conheciam anteriormente, e mesmo não tendo espaço para mais ninguém no apartamento. Disse que durante um ano dormiu na sala sem poder se quer desarrumar a própria mala.

As redes de solidariedade possibilitam uma reconfiguração do sentido de família mobilizando os estudantes a se unirem pelo princípio da reciprocidade (ELIAS, 1993; SIMMEL, 1964; MAUSS, 1974). A auto-denominação “comunidade” refere-se a um contexto específico em que todos se incluem por serem

todos estudantes estrangeiros, por fazerem parte de uma elite intelectual e/ou financeira em seus países, e por estarem numa faixa etária muito próxima, muito embora isso não exclua os conflitos inter-pessoais que não deixam de ocorrer e nem as distinções e separações entre eles, com a criação de grupos menores dentro do grupo mais amplo que idealmente englobaria a todos.

Ao contrário do caso estudado por Rezende (2009), em que os estudantes brasileiros de pós-graduação no exterior evitavam restringir o convívio social apenas aos brasileiros, os estudantes guineenses e cabo-verdianos quando estão fora de seus países reforçam o vínculo entre eles. Eles procuram dividir apartamento, almoçam juntos no restaurante universitário, saem para passear sempre em grupos e, regularmente realizavam eventos e festas para dançar a música, beber e comer a comida de seus países. Há eventos formais como a comemoração à independência de Cabo Verde e/ou de Guiné-Bissau, ao dia da África[2] (evento mais amplo que reúne estudantes de todas as nacionalidades do continente) e outros informais denominados pelos cabo-verdianos de “balizinhas”, que se constituem em pequenas reuniões e festinhas nas casas uns dos outros, sem um motivo específico, apenas pelo encontro. Segundo os relatos, as festas de independência e, especialmente as “balizinhas”, que ocorriam com mais frequência, eram importantes, pois nesses momentos podiam falar crioulo, comer cachupa (comida típica de Cabo Verde), caldo de mancará (de Guiné-Bissau), colocar as conversas em dia, falar dos problemas na universidade, também se divertir, dançar e ouvir a música de seus países, e de outros lugares que gostavam, como hip hop e reggae. Uma maneira de “matar a saudade” e reviver a nação estando fora dela mesmo que de forma idealizada, imaginada e ressignificada (SAHLINS, 1990) em outro contexto nacional e cultural.

A partir da denominação “comunidade” eles marcam sua identidade e nacionalidade em contraste com a alteridade encontrada no Brasil. Dessa forma, sentem-se mais fortes e mais protegidos uns pelos outros, produzindo uma rede de cooperação e de solidariedade entre eles como uma forma de solucionarem os problemas cotidianos vividos como estrangeiros. Ao mesmo tempo modificam e ampliam o sentido de família quando se denominam também como “primos e irmãos”. Obviamente, o sentido de “comunidade”, “irmandade” é sempre idealizado e imaginado politicamente, uma vez que são de ilhas diferentes (no caso dos cabo-verdianos), etnias diversas (no caso dos guineenses), com grande diversidade cultural, com sotaques e costumes distintos, de diferentes

classes sociais, e, muitos deles, só se conhecem fora do país. E mesmo que preservem vivos seus laços de união, é bem provável que não venham mais a se encontrarem no futuro.

Mas não se pode perder de vista que os sentimentos de solidariedade e de família são construídos socialmente durante a infância, antes mesmo da partida para o exterior. A partida já faz parte de suas vidas mesmo que nunca tenham saído do país. Há sempre alguém na família que mora ou já morou fora. Especialmente entre os cabo-verdianos, em que a sociedade se especializou em “ejetar os seus membros para fora do país” (LOBO, 2010) essa realidade é bastante conhecida.

Chegado o momento do regresso, ao final do curso, depois de alguns anos no Brasil e vividos muitos processos de mudanças – físicos e intelectuais, de jovens a adultos, de estudantes de graduação a bacharéis formados –, esses sentimentos se invertem. O estranhamento e o medo passam a ser do retorno, das expectativas que os familiares depositaram em seus projetos e de um novo processo de adaptação:

como procurar emprego, se re-inserir na sociedade, encontrar um novo lugar como guineenses e cabo-verdianos, já diluído pelo trânsito.

Dessa forma, regressar pode ser tão difícil quanto chegar, uma vez que ao voltar sentem-se também deslocados, só que agora em sua própria casa, em seu próprio país. Embora voltem com o status de uma graduação no exterior, regressam à casa dos pais, muitas vezes, sem poder usufruir de um espaço reservado só para si, como normalmente conseguiam conquistar em seus apartamentos de estudantes no Brasil. Em seus relatos disseram sentir muita falta da maneira “descontraída dos brasileiros e que já estavam totalmente adaptados a realidade brasileira” – como poder ir para a aula de chinelo e bermuda, chamar o professor por ‘você’, da liberdade da vida de estudante e dos amigos que fizeram, alguns deles, ao longo de quatro a sete anos vivendo no Brasil. Eles são afetados pelo trânsito, e o Brasil passa a ocupar um espaço significativo de pertencimento em suas identidades. O que faz também surgir um sentimento

de saudade invertido de uma casa construída fora de Cabo Verde e de Guiné-Bissau.

Isso foi percebido nos gestos, nas maneiras de se vestirem e de se identificarem – “eu sou do Ceará”, “eu sou da Paraíba”, “eu sou da UFF”, “eu sou da USP”, “eu sou de Curitiba” –, bem como nos diferenciados sotaques ao falarem o português do Brasil, cada um misturando ao seu próprio sotaque o sotaque proveniente do estado do Brasil onde viveram. Assim, revelado também os diversos Brasis e a dificuldade de se falar numa identidade essencial e homogênea.

A narrativa reforça o caráter público e social das emoções e a importância de analisá-las sem esquecer a dimensão política dos “discursos emocionais” e dos contextos em que são acionados (ABU-LUGHOD e A. LUTZ, 1990), uma vez que problemas como inclusão e exclusão são cotidianamente vivenciados, produzindo novas reconstruções de sentidos e novas maneiras de se sentirem guineenses e cabo-verdianos. Nesse caso, a saudade, vivida na fronteira e em razão da fronteira, passa a ser um elemento de união e construção de identidades, promovendo alianças que transbordam as concepções de parentesco como consanguíneo, e permitindo uma outra ideia de família.

~121~

Assinatura anônima

— por *Daniel Russell
Ribas*

~122~

Daniel Russell Ribas nasceu em 1983. Criado no Rio de Janeiro e apaixonado por Copacabana. Formou-se em orنالismo pela PUC-Rio. É sócio na Editora Oito e meio. Organizou em parceria com Flávia Iriarte a antologia de contos *A Polêmica Vida do Amor*. Como autor, participou dos livros *Clube da Leitura: modo de usar, vol. 1* e *Caneta Lente & Pincel* e do catálogo *David Lynch: O Lado Sombrio da Alma*. Bloga em “Ainda Sobrevivendo” <www.dribas2.blogspot.com>.

Todo escritor, secretamente ou não, se encontra dividido entre o reconhecimento de seu trabalho e a necessidade de pagar as contas. Mesmo nomes consagrados, como Fernando Sabino e João Ubaldo Ribeiro, assumiram que já escreveram obras cuja intenção principal era ser um sucesso de vendas. Emissoras de televisão e agências de publicidade empregam, além de dramaturgos e roteiristas, os serviços de autores de literatura para colaborar em seus produtos.

Existe outro tipo de escritor profissional. Trata-se de um profissional produtivo, cuja função mescla a atividade jornalística com o dom do ficcionista. Ou seja, possui o cuidado editorial do preparador de textos com o domínio da técnica narrativa de uma autor literário. Ele transita entre

assuntos variados e personagens diversos. Não apresenta dificuldade alguma em encontrar suas obras espalhadas para aqueles atentos. No entanto, o leitor não saberá quem é o real dono das palavras pela capa ou a ficha catalográfica. Pois seus textos não lhe pertencem. Estas são, em resumo, as atribuições do ghostwriter.

Uma figura cuja definição misteriosa está implicada em seu título, o ghost, como é apelidado, é bastante requisitado e apreciado. Sua função varia de acordo com as particularidades do serviço. Normalmente utilizado em biografias, ele pode ser chamado para escrever de orelhas de livro e cartas ao editor, a discursos e releases. Seu trabalho pode ser pontual ou mais extenso, abrangendo desde revisão a entrevistas e elaboração do texto.

Biografias costumam ser um terreno usual para a contratação de ghostwriters, pois os personagens ou biografados do livro, em muitas ocasiões, não possuem intimidade com a escrita. A editora da linha não-ficção da Nova Fronteira, Cristiane Costa, exemplifica em “livros de celebridades”. Mas há também outros casos. “Especialistas como médicos e preparadores físicos também precisam de alguém para ajudá-los a ordenar suas ideias.”, declara. Segundo Alvanísio Damasceno, professor de cursos nas áreas de preparação de texto, o ghost é, em primeiro lugar, um repórter. A capacidade de produção de uma síntese própria dos fatos, além da curiosidade inerente são as justificativas para a afirmação. Além disso, Damasceno aponta outra característica. “É preciso também ter acuidade para identificar a possível voz da pessoa ou instituição que irá assinar a obra.” Costa, complementa: “O maior erro do ghost é impor sua filosofia, seu estilo, seus valores.” Para ela, o que é necessário para exercer este ofício é: “Basicamente apurar bem e escrever bem.”

Embora não seja uma ghostwriter, a escritora profissional Carla Mühlhaus possui uma ética profissional similar. Co-autora das biografias Marília Carneiro no Camarim das Oito (com Marília Carneiro) e A bela Menina do Cachorrinho (com Ana Karina de Montreuil), a ex-jornalista se define como um escritora profissional, conforme reitera em seu blog, Casa do Moinho (<http://casadomoinho.blogspot.com>): “O que quer dizer que escrevo por encomenda, colocando no papel o que o meu contratante não conseguiria fazer por conta própria, ao menos não num formato editorial.” Ao contrário de um ghost, faz questão de ser creditada pelo serviço prestado.

Para Mühlhaus, em uma entrevista cedida para uma monografia sobre ghos-

twriting, existem dois tipos de contratantes do profissional para escrever o texto. Há aqueles que alegam pouco tempo para se dedicar à escrita e acreditam que escrever é apenas uma questão de ser alfabetizado. “Esses encomendam o serviço de criação de texto e depois mexem em tudo, reformulam frases, mudam parágrafos inteiros e levam os pobres dos escritores praticamente à loucura.” Já o outro tipo seriam mais cooperativos e inteligentes, por delegar tarefas. “Quando não gostam de alguma coisa indicam a insatisfação sem metralhar o texto, o que faz com que todo o processo criativo (e coletivo) flua muito bem.”

~124~ A forma como o ghost se relaciona com o cliente é determinante no andamento do livro. Cristiane Costa acredita ser fundamental. “O biografado normalmente fica aliviado de não ter que escrever.” A escolha do ghost reflete a preocupação do cliente pelo controle sobre o resultado final. “Em geral, é o próprio biografado quem escolhe, ou porque já conhece alguém ou após uma série de entrevistas”. Damasceno cita que tipo de escritor é chamado para este trabalho: “Em geral são jornalistas conhecidos que são convidados por personalidades ou por editoras para escreverem os livros que podem ser do interesse dos leitores ou apenas das personalidades que os encomendam”.

Damasceno elabora um outro aspecto da relação do escritor anônimo com o cliente:

“O ghost, muitas vezes, se vê no dilema de ter de satisfazer dois clientes com interesses opostos: o leitor e o personagem. Sobretudo quando é o personagem que paga pelo trabalho do ghost. É que o leitor que ter acesso ao máximo de informações, enquanto o personagem tende a querer selecioná-las. Refiro-me, nesse caso, a trabalho biográficos.”

Outra fator é, por não assinar o livro, o ghost recebe apenas pelo trabalho realizado. Mühlhaus revela a diferença de compensação entre seu trabalho e o do escritor que fica desconhecido. “Uma sou eu, “escritora de aluguel” que recebe crédito e às vezes assina o livro com o autor em legítima co-autoria, com direito, inclusive, a receber metade dos direitos autorais. Outro profissional é o ghostwriter, que na verdade recebe para ficar quieto e jamais dizer que quem escreveu aquele livro tão bem falado foi ele.” Já Damasceno enxerga outras possibilidades. “O ghostwriter pode muito bem fazer o trabalho como investimento, ou seja, começar a ganhar depois que o livro começa a vender.”, relata.

Segundo Costa, ao mesmo tempo em que há demanda, não existe uma formação específica para esse profissional. Por isso, uma das razões de tantos terem experiência com jornalismo. E aí surge o lado mais perigoso da falta de reconhecimento. Afinal, se ele fez um bom trabalho, ninguém deve saber. Como Mühlhaus relacionou quando inquirida sobre como as dificuldades em fazer carreira num trabalho que não ser reconhecido: “O que nos leva à questão do ovo e da galinha: como provar experiência, se ele não pode mostrar nada que escreveu?” No caso, por ser incapacitado de montar um currículo de trabalhos nesta área, ele apresentaria sua qualificação como autor. Para Costa, alguns elementos determinam se o ghostwriter foi bem sucedido em sua empreitada. “Se a relação com o biografado se manteve boa, se entregou tudo no prazo, se seguiu o projeto original do livro pedido pelo editor, se o texto ficou bem escrito e bem estruturado e se ele arrancou boas histórias do biografado.”, enumera.

~125~

Os três creem que o leitor não percebe o trabalho do ghostwriter. Somente os envolvidos ou pessoas da área editorial notariam. “Acho que o público é indiferente ao trabalho do ghost. O público costuma se interessar pelo tema ou pela celebridade que assina o livro que não escreveu.”, comenta Damasceno. Por sua vez, Costa acha que o leitor não entende bem. “Até porque existem vários tipos. Os que nem são tão ghosts assim e assinam na capa, como o Claudio Tognololi no caso do livro do Lobão. Outros, nas páginas internas. Outros, só nos créditos.”

Já Mühlhaus acha que a presença do escritor é importante para valorizar a obra. No caso, ao referir ao autor creditado pelo trabalho, “...contratar os serviços desse profissional é tornar mais viável uma obra que, se fosse feita artesanalmente, talvez não tivesse chance de ser comercializada”. Em outras palavras, o escritor de carne e osso seria que sairia da fronteira entre o reconhecimento e a carreira. O crédito sendo o passaporte.

A imaginação e as fronteiras

— *por Roberto Salviani*

~126~

Roberto Salviani é graduado em Antropologia Social pela Università degli Studi “La Sapienza”, Roma; mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aponta seus esforços principalmente às relações interétnicas, indigenista na América Latina.

No Brasil não é raro que as fronteiras venham a constituir objeto de discussão. Em linhas gerais, isto costuma ocorrer, ocupando amplo espaço nos meios de informação e na discussão política, eventos variados que vão desde notícias sobre os lugares fronteiriços, enquanto núcleos de suposto abrigo para redes de ação ilegais — sejam elas ligadas ao crime ou ao terrorismo —, até eventos emblemáticos na formatação das políticas territoriais do Estado, como a demarcação de áreas indígenas, o deslocamento de contingentes militares para o controle do território e a realização de obras infraestruturais e/ou industriais de grande porte.

Não se trata das únicas ocasiões em que temáticas relativas às fronteiras são levantadas e discutidas, mas são sem dúvidas aquelas que alcançam maior visibilidade na arena pública. Nessas oportunidades, podemos observar como ao se desdobrem em eventos ou notícias específicas, as discussões inevitavelmente implicam e ecoam certos pontos radicados no

ideário, dos que aí participam, sobre a natureza das fronteiras; em que imagens de marginalidade, ilegalidade e perigo pela soberania contrastam à consideração das fronteiras como lugares de circulação, troca, confronto e colaboração entre populações locais, estados e instituições. A fronteira, como lugar discursivo, vem sendo representada por muitos como lugar de exclusão antes que de inclusão, de marginalidade antes que de união, de divisão antes que de encontro; universo de conotação do “eu” nacional que mostra a percepção da fragilidade dessa identidade (pelo menos por parte de alguns) ao confessar sua insegurança. Claramente, estas são características próprias do lugar “fronteira”. Mais do que as figuras evocadas em relação aos Estados de Direito e à prática de assuntos diversos, léxico operacionalizado para diferentes ideias de Estado, sociedade/progresso/desenvolvimento e de arsenais discursivos para buscar justificar e implementar políticas, ecológicas, ideológicas, pessoais.

O mesmo valor instrumental pregado acerca da existência das que se pretende construir sócio-técnico-culturais de segurança. Vemos aí o emprego de símbolos operacionais de segurança à custa da pré-caracterização do mundo constituídas e questionadas, um jogo contínuo de construção que sejam as questões em pauta, e chamados em causa (paulistanos versus imigrantes, civilizados versus selvagens, crente versus pagão, sulistas versus nordestinos, etc.), a construção ou

detêm as argumentações em outras fronteiras, aquelas com referência às diferenças populacionais variados. Os de divisão e afastamento, os de construção do “eu” “outro”, características diárias, atribuídas e reificadas em e negação de identidades. Quais os diferentes tipos de “ser” chamados em causa (paulistanos versus imigrantes, civilizados versus selvagens, crente versus pagão, sulistas versus nordestinos, etc.), a construção ou

~127~

a referência às fronteiras identitárias leva sempre com elas um julgamento valorativo em que ao “outro” é atribuída a falta de qualidades apreciadas ou a posse de defeitos desprezados pelos que formulam a existência e a centralidade de tais diferenças na definição do próprio “ser”. São sobretudo estas valorizações, variadas e conflitantes, que são ativadas e referidas para fundamentar ou contestar a validade de discursos e projetos, modelos de administração, planos político-econômicos ou reivindicações de direitos sobre gestão de territórios e populações; ou a inclusão/exclusão destas na formulação e controle de políticas sociais e territoriais que lhes dizem respeito. Nestes jogos dialéticos, as referências às fronteiras físicas e àquelas identitárias denotam algumas diferenças aparentes. As fronteiras físico-políticas são principalmente instrumentos de inclusão, ou seja, são pensadas como delimitadoras de um espaço geográfico sobre o qual presume-se ou prega-se que seja exercido um controle de aparelhos administrativos que visam submeter a suas regras realidades sociais e físicas, enquanto as construções das fronteiras identitárias são sobretudo ferramentas de exclusão, por meio das quais se pretende atribuir a falta de determinados direitos, capacidades, legitimidades, ou a revindicação dos mesmos à custa dos demais. De todo jeito, o que pode unir todos os empregos discursivos relativos às é a constatação de que, de certo modo, são instrumentos de poder, ou melhor, são sinais de vontades, mais ou menos sucedidas, de imposição sobre territórios e grupos sociais de determinadas formas de poder; mas também lugar de enfrentamentos para sua definição, e portanto sujeitas à possibilidade de reformulação. Constituem, em suma, parte integrante das lutas pela definição do mundo “como ele é”.

Se, pelo menos no âmbito das ciências sociais, reconheceu-se faz tempo essa análise como ponto de partida necessário ao considerar fenômenos sócio-políticos de qualquer tipo, e suas descrições – apontando pela operacionalização das diferenças imaginadas à base, por exemplo, de qualquer discurso identitário e/ou como fundamento e justificação de atos de instituição de unidades políticas – na cena pública, no senso comum, a naturalização da diferença, acionada instrumentalmente para diversos fins, ainda opera poderosamente, com devastadores efeitos de verdade.

No Brasil, com mais de um século de relações pacíficas com os países vizinhos, e o processo de democratização do continente sul-americano nos últimos vinte anos, concorreram para a estabilidade e a segurança dos limites políticos, de modo que a “naturalidade” da sua existência, legitimidade e conformação não é objeto de disputa: o Brasil é o Brasil, ponto. Ao contrário, em relação à definição das fronteiras identitárias nos encontramos ainda no meio de lutas acirradas em que o reconhecimento e o respeito, ou o desrespeito da diversidade e dos direitos relacionados, são parte importante de enfrentamento na arena política e jogam papel de destaque na definição e implementação de diferentes políticas públicas. Um dos campos em que tais enfrentamento ocupam lugar central é com certeza aquele do direito à ocupação de parcelas territoriais reconhecido pela Constituição de 1988.

Estou pensando aqui, por exemplo, na situação vivida por grande número de grupos indígenas e de comunidades quilombolas, situação de marginalidade seja territorial, seja social, que pode levar à tona os mecanismos dialéticos de construção e emprego das imagens de inclusão/exclusão próprias dos discursos sobre fronteiras. De fato, grandes trechos de território ao longo das fronteiras do país são hoje ocupados por áreas indígenas, e as argumentações proferidas em defesa de interesses econômicos e políticos, em relação à ocupação e desfrute destes territórios contra o direito indígena fazem leva em conceitos como “muita terra para poucos índios” ou sobre a periculosidade que a demarcação de extensa áreas de fronteiras como terras indígenas comporta para a “integridade e a segurança nacional”.

As discussões em torno do perigo que a demarcação de terras indígenas em áreas de fronteiras acarretaria para integridade do território nacional soam um tanto ridículas, ao fazer uso de argumentos relativos a supostas intrigas internacionais contra a soberania do Brasil (exatamente, penso eu, pela “naturalidade” adquirida à qual me referia antes). De outro lado, o argumento de “muita terra para poucos índios”, ao fazer referência a outros tipos de fronteiras, aquelas que dizem, sobretudo, respeito à ideologia da modernidade, ainda mantém uma força notável. Apoiando-se nesse pano de fundo ide-

~129~

ológico, o processo de construção do “índio” como incapaz e inadaptado, como “obstáculo” ao processo de modernização do país, jogou um papel predominante em justificar os processos de apropriação de territórios tradicionalmente ocupados por grupos indígenas, e ainda hoje faz parte das estratégias de grupos de interesse variados. A construção do “índio” como “outro desprezável”, não obstante tenha sido oposta por figuras antagônicas de um índio “verdadeiro dono da terra”, “bom selvagem” etc., ainda hoje permeia boa parte do imaginário de ampla parcela da população, e é alimentada por campanhas de denigração na mídia, cuja mera existência e possibilidade pode nos dar uma ideia do enraizamento que estas fronteiras ideológicas ainda mantém no imaginário. As demonstrações do radicalização de tal pensamento modernista/racista podem ser encontradas quase diariamente nos meios de comunicação e em boa parte dos comentários que estas suscitam no meio da população.

Para se ter uma ideia dos níveis de violência discursiva, que ainda hoje são alcançados pelos proponentes desta visão da alteridade indígena, podemos citar como exemplo a pena infligida a dois anos de reclusão de um jornalista do jornal *O Progresso* por ter escrito um artigo altamente ofensivo sobre os índios do Mato Grosso do Sul. Trata-se, acredito, do primeiro julgamento que reconhece culpado um jornalista por expressar-se em termos considerados lesivos aos direitos e da dignidade dos grupos indígenas, cometendo crime de preconceito racial. Se de um lado podemos acolher com satisfação a decisão da justiça em tutela dos direitos e da dignidade dos grupos indígenas, do outro temos que reconhecer que não se trata de um acontecimento isolado mas parte de um contexto que vê os índios alvo de campanhas difamantes que atentam fundamentar a negação de direitos adquiridos a custo de luta e sacrifícios enormes. No caso em questão, o pano de fundo a ser considerado é aquele da questão fundiária, que vê os índios do Mato Grosso do Sul (e não somente) protagonistas de uma luta ímpar contra interesses latifundiários extensos, para o reconhecimento do direito à ocupação das terras que lhes foram subtraídas ao longo da expansão da frente agropecuária nesta parte do país. Esses índios, sobretudo Guaraní, mas também outros grupos, como Terena e Kadiweu, que ocupam hoje parcelas pequenas e insuficientes para as próprias necessidades no estado do em questão, foram aí relegados com a anuência e a colaboração de SPI (o

Serviço de Proteção aos Índios), e depois da FUNAI, para permitir a ocupação de suas terras por parte de colonos. Não se trata de uma história escrita em períodos longínquos da formação do país, mas de acontecimentos que começaram a ter lugar no século passado (os primeiros títulos de propriedade no atual Mato Grosso do Sul são concedidos a partir de meados dos anos 1920). Os Guarani, como aconteceu no período do Brasil Colônia, procuraram distanciar-se da frente de expansão e “esconder-se” nas matas existentes em seu território; com a progressiva expansão das atividades agropecuárias, essas florestas são derrubadas e os Guarani expulsos, ou relegados no fundo das recém formadas propriedades e usados como mão de obra.

Os processos de expropriação, favorecidos pelas políticas de expansão operadas pelo Estado e facilitadas pela atuação dos órgãos indigenistas provocaram, aos poucos, a oposição sempre mais firme dos grupos indígenas que, a partir do final dos anos setenta, frente à redução sempre maior da possibilidade de manter condições culturalmente informadas de estilo de vida, procuraram constituir alianças internas e com setores da sociedade envolvente e travar lutas sempre mais acirradas para garantir suas terras, seja com a firme oposição em sair das parcelas territoriais ainda ocupadas (não tendo mais para onde ir, afinal), como também se mobilizando para recuperar terras que foram obrigados a abandonar no passado. As lutas consequentes estão ainda em pleno desenvolvimento e, para além das páginas dos cotidianos e revistas, assumem sua trágica factualidade nos contínuos atos de violência contra grupos que reivindicam parcelas territoriais, e no assassinato de lideranças indígenas que vêm, os Guarani, encabeçando tristemente as estatísticas.

Que fique claro que não estou formulando acusações genéricas contra as políticas do Brasil em relação à alteridade, que, pelo menos formalmente, podem ser consideradas, hoje, entre as mais avançadas do ponto de vista do reconhecimento do direito à diversidade. O ponto aqui é exatamente levantar o fato de que, não obstante os avanços e as conquistas no campo legislativo, o substrato ideológico de parcelas notáveis de brasileiros (entre os quais temos também, infelizmente, integrantes do corpo judiciário, político e militar) que faz referência às fronteiras étnicas em termos valorativos que *per se* justificam a negação dos direitos à autodeterminação. É a condição de possibilidade da reiteração de atos de violência contra tais grupos. Trata-se, em suma, de nos interrogarmos sobre os fundamentos da legitimidade que

~131~

ainda mantêm visões mais ou menos xenófobas do social, e sobre os meios de sua persistência.

É intrigante notar como os processos de globalização (econômica), o desenvolvimento dos meios de comunicação e transporte, e o abatimento das fronteiras da informação e intercomunicação, tenham como corolário o acirramento das tendências xenófobas e de fechamento frente a diversidade, tendências que permeiam atualmente boa parte dos enfrentamentos políticos em muitos países da Europa.

De fato, seria pouco inteligente não reconhecer que os atos de extrema violência que tiveram lugar recentemente em Oslo, afundam suas raízes na existência de uma visão xenófoba do mundo que, com a diluição da memória histórica sobre causas e consequências do último conflito mundial, ganha sempre mais força (como demonstra o sucesso de formações políticas na Europa que refazem-se a tais ideias) e é estimulada por parte de atores políticos que usam-na como meio para aglutinar consenso e poder. Estou convencido que a questão mais importante em relação a esta tragédia é reconhecer a necessidade de considerar, para além da “loucura” ou do “fanatismo” individual, suas ações como sintoma, até se extremo, de modalidades mais abrangentes de pensamento social, fruto de processos de socialização e aculturação, em que as fronteiras culturais e seus epifenômenos histórico-políticos assumem um papel simbólico de referência de primeiro plano, sobretudo no que diz respeito à “naturalidade” e à “natureza” das mesmas.

Seria errado querer isolar o atentador do contexto social em que suas ideias e motivações tomaram corpo e consistência, atribuindo-lhe apenas os apelidos de “loucura” ou “monstruosidade”. Sua formação cultural, a ampla documentação por ele produzida acerca das justificações de seus atos – reveladora de uma comunidade de argumentação que as compartilha –, nos fornece material para situá-lo como expressão – extrema nas suas consequências, mas certamente não isolada – de modos de pensamento, fomentados por fins de luta política, sobre a natureza da “diferença” e da “alteridade”, que não podem ser considerados marginais. É essa não-marginalidade, essa possibilidade de desfrutar e fomentar a negatividade no sentir comum sobre a diferença, que deveria constituir o alvo de reflexões sérias e abrangentes, voltada à formulação de estratégias para a explicitação, a denúncia e a correção dos mecanismos que permitem a construção negativa da alteridade.

É interessante notar que discursos reificados entorno do repúdio à diferença assumem tom diferente e fazem uso de figura retóricas até conflitantes. O apelo a uma presumida “pureza” ou “tradição” cultural e/ou racial autóctone e a necessidade de sua proteção e preservação, que na Europa fundamenta, por exemplo, as campanhas contra os imigrantes e contra os fautores do assim chamando “multiculturalismo”, não faria sentido no Brasil, ou, pelo menos, não faria “aquele” sentido. Assim, enquanto na Europa o discurso xenófobo faz apelo a valores “tradicionais”, para implementar determinadas visões e divisões do mundo social, no Brasil refere-se à “modernidade”, entendida como progresso técnico, cultural e econômico, para sustentar a negação do direito à alteridade. Isto deveria nos alertar sobre o fato de que, o que está em pauta não são os temas de discursos proferidos incidentalmente sobre justificações para posturas mais ou menos xenófobas, mas a ativação de mecanismos ideológicos poderosos e radicados no sentir das pessoas que naturalizam a existência de diferenças culturais (objetivadas ainda mais por meio de imagens raciais e/ou religiosas) – que dependem de acidentes históricos e não de propriedades intrínsecas – para equacionar atribuições valorativas a tais diferenças, e empregá-las ao fim da perseguição de interesses particulares.

~133~

Deste ponto de vista, voltando ao que diz respeito aos índios no Brasil, seria instrutivo considerar as imagens veiculadas na cultura escolar nos dois ciclos do ensino fundamental sobre os índios, ou o lugar dedicado a eles nos programas de História das Américas no ensino médio, para se dar conta das bases que fundamentam, permitem e justificam a abrangência de modos negativos de pensamento sobre alteridade e diferença. De fato, as pesquisas realizadas sobre tais assuntos levantam o problema da persistência de formas estereotipadas de pensamento que relegam a legitimidade da alteridade cultural a um tempo histórico passado, e que contribuem à possibilidade de negar-lhe, de fato, o direito à contemporaneidade.

Reconhecer e denunciar a abrangência e o enraizamento dos processos, que permitem que os discursos construídos acerca da materialidade e naturalidade das fronteiras culturais sejam instrumentos de instituição e manutenção de relações de poder e prevaricação, é uma passagem obrigatória para avançar na luta rumo a um mundo em que a diversidade seja encarada, finalmente, como a enorme riqueza que representa.



A autora diante da universidade de Lisboa, em 1972.

O capítulo além-mar da minha vida

— *por Regina Rangel*

Regina Rangel é geminiana, tagarela, espontânea e agitada. Faz viagens afetivas por Portugal, Brasil e Inglaterra. Canta em coral. Budista de alma e coração. Curte pipoca, jujuba e brigadeiro.

Era 1972. Eu me preparava para o vestibular em Medicina, sem saber se queria mesmo ser médica. Talvez por isso, não tenha obtido aprovação, para a Cesgranrio, aqui no Rio de Janeiro. Ainda assim achei melhor insistir, pois minha segunda opção, Nutrição, era menos interessante para mim. Não me resolvia e o tempo passava, foi então que recebi um telefonema de uma amiga, contei-lhe minha história e ela sugeriu que eu tentasse de novo, dessa vez seguindo para Lisboa. Perguntei: “Nuno Lisboa ou Celso Lisboa?”** Gostei da ideia.

Fui ao consulado me cadastrar com a intenção de prestar o exame para a Universidade de Lisboa e, qual não foi a minha surpresa, ao saber que mi-

~135~

* N.E.: Nuno Lisboa e Celso Lisboa são universidades particulares da cidade do Rio de Janeiro.

nhas notas aqui no Brasil poderiam ser aproveitadas? Logo recebi uma carta assinada pelo cônsul, indicando que comparecesse ao Largo do Rilvas, número 5, no Ministério dos Negócios Estrangeiros – em Portugal. Já estava aprovada.

O próximo passo era dar a notícia à minha família. Uma coisa é dizer que você vai fazer medicina, outra é dizer que vai fazer medicina em outro país... Sendo mulher... E caçula. Não, não é uma coisa fácil. Sobre a minha mudança, meus familiares divergiam; em especial meu pai, pois era pessoa muito conservadora, mas se preocupava e queria o melhor para sua filha. E eu, que nunca tive chave de casa, fui viver sozinha em outro país, aos vinte anos. Ironicamente, meu pai, foi o grande apoiador de todo o projeto e se envaidecia vendo a filha concretizar um sonho dele, há muito acalentado. Costumava me escrever e no envelope das cartas expedidas, frases de escritores portugueses como Thomaz Ribeiro: “Nunca vi Lisboa... e tenho pena.”

~136~

Não morar em Coimbra foi uma das primeiras decisões. Passei por lá rapidamente e achei triste, solitária, além de ser longe da capital; sem bancos, praia, consulado, movimento.

Cheguei em Portugal em um momento difícil e tenso. Assustei-me com atos de contenção, com a polícia com cães perseguindo alunos. Logo falaram em revolução.

Nesse início, arditosamente, argumentei com meu pai que me enviasse mais dinheiro, para eu aproveitar a oportunidade de conhecer a Alemanha e visitar uma prima que morava em Bonn. E assim, ainda deixaria um pouco do tumulto que se instalava em Lisboa. Porém, antes de viajar, precisava ajudar um amigo brasileiro que, assim como eu, fora com a mesma intenção de estudar. Essa amigo se submetera a uma prova escrita e discursiva, com conteúdo que nós não tínhamos aqui no Brasil. E na tentativa de salvar sua matrícula, decidimos marcar uma audiência com o secretário de educação. Fomos eu, sua tia e ele, todos cheios de ousadia, pedir uma revisão da prova. Ela fez um apelo emocionado ao secretário de Educação e, chorando copiosamente, tentou comover aquele senhor. Não obtivemos êxito algum e, sem muita alternativa do que fazer e ainda preocupados com a situação da capital portuguesa, partimos num trem para a parte festiva de toda a viagem. Destino: Espanha, França, até chegarmos à Bonn. Foram dias de muita aventura, com direito a amizade com o *chef* do trem, que até nos descolou um licor maravilhoso de nome *Tia Maria*. E também, coincidentemente, encontramos o secretário de Educação no mes-

mo trem, servindo-se de uma *merenda* (chamou-me a atenção o seu guardanapo de linho com o monograma bordado à mão). Ele, no entanto, desceu em sua cidade natal: Guarda. Estava indo visitar sua mãezinha... Além da tia querida, estava conosco uma *lady lisboeta*, que nos ciceroneava e nos acompanhava aos restaurantes e *tascas*, ensinando-me a não cometer a gafe de usar o palito que estava sempre ali, à mesa, e disponível. Também me ensinou a beber vinho tinto e me apresentou o vinho verde, no Norte – desse não consegui gostar...

No começo das aulas, instalei-me numa casa próxima à universidade, em um bairro de nome que, no Brasil, seria motivo de piada: “Rego”, com sua rua principal repleta de repúblicas estudantis. A dona da casa era uma senhora que, volta e meia, lavava sua roupa no rio. Em algumas ocasiões eu fui junto lavar minha roupa. Próximo de mim, morava aquele amigo brasileiro, o mesmo que não obteve admissão na universidade, e que tocava violão se apresentando em alguns shows e por sorte não morreu num acidente envolvendo um grupo de dez jovens, entre eles um líder de turma angolano, o grande incentivador para que fossem a este lugar, ao sair da *patuscada*, altas horas...

~137~

Era comum curar porre bebendo cacau no Cais do Sodré. No caminho, o angolano resolveu guiar o grupo até um monte de pedra, que avança para o mar. A velocidade da água é de mais de 100 km/h, abrindo um buraco na pedra, que foi chamado de “Boca do Inferno”. Foram todos levados pelas ondas, que lamberam as pedras e a maioria daquelas pessoas desapareceu no mar. As autoridades não se arriscavam a entrar ali para buscar os corpos. Os próprios amigos das vítimas se mobilizaram e os bombeiros vieram a resgatar, depois de muitos apelos, seis corpos: três brasileiros, um angolano e dois portugueses. Lembro-me de, no dia seguinte, ir até a estação de Rossio atrás de uma cabine internacional falar com meus pais e tranquilizá-los, pois a tragédia foi noticiada no Brasil.

Dentre as dificuldades com as quais me deparei, telefonar para casa era a mais complicada. Era muito distante de onde eu morava e precisava aguardar mais de três horas para que a ligação fosse feita. Minha primeira amiga lisboeta, Manoela, era funcionária do Banco do Brasil. Lá “inauguramos a internet”: fazíamos contato via Telex com meu pai, que trabalhava na agência do centro do Rio de Janeiro. Foi emoção pura! Ler a mensagem saída daquela geringonça, eu estava teclando com meu pai!

Manoela também me ajudava nas sugestões do que comer, como um *pequeno almoço* que constava de um *galão* e um *sandes de fiambre*. Adorava ver isso! Um povo que falava a mesma língua, mas de um jeito totalmente diferente. No primeiro almoço do bandejão da universidade, pedi um *bitoque*. Como sabia da raridade de certos itens, levei na mala do Brasil coisas como: Polvilho Antisséptico Granado, ketchup e esbarrava em reminiscências, como no dia em que, na casa de uma amiga, vi um pote cheio de brigadeiro, trazido do Brasil por alguém.

A diferença essencial (muito comum em toda Europa) é que se comia muito mais batata que arroz. E bebia-se muito mais vinho do que cerveja. Numa festinha de primeira comunhão em Trás-os-Montes, fiquei espantada com *miúdas* de dez anos, correndo pela casa de vestido branco e parando na mesa de doces para beber vinho do porto!

~138~

Outro estranhamento foram os cafés. As pessoas sentavam-se com um livro na mão e ficavam ali, tranquilamente, horas sem consumir nada, às vezes um chá ou café. Só nos dias de hoje encontramos isso no Brasil.

Havia a famosa feira popular, onde experimentei as sardinhas na brasa. Também na brasa, em carrocinhas espalhadas por toda a cidade (como os pipoqueiros aqui no Brasil), provei as castanhas portuguesas, típicas durante outubro. Outra mágica que acontecia neste mês era pisar em tapetes de folhas secas, nos lindíssimos parques cujas árvores variavam do verde escuro, ao claro e ao marrom.

Algumas imagens dessas passagens foram marcantes como: a primeira vez que vi a neve, na Serra da Estrela, a caminho de Manteigas – um vale lindíssimo!

A Vila de Murça, onde fabricavam o vinho *Porca de Murça*. Na praça principal estava instalada uma estátua com a porca medieval. Lá eu conheci um padre que me convidou para um pequeno almoço, servido por uma criada, de uniforme preto com avental engomado. Mais parecia um *brunch*, pois a mesa era muito bem servida, com presunto da Serra da Estrela, pães, bolos, queijos e doces...

Mesmo com toda a tensão que pairava em Lisboa, no Brasil a interpretação era outra. Chico Buarque dera uma entrevista para um canal de televisão dizendo que o seu desejo era de que os ventos atravessassem o oceano, levando liberdade democrática também para o Brasil. (“...Foi tão linda a festa pá!...”

Tocava na rádio também músicas como Grândola Vila Morena, que passou a ser a trilha sonora da revolução.

Na universidade, transitavam alunos de todas as possessões na África: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau. Também das Ilhas Madeira, Açores e um ex-seminarista de Macau, alguns de Cabo Verde, além das dezenas de brasileiros, de várias regiões. Sul, Sudeste e muitos do Nordeste. A nossa fama era de que “não queríamos nada com a hora do Brasil”. Uma das cenas inesquecíveis foi ver um aluno que diziam ter vindo da guerra em Angola. Ele andava com um “troféu” na cintura: um dedo mergulhado no formol, orgulhando-se de trazer a prova de que esteve lá, gabando-se de ser de extrema direita.

Tudo culminou com a Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974. Saímos às ruas para comemorar a queda do salazarismo. Havia tanques nas ruas e dos canhões saíam cravos vermelhos. Por isso o nome. Todos marchavam gritando: “O POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!”. Participei de vários movimentos, palestras e RGEs (reunião geral de estudantes) no campus, onde se ouviam palavras de ordem como: “Pela liberdade democrática!”, “Abaixo o latifúndio!”. Depois, as pessoas se sentavam nos cafés para beber um *fino* ou muitas *imperiais*.

~139~

Íamos de carro para os *copázios*, quando ouvi no rádio uma música que me despertou curiosidade. Os gajos diziam: “essa brasileira sabe das coisas”. Talvez sim, porque a nossa fama era de sermos a maioria superficiais, sem cultura, nem engajamento político, haja vista a propaganda de turismo, sempre mostrando as mulheres de tanga, na praia ou nas novelas que se referiam às sopeiras (donas de casa que assistem TV as *soap opera*).

Os colegas da faculdade costumavam marcar jantares, e aceitei o desafio de cozinhar uma feijoada para um grupo de vinte jovens. Apesar do nervosismo, consegui me safar bem (em vez das nossas carnes secas, usei coisas de porco fresco, compradas no mercado, um luxo!) eles elogiaram muito.

A minha luta entre me jogar naquele mundo novo e estudar era o grande desafio. Tentei permanecer naquele cenário em que muitos brasileiros voltavam e outros levavam a coisa a sério e até fiz amizade com uma menina do Paraná, com quem estudava muito. Minha primeira aula de anatomia foi num grande anfiteatro e o professor me zoava cantando: “É pau é pedra é o fim do caminho...” sempre que eu chegava e, na chamada dizia: “Dona Elis Regina!

Me envolvi com um gajo que tinha chegado da Guiné-Bissau. Era militan-

te do Partido Comunista de Álvaro Cunhal e sofreu por combater na guerra colonial, uma vez que seus princípios eram totalmente contrários à ditadura vigente. Como responsável por dezenas de jovens, analfabetos, que lutavam como soldados por algo que sequer entendiam, viu seu caminho interrompido na faculdade de direito. O serviço militar durava dois anos e muitos voltavam mutilados. No Brasil só escutava narrativas da Guerra do Vietnã e foi uma surpresa enorme para mim, que um país tão pequeno, sofresse com tantos jovens sofrendo na guerra.

~140~



Foram três anos de um relacionamento conturbado pela grande diferença de cultura e mentalidade. O grande saldo positivo foi a chegada de um filho, muito esperado e amado, que quase nasce lá... Entretanto, escolhi o conforto e o aconchego da família, vindo ao Rio de Janeiro e voltando com o menino nos braços, me deparando com uma Lisboa em recessão, na bancarrota. Ainda fiz um grande esforço, mas sem ajuda, tendo que cuidar dele, estudar e ainda de casa, me vi obrigada a, mais uma vez, pedir socorro a meus pais e voltar com o meu filho para o Brasil...

Trinta e seis anos passados, ainda fica uma ponta de curiosidade. Com o olhar de hoje, como seria rever Lisboa? Quem sabe em breve, concretizo o sonho de voltar lá.

~141~

Copyright © 2012 by Revista RapaDura,
Editora Multifoco

EDITORA MULTIFOCO

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.
Av. Mem de Sá, 126, Lapa
Rio de Janeiro - RJ
CEP 20230-152

Direitos de edição da obra pertencentes à revista RapaDura e a Editora Multifoco. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores do copirraite.

As opiniões e os posicionamentos de quaisquer ordem emitidos por nossos colaboradores, não refletem, necessariamente, o pensamento da revista RapaDura. Somos um canal aberto a qualquer forma de expressão, independente de ideologias, sendo elas de responsabilidade de seus emissores.

ISBN: 978-85-66226-53-9



_acesse:

www.REVISTARAPADURA.com

Este livro foi composto em Bodoni e
Rotis Serif pela Editora Multifoco e
impresso em papel offset 75 g/m².